

# UM OLHAR PARA AS ORIGENS

## HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE PROTÁSIO ALVES



 **UCS**  
UNIVERSIDADE  
DE CAXIAS DO SUL

INSTITUTO MEMÓRIA  
HISTÓRICA E CULTURAL

Anthony Beux Tessari  
Eliana Gasparini Xerri

©2020 Todos os direitos reservados aos autores.

**Editor**

Felipe Toniolo

**Projeto Gráfico**

Felipe Toniolo

**Fotos da capa**

Sonia Reginato; Gag Design; Acervo Público

**Foto e texto da contracapa**

Sonia Reginato

**Conselho Editorial**

Alecsandra Cunha, Dra.

Alysson Custódio do Amaral, Dr.

Andresa da Costa Ribeiro, Dra.

Cadidja Coutinho, Dra.

Cláudia Sirlene de Oliveira, Dra.

Lucas Visentini, Dr.

Rafael Friedrich, Dr.

Ronaldo Kanopf de Araújo, Dr.

Sandra Maders, Dra.

Valdo Barcelos, Dr.

Valmor Scott Jr., Dr.

Cleni Inês da Rosa, Ma.



Travessa Adão Comasseto, 200  
Santa Maria-RS, CEP 97060-485  
(55) 4102-4066  
contato@editoracaxias.com.br  
www.editoracaxias.com.br

---

T338u Tessari, Anthony Beux

Um olhar para as origens: história do município de Protásio Alves. / Anthony Beux Tessari, Eliana Gasparini Xerri. – Protásio Alves, RS: Editora Caxias, 2020.

184 p. : il.color; 30X23cm

ISBN: 978-65-990762-7-5

1. História – Município. I. Xerri, Elian Gasparini. II. Título.

---

CDU 94(816.5)

Ficha catalográfica elaborada por Denise Escobar Copello, CRB 10/1676

Anthony Beux Tessari  
Eliana Gasparini Xerri

UM OLHAR PARA AS ORIGENS:  
HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE  
PROTÁSIO ALVES

2020  
Editora Caxias  
Protásio Alves-RS



D. POR. GIOC. E. CATI. CAPPELLARI.

## AGRADECIMENTOS DOS AUTORES

Registramos nossos agradecimentos às pessoas que colaboraram para a escrita deste livro, incluindo todas(os) que foram entrevistadas(os) durante a pesquisa, que gentilmente nos receberam em suas casas e compartilharam conosco suas experiências e memórias, sendo os nomes citados ao longo do texto. Com nossos sentimentos aos familiares e amigos, dedicamos homenagem especial àqueles que partiram antes de poder receber esta obra em mãos: Albino Francison, Itolino Rosin e João Nacir Lorencet.

Agradecemos também pelo apoio do professor Everaldo Cescon, da Área de Conhecimento de Humanidades, das colegas do Campus Universitário da UCS de Nova Prata, diretora professora Dra. Rosecler Maschio Gilioli e analista Lauana Silva Cardoso Blanco, e da Coordenadoria e Agência de Projetos da UCS, Romeu Bertuol, Caroline Nöthen, Daniela Iliadis e Eliane Stumpf. Igualmente, à equipe de funcionários e estagiários do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Área de Conhecimento de Humanidades da UCS, órgão em que o projeto do livro esteve vinculado, pela realização da transcrição das entrevistas de História Oral que compõem esta obra.

De forma especial, agradecemos ao prefeito municipal de Protásio Alves, José Maximino Spanhol, pela idealização do livro – iniciativa louvável – e pela confiança no trabalho da Universidade de Caxias do Sul; aos membros da Comissão Especial para a Produção do Livro Histórico criada pela Prefeitura, pessoas que nos acolheram com bondade e afeto, e nos abriram, com total atenção, todos os caminhos da pesquisa, nomeadamente: Vania Maria Dall’Agnol Spanhol (Primeira-Dama), pároco padre Luciano Cansan, e professores Agustinho Costa, Elisabete Amália Ferreira Prigol (Bete) e Ivani Inês Balzan Bolzan.

Sentimo-nos gratos e honrados pela oportunidade de desenvolver e entregar esta pesquisa histórica à comunidade de Protásio Alves. Este livro confirma a missão da Universidade de Caxias do Sul de produzir, sistematizar e socializar o conhecimento com qualidade e relevância para o desenvolvimento sustentável, bem como, reforça o princípio da Instituição de buscar inserção no plano regional.

Povo protasioalvense, muito obrigado!

## APRESENTAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Para resgatar e registrar a história do Município de Protásio Alves, idealizamos a escrita e publicação deste livro. Conhecer para amar e valorizar as origens, a cultura, as tradições, os saberes. Conhecer as próprias raízes para compreender o presente, desenvolver o senso de identidade e se apropriar de valores que podem nortear decisões mais assertivas ao projetar as ações do futuro.

Missão complexa a de mergulhar nas memórias, escutar as vozes vindas do passado através dos relatos e de documentos do presente, reconhecer a origem e identidade de nosso povo, resgatar vivências, fatos e lembranças!

O conhecimento e a valorização da história e do legado dos antepassados deverão fortalecer a autoestima e o orgulho de ser protasioalvense ou de ter as origens ligadas a essa terra.

Pretende-se, através desta obra, prestar uma respeitosa homenagem aos homens e mulheres que bravamente contribuíram para a construção de nossa história e que, hoje, com trabalho, simplicidade e coragem continuam escrevendo belas páginas e deixando grandes lições de vida no livro do cotidiano deste município.

Agradecemos a todos que contribuíram para que este livro se tornasse uma realidade e, de forma muito especial, à Universidade de Caxias do Sul através dos historiadores Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, a todos que aceitaram relatar suas histórias e aos integrantes da Comissão Municipal formada para auxiliar nas pesquisas e revisão da obra: professores Agostinho Costa, Elisabete Amália Ferreira Prigol, Ivani Inês Bolzan e Vania Maria Dall’Agnol Spanhol e Pe. Luciano Cansan.

Espera-se que os leitores, lendo e relendo essa obra, sintam-se envolvidos pela essência do ser, conhecer e amar Protásio Alves.

Sigamos “Construindo Juntos” nossa aconchegante e próspera “Pérola da Serra Gaúcha”!

## APRESENTAÇÃO DA COMISSÃO ESPECIAL PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Receber o convite para compor a comissão que iria contribuir para o resgate da história de Protásio Alves foi viver um misto de alegria, gratidão e responsabilidade, pois tínhamos a oportunidade de mergulhar no passado para conhecer melhor nossas raízes, através de relatos dos moradores, coleta e realização de fotos, registros já existentes, entrevistas... resgatando memórias, pinceladas de vida, conquistas, emoções... Uma trajetória do passado ao presente de nosso município.

Um trabalho relevante para a comunidade e de suma importância para as gerações futuras.

Imensa gratidão ao prefeito municipal José Maximino Spanhol por sonhar e não medir esforços para tornar este sonho realidade. Gratidão aos autores Anthony e Eliana, que mergulharam nesse projeto e aceitaram nossa humilde contribuição. Agradecimentos muito especiais às pessoas que, tão gentilmente, receberam-nos em suas casas e nos permitiram a leitura das páginas de suas vidas.

O legado de um povo, sua vida, sua identidade transformada em livro: *Um Olhar para as Origens: História do Município de Protásio Alves*.



*Comissão Especial para a produção do Livro Histórico do Município, com o prefeito municipal, secretária da Educação e autores, em 2019.*

# SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS DOS AUTORES .....</b>	<b>5</b>
<b>APRESENTAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL .....</b>	<b>6</b>
<b>APRESENTAÇÃO DA COMISSÃO ESPECIAL PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Compleição inicial de Protásio Alves .....</b>	<b>15</b>
1.1 Aspectos históricos – presença de povos nativos .....	20
1.2 Século XX: primórdios .....	25
<b>CAPÍTULO 2 - Caminhos para a emancipação .....</b>	<b>43</b>
2.1 Protásio Alves – 1988 - 2020 .....	47
2.2 Incursão às Administrações Municipais .....	65
<b>CAPÍTULO 3 - História e cultura de Protásio Alves na voz de seus moradores .....</b>	<b>77</b>
3.1 Memórias sobre a imigração: origens e primeiros tempos .....	79
3.2 Infância, trabalho e escola .....	100
3.3 Lazer, ofícios e conhecimentos populares .....	113
3.4 Religiosidade e casamento .....	119
<b>Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário .....</b>	<b>131</b>
<b>Uma obra de arte que aproxima o passado e o presente .....</b>	<b>143</b>
<b>Sinos e Torre da Igreja Matriz – 1926 e 1966 .....</b>	<b>144</b>
<b>Comunidade Santo Antônio, Linha Quinta – 1892 .....</b>	<b>146</b>
<b>Gruta Nossa Senhora de Lourdes – 1941 .....</b>	<b>148</b>
<b>Cemitério Público Municipal e Capela – 1912 .....</b>	<b>152</b>
<b>Capitel Comunitário de São Vitor, Linha Sétima – 1940 .....</b>	<b>155</b>
<b>Capitel do Sagrado Coração de Jesus – 1960 .....</b>	<b>157</b>
<b>Igreja de Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora das Graças – 1945 .....</b>	<b>158</b>
<b>Igreja de São Valentim – 1947 .....</b>	<b>159</b>

Gruta de Nossa Senhora de Fátima – 1964 .....	161
Capitel Santo Antônio, Linha Oitava Turvo - 1910 .....	162
Igreja Nossa Senhora de Monte Bérico e Santa Bárbara – 1921 .....	164
Capela N. Sra. Caravaggio, Linha Sexta – 1922 .....	166
Capitel São Peregrino, Linha Oitava Turvo – 1996 .....	168
Capitel do Taquaral, Linha Sétima – 2014 .....	169
Serviço Notarial e Registral em Protásio Alves .....	170
Parque da Imigração – 2020 .....	170
Símbolos Municipais .....	172
Soberanas do Município de Protásio Alves .....	177
REFERÊNCIAS .....	180
Sobre os autores .....	183



# INTRODUÇÃO

*Anthony Beux Tessari  
Eliana Gasparini Xerri*

Historiar um município é ter em mente que a história nunca nos conta tudo e, com essa certeza, iniciamos por aquela que se configura como primeira narrativa histórica do Município de Protásio Alves – RS. Faz-se uso, nesse sentido, de Michel De Certeau, ao afirmar que a narrativa histórica:

tem uma função simbolizadora, permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem um passado e abrindo um espaço próprio para o presente: marcar um passado é dar lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade que enterra os mortos como meio de estabelecer um lugar para os vivos (CERTEAU, 1982, p. 107).

Dessa forma, Protásio Alves, pequeno município do Rio Grande do Sul, é abordado historicamente, prenunciando lacunas e novos trabalhos sobre seu povo, dados anteriores da colonização, processo de colonização, mesmo que de forma breve, processos coletivos educacionais, políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos.

A partir de entrevistas e de documentos do município, o ouvir contar, selecionar e decidir trouxeram a dificuldade de escolher o que e como escrever. Contudo, à luz de revisão bibliográfica sobre a região, e a certeza de que Protásio Alves foi até o momento referenciado de forma abrangente, a opção pela elaboração do texto se deu a partir dos relatos de seus moradores.

Reforça-se que a história do município pode ser narrada pelas memórias e experiências daqueles que foram testemunhas e sujeitos de suas transformações ao longo do tempo. Ouvir e registrar a voz das “pessoas comuns” têm sido, na História, uma nova postura diante dos acontecimentos, e incorporar essas falas à narrativa histórica é essencial para uma escrita mais participativa sobre o passado e sobre as diversas dimensões da vida em sociedade.

Esse desejo de participação e de pluralidade de vozes levou-nos a escolher os procedimentos da História Oral para a construção de boa parte deste livro, estabelecendo-se, sempre que possível, diálogo com a historiografia e com outras fontes. A História Oral é um campo recente na ciência histórica e pressupõe a produção

de fontes para a realização da pesquisa. Sobretudo, e conforme já destacou Verena Alberti (2007, p. 42), a grandeza do campo da História Oral está em ser “um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomados como dados objetivos, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre nosso entendimento do passado.”

Intimamente relacionado com as fontes orais está o conceito de memória, pois é o principal sentido ativado pelo entrevistado para elaborar o seu relato. Deve-se considerar, conforme Maurice Halbwachs (2004), cujo estudo se tornou um clássico sobre o tema, que a memória é uma construção coletiva, a qual existe e adquire significado pela convivência dos sujeitos em sociedade e que serve para reforçar o sentimento de pertencimento a uma comunidade – em outras palavras, a memória é elemento formador da identidade social.

Para além desse entendimento, é importante acrescentar que a memória é feita de lembranças, mas também de esquecimentos, de silêncios, de “não-ditos”. Recorrendo a outro texto clássico sobre o assunto, o pesquisador Michel Pollak (1992) destaca que, nesse ato de esquecer e de silenciar, há intencionalidade dos sujeitos, por diversas razões – para exercer poder e domínio ou para superar uma experiência histórica traumática, por exemplo –, estando a memória em um permanente campo de disputa.

À compreensão dessas questões teórico-metodológicas, inerentes ao trabalho de pesquisa com as fontes orais, soma-se o desafio de articular uma quantidade expressiva de relatos tomados em campo para a produção da escrita histórica. Os relatos são feitos a partir do presente e registrados na forma de entrevistas, para um ou mais interlocutores – que estimulam questões e projetam expectativas no entrevistado. Além dessa diversidade de vozes, percebe-se, nas entrevistas, uma variedade de estilos de narrativa, de formas de expressão e de sentimentos com relação ao passado. Por acharem-se vinculados às experiências dos sujeitos no tempo, são esses os elementos que procuramos evidenciar no texto.

Em termos quantitativos, foram entrevistadas 38 pessoas, todas no ano de 2019, com gravações feitas exclusivamente no formato de áudio. A pessoa mais jovem a ser entrevistada possuía, à época da pesquisa de campo, 54 anos, e a mais velha, 100 anos. Levando-se em consideração todos os entrevistados, como média de idade, registrou-se a faixa etária de 80 anos. A divisão por gênero ficou equilibrada, com 18 mulheres e 20 homens. Quanto a duração, somadas as entrevistas, resultou-se na quantidade de 14,6 horas (ou 880 minutos) de gravação.

As entrevistas foram produzidas pelos pesquisadores autores do livro e tiveram o acompanhamento individual dos membros da comissão especial do município

para a produção do livro, professores Agostinho Costa, Elisabete Amália Ferreira Prigol (Bete), Ivani Inês Balzan Bolzan, Vania Maria Dall’Agnol Spanhol, e o padre Luciano Cansan. Esse acompanhamento foi fundamental para o estabelecimento de uma relação de confiança com os entrevistados, e ao complementarem o roteiro, sugerindo novas questões e incentivando-os a falar sobre aspectos peculiares de suas experiências como sujeitos históricos.

Além dos relatos orais, foi realizada revisão bibliográfica sobre o município e, devido à existência diminuta de escritos a respeito de Protásio Alves, utilizamos a historiografia que trata da região mais ampla, *sites* de instituições ligadas aos governos federal, estadual e municipal e, ainda, escritos jornalísticos, na tentativa de atenuar lacunas existentes. O uso da imprensa como documento, embora inicialmente tenha causado descontentamentos entre alguns historiadores, tem sido recentemente uma fonte importante, justificada por inúmeros pesquisadores das ciências humanas e sociais. De acordo com Nóvoa (1997, p. 11)

A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente.

A fim de colaborar com as demais fontes, produziram-se fotografias durante a pesquisa, com a finalidade de expressar, pela visão, outras informações sobre a história e a cultura de Protásio Alves. Afirma Borges (2011, p. 111), ao relacionar História e Fotografia:

Equivale a conceber a imagem fotográfica como construção cultural, como código aleatório porque variável conforme o patrimônio cultural de seus produtores. Significa entabular um diálogo entre o visível e o invisível, entre o dito e o não dito, condição *sine qua non* [indispensável] para se explorar os diferentes níveis de análise de uma imagem-documento. É assim que as imagens nos revelam as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, que elas mostram como a memória coletiva vai sendo construída, criando laços de pertencimento mútuo e unindo membros.

Importante ainda salientar que o presente trabalho se insere no âmbito da História Local, pois nos aproxima de narrativas associadas aos processos constitutivos do município. Por História Local, Costa (2019, p. 132) explica que a abordagem:

pressupõe tomá-la como objeto do conhecimento (quando nos concentramos em escalas “menores” e mais próximas a nós nos nossos recortes, como o bairro, a cidade, o Estado, mas também grupos sociais e cultura material que não necessariamente correspondem aos limites geográficos e políticos dos

lugares) ou como o lugar de onde partem os conhecimentos (dos próprios professores e alunos, da comunidade, de associações e organizações locais, das universidades). Assim é que uma primeira discussão que ela permite fazer é sobre a “presença de história” em espaços (como objetos) ou a partir de sujeitos que, no senso comum, não seria cogitada.

A História Local, em síntese, permite a inserção do município em realidades mais amplas, uma vez que a ciência histórica, de forma interdisciplinar, dialoga com as demais ciências e contextos.

São estes os apontamentos metodológicos que apresentamos ao leitor para situarmos a abordagem aqui pretendida. Desejamos a todas(os) uma boa leitura!



# CAPÍTULO I

## COMPLEIÇÃO INICIAL DE PROTÁSIO ALVES

*Eliana Gasparini Xerri*

Ao apresentarmos o Município de Protásio Alves é importante demarcar o seu surgimento a partir da criação dos primeiros municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, em termos usuais, é filho de Nova Prata, neto de Veranópolis, bisneto de Lagoa Vermelha e trineto de Santo Antônio da Patrulha que, juntamente com Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, constituíram os quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul.

QUADRO 1 – GENEALOGIA HISTÓRICA DE PROTÁSIO ALVES

Porto Alegre	Rio Grande	Rio Pardo	Santo Antônio da Patrulha	Lagoa Vermelha	Veranópolis	Nova Prata	Protásio Alves
1809	1809	1809	1809 <sup>1</sup>	1876	1898	1924	1988

Fonte: *Genealogia dos Municípios Gaúchos* – adaptação: *Eliana Gasparini Xerri*.

Os municípios assinalados no quadro acima representam as origens de Protásio Alves com os respectivos anos de suas criações. A figura abaixo localiza o município no território do Rio Grande do Sul, situado a 694 metros de altitude, tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 28° 44' 20" Sul, Longitude: 51° 29' 19" Oeste.de: 28° 44' 20" Sul, Longitude: 51° 29' 19" Oeste.



*Localização de Protásio Alves em mapa do Estado do Rio Grande do Sul.*  
Autoria: *Giovana Stella*.

<sup>1</sup> O início do estabelecimento das divisões municipais do atual Estado do Rio Grande do Sul se dá a partir da Real Resolução de 27 de abril de 1809, quando as povoações de Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha tornam-se vilas da então Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. Entretanto, o documento que efetivamente estabeleceu a divisão político-territorial e administrativa destas terras foi a Provisão Real de 07 de outubro do mesmo ano, a qual definiu as autoridades a serem nomeadas em cada uma das vilas, bem como sua subdivisão em freguesias (COSTA E SILVA, 1968). IN: <https://tinyurl.com/y38l8phm>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.



*Turismo de aventura e paisagem. Autoria: Sonia Reginato.*

Atualmente, seu território corresponde a 17.282 hectares, o que lhe proporciona uma densidade demográfica de 11,3 ha\km<sup>2</sup>, uma vez que a população estimada é de 1.947 habitantes.<sup>2</sup>

Com vocação econômica relacionada ao setor primário e ao turismo, Protásio Alves tem desenvolvido atividades relacionadas ao turismo de natureza, ecoturismo, turismo de aventura e, portanto, constitui-se em local de repouso e passagem.

Suas estradas possibilitam acessar regiões diversas do estado: Serra, Campos de Cima da Serra, Norte, como também o litoral de Santa Catarina – ponto turístico para inúmeras pessoas. Para acolher os visitantes, o município disponibiliza atualmente de duas pousadas, um hotel, três restaurantes típicos e um *Pub*. A recepção prestativa e afetuosa constitui atributo significativo também em eventos, como a realização das festas religiosas nas comunidades do interior e na sede do município, feiras de exposição e divulgação de atividades da economia local e regional.

Além dos aspectos já mencionados, o município destaca-se pela preservação e manutenção de espaços públicos e históricos, pois defende que o conhecimento sobre sua história é importante para o desenvolvimento da cidadania. Contribui, nesse sentido, a preservação da antiga igreja que, além de ponto turístico, é cenário prospectivo e de significância da história local, assim como a Casa da Cultura, antiga residência e casa paroquial.

---

<sup>2</sup> <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-protasio-alves.html#:~:text=Situado%20a%20694%20metros%20de,se%20chama%20JOS%C3%89%20MAXIMINO%20SPANHOL>.



Parque da Expo Protásio (2019). Acervo: Self Controll.

Igreja Nossa Senhora do Rosário. Acervo: Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Protásio Alves.





*Casa da Cultura de Protásio Alves, antiga residência paroquial. Acervo: Prefeitura Municipal de Protásio Alves.*

Tendo como gentílico protasioalvense, a população local apresenta a religiosidade como um aspecto importante, tanto na sede do município como no interior. A religião católica é a predominante, associada ao processo imigratório no século XIX, porém, atualmente, há a presença de outras religiões. Dessa forma, o cotidiano é pautado, também, por elementos valorativos, que são explicados por Geertz (p. 94):

*O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade.*

Na perspectiva de construção da narrativa histórica, são destacados hábitos culturais que congregam o *ethos* da sociedade protasioalvense, que permitiram acessar características do cotidiano e da história do município.

Apresentar Protásio Alves na segunda década do século XXI nos levou a associar também dados estatísticos disponibilizados em sites oficiais e encontrados



Pórtico de entrada do Município de Protásio Alves. Autoria: Gag Design.

nas mídias sociais, os quais permitem reconhecer ações administrativas, educacionais, econômicas e culturais que contribuem para a qualidade de vida local oriunda das ações de coletivos sociais. Entre as características apontadas nos quadros abaixo, fica saliente a qualidade de vida favorável, uma vez que os dados traduzem aspectos importantes relacionados ao saneamento, à arborização e à escolarização.

QUADRO 2 - CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO

Ano 2017	População	1.947
	Domicílios com esgotamento sanitário	67,1%
	Domicílios com vias públicas arborizadas	82,7%
	Domicílios urbanos com urbanização adequada (bueiros, calçadas, pavimentação e meio-fio)	90,8%
	Escolarização entre 6 a 14 anos	98,1%

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/protasio-alves/panorama>. Acesso em 27 de janeiro 2020.

Outros indicativos considerados importantes para reconhecer aspectos locais, principalmente das condições de vida da população, são os estudos realizados pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE/RS).

QUADRO 3 – DADOS SOBRE A POPULAÇÃO - 2018

Ano 2018	População	2153
	Analfabetismo Maiores de 15 anos (2010)	6,95%
	Expectativa de Vida (2010)	75,36 anos
	Coeficiente de Mortalidade Infantil (2013)	0,00 por mil
	PIB per capita (2017)	R\$ 25.755,31
	PIB (2017)	R\$ 52.386,31

Fonte: <https://www.fee.rs.gov.br/perfilsocioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Prof%E1sio+Alves>  
Acesso em 27 de janeiro de 2020.

Os dados selecionados referem-se acima de tudo a pessoas e suas histórias, ou seja, possibilitam concluir que, desde o processo emancipatório, o antigo distrito de Nova Prata desenvolveu-se de forma positiva, e sua população tem sido contemplada pela realização de objetivos que, representados pela comissão emancipacionista, estão demarcando que o processo político de 1988 foi coerente, acertado e consciente dos novos desafios.

A apresentação do município, além do amparo teórico na História Local, estabelece relações com os preceitos da História do Tempo Presente, pois, conforme Ferreira e Delgado (2013):

O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais, como já foi dito, é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. A configuração da história do tempo presente está relacionada inexoravelmente à dimensão temporal presencial.

A exposição de aspectos da dimensão do tempo presente objetiva contextualizar narrativas sobre o município a fim de que o leitor possa criar suas percepções e reflexões, visando compor possibilidades interpretativas sem esquecer que as lacunas da história de um povo são inerentes na ciência histórica e motivam novos estudos.

### **1.1 Aspectos históricos – presença de povos nativos**

Devido aos poucos estudos sobre a presença dos povos indígenas na região, registramos a importância e a necessidade da realização de pesquisas a respeito, uma vez que as páginas da história necessitam possibilitar reflexões sobre a atuação e a cultura desses povos.

As memórias sobre Protásio Alves apontam a existência de indígenas na região e são apresentadas em documentos diversos, como imprensa, Livro Tombo e depoimentos. Nesse sentido, iniciamos com relatos que estão presentes em impressos jornalísticos de 1960, mais de duas décadas antes da emancipação. Os impressos nos ajudam a conceber processos históricos e, nesse aspecto, os relacionamos com o Município de Nova Prata, do qual se emancipou Protásio Alves. Dessa forma o jornal “A voz do Prata” de agosto de 1960, ano II da publicação, em sua coluna denominada Recordar é Viver, conta sobre as Origens de Nova Prata, através da narrativa do sr. Adolfo Schneider<sup>3</sup>:

A primeira penetração deste município, segundo a tradição corrente, foi feita por paulistas, descendentes dos bandeirantes que aqui mantinham internadas, onde concentravam tropas de muars, posteriormente conduzidas à paulicea. O número de famílias, segundo as mesmas tradições era reduzida a três: Pimentel, Guedes e Martins. O local escolhido para fixação desses internadores foi denominado “Meia Léguas”, o que corresponde à distância da penetração na serra, com a divisa dos campos.

Segue no relato a porção geográfica que correspondeu, até a década de 1980, ao Município de Nova Prata, reforçando o relevo peculiar entre a serra e o campo, portanto o trecho faz referência também ao território de Protásio Alves. Para Schneider as famílias citadas anteriormente abandonaram por completo suas moradias devido às constantes viagens. Sobre os indígenas colabora relatando

O atual território municipal era habitado por indígenas “coroados” que, com o início da colonização, foram se internando para o norte do Estado, estando hoje seus descendentes, poucos aliás, nos toldos de Cacique Doble, Ligeiro e Caseiros, no município vizinho de Lagoa Vermelha. Os últimos que saíram do município o fizeram lá pelo ano de 1893, quando em consequência da Revolução Federalista, muitas famílias que residiam em municípios mais diretamente atingidos pela revolução, buscavam refúgio em zonas de pouca população, por isso, não frequentadas pelas forças digladiantes.

O texto jornalístico, ao escrever o relato do ex-prefeito pratense, permite associações que concordam com o escrito do Livro Tombo da Paróquia de São João Batista de Nova Prata. O Livro Tombo de 1914 aponta que, em 1850, Capoeiras era ocupada pelos bugres, indica que, na tentativa de resgatar memórias, o Padre Carlos Porrini conversou com Domingos Guedes Ribeiro, o qual contou que os bugres moravam no Retiro fazendo roças, e que ali estiveram até 1865 mais ou

---

3 Quinto prefeito municipal de Nova Prata, 1935-1946, quando deixou espontaneamente o cargo de prefeito.

menos, quando venderam suas terras ao senhor Diogo e seus filhos, sendo que ao venderem as terras se deslocaram para o campo. Seguindo o relato “os bugres depois de venderem suas terras, foram para o campo, matando e roubando até moças, voltaram para Capoeiras e mataram os Diogos, que faziam casas, e saíram para o Carreiro seguindo a direção entre a linha sexta e sétima.”<sup>4</sup> A narrativa presente no Livro Tombo possibilita refletir sobre aspectos culturais entre dois grupos divergentes (indígenas e não indígenas), mas acaba por refletir olhares sensíveis sobre a ocupação das terras e os conflitos de interesses, ocupações e destinos daqueles que teriam sido os primeiros moradores sobre os quais se tem notícias.

Retomando dados relativos ao território outrora pertencente à Nova Prata e que é próximo aos limites de Protásio Alves, o senhor Silvério de Araújo, proprietário de terras e doador de parte das terras onde está hoje localizada Nova Prata, justifica em processo de 1883 a existência de índios em sua propriedade, conforme Xerri (2004):

Atesta ainda sua existência na área da atual Nova Prata Silvério Antônio de Araújo, um dos primeiros a morar nesta região e doador das terras onde se desenvolveu o povoado, hoje Nova Prata, quando escreve ao Pároco de Lagoa Vermelha em 16 de outubro de 1883 suplicando ao mesmo para não pagar a quantia de 200\$000 réis de multa por não ter legalizado suas terras em tempo hábil: “o suplicante sempre teve precisão de atender suas lavouras, muito poucas vezes frequentava a povoação devido as correrias dos índios que em outros tempos devastarão as nossas das lavouras...”<sup>5</sup>.

O depoente alega que não tomou ciência da Lei de Terras e que poucas vezes se dirigia ao povoado, pois estava cuidando de suas plantações as quais eram ameaçadas pela presença de índios.

Escritas sobre municípios vizinhos contribuem para demonstrar a presença e importância dos caingangues na região. Ibiraiaras, que também pertenceu à Lagoa Vermelha, tem o registro da presença dos caingangues em seu território, logo, considerando que também Protásio Alves fez parte de Lagoa Vermelha, consideramos que a narrativa é pertencente também ao município em estudo. Contribui Guadagnin (2000, p. 8):

No século XX, a colonização das matas do rio Uruguai provoca o desaparecimento dos talcos entre os rios das Antas, Pelotas, Inhandava e Turvo. (...) “Do mesmo grupo Gês fazem parte os Guaianás, também chamados “Coroados”, os quais

---

4 Manteve-se a escrita presente no Livro Tombo.

5 Transcrição do pedido feito por Silvério Antônio de Araújo ao Pároco de Lagoa Vermelha em 16 de outubro de 1883. A autora transcreveu conforme a escrita da época e existente do documento localizado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

teriam sido os ascendentes diretos dos atuais “Kaingang” que hoje vivem em reservas ao norte do rio Grande do Sul, formando os “Toldos”. Telêmanco Borda denomina kaingang aos índios do Rio grande do Sul descendentes dos Gês (Kaingang: kaa = mato; ingang = morador).

A afirmação acima, assinala novamente a presença de povos nativos na região, assim como os artefatos, que são frequentemente encontrados em lavouras e alguns guardados por moradores da região.



*Possíveis vestígios da ocupação indígena coletados por Luiz Scapinelli. 27/11/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Ao escrever sobre o Município de Nova Roma do Sul, Panozzo (2016, p. 30) relaciona o município com Antônio Prado, do qual fazia parte e, ao escrever sobre os primórdios da localidade, aponta que:

No norte da colônia, viviam tribos de índios nômades, os Kaingangues, considerados pelos colonizadores, de modo geral, selvagens. Com a chegada dos criadores de gado nos Campos de Vacaria e, depois, dos imigrantes italianos, só restaram seus vestígios. Com um modo de vida muito diferente, o índio não entendeu o branco e nem o branco o aceitou. Consta que índios Tapes e Coroados percorriam as matas de Ipê e Segredo, em determinados meses do ano, colhendo pinhão e caçando. Nesses locais foram encontrados vestígios, como utensílios e covas afuniladas onde residiam no tempo que lá permaneciam.

Em sua dissertação de mestrado, Soraia Sales Dornelles (2011, p. 2) procurou “analisar as relações sociais nos encontros estabelecidos entre os indígenas do grupo caingangue e as frentes coloniais alemães e italianas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no transcorrer do século XIX e início do século XX.”. No capítulo 4, a autora apresenta a relação entre os indígenas e os imigrantes italianos:

por volta da década de 1870, os Coroados ainda permaneciam circulando nas matas que separavam os campos de Cima da Serra e as colônias alemãs ao sul. Além disso, continuavam a praticar assaltos e sequestros por aquele tempo; as suas lideranças estavam ativamente envolvidas em negociações diretas com os chefes da província; também encontravam-se nos aldeamentos, nos quais produziam alimentos, cediam sua mão-de-obra para a construção de obras públicas e abertura de estradas. Pois bem a chegada dos primeiros imigrantes italianos coincide com este momento, suscitando que criemos uma expectativa sobre qual tipo de relação mantiveram (DORNELLES, 2011, p. 99).

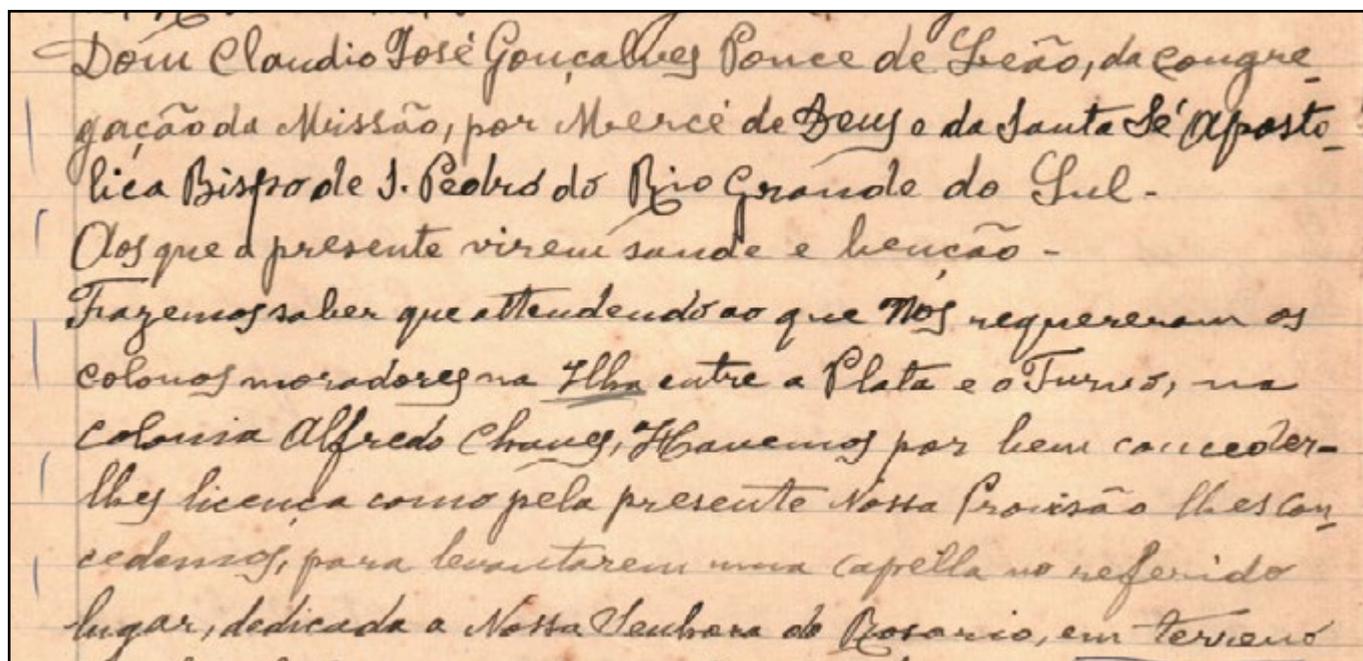
Percebe-se que os indígenas exerciam outras atividades para além da pesca, caça, coleta, demonstrando a inserção em espaços que passavam a dividir com os imigrantes e outros povoadores nacionais. Portanto, faz-se imperioso destacar que as terras não eram desabitadas, como por longo tempo se afirmou e que foi utilizada como justificativa para ações oficiais, que diziam que as terras eram devolutas. Conforme Dornelles (2011, p. 111), “Contudo, já foi demonstrado que tal premissa carrega uma intencionalidade específica: a de negar às populações nativas sua inclusão na história regional.” (p. 111).

A relação entre os povos indígenas e o imigrante nem sempre foram amistosas, conforme já exemplificado através do Livro Tombo da Paróquia de Nova Prata – 1914,

e, essas relações devem contemplar os desejos distintos entre os grupos. Muitos índios tornaram-se próximos de representantes governamentais do império brasileiro e também de lideranças religiosas, também deve-se considerar que o seu afastamento dos imigrantes foi tido como imperativo de sobrevivência para alguns indígenas e assim o aldeamento tornou-se forma de sobrevivência.

## 1.2 Século XX: primórdios

Localizado entre a Serra gaúcha e o campo, Protásio Alves é denominado por alguns moradores como uma “ilha”, devido às pontes existentes e à balsa que permitem a ligação com os municípios vizinhos. Tal denominação é assentada pelo documento a seguir.



Trecho reproduzido do Livro Tombo. Fonte: Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Protásio Alves, p. 11<sup>6</sup>

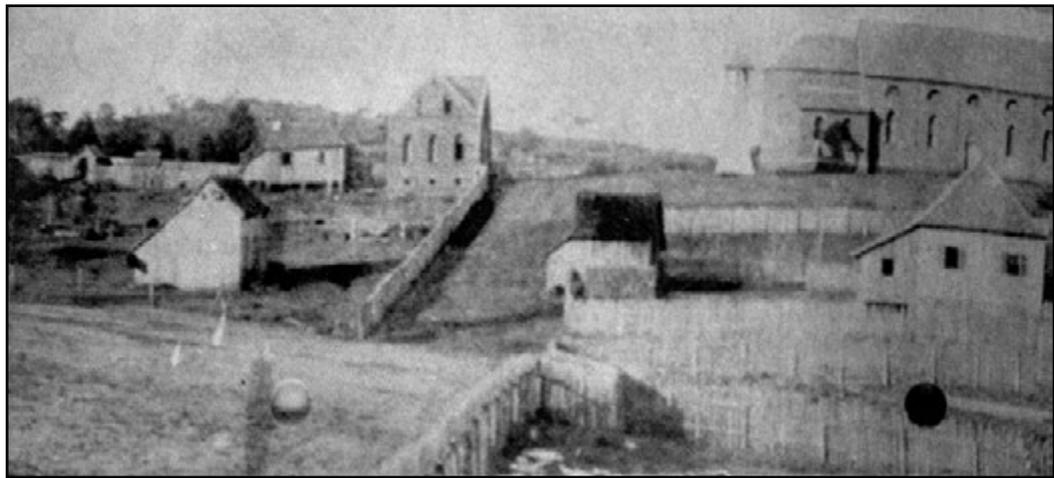
Datado de 8 de junho de 1897, o trecho extraído do Livro Tombo nos indica que realmente a localidade era chamada de ilha, tendo a palavra sido sublinhada posteriormente por algum leitor; também é importante mencionar que o documento sinaliza a referência ao atual estado do Rio Grande do Sul com a designação de São Pedro do Rio Grande do Sul, aferindo dado temporal importante, uma vez que se trata do final do século XIX: “Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, da Congregação da missão, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de São Pedro do Rio Grande do Sul”. Outro importante é sobre desejos dos moradores:

6 Cópia digitalizada do Livro Tombo, disponibilizado pela Casa de Cultura.

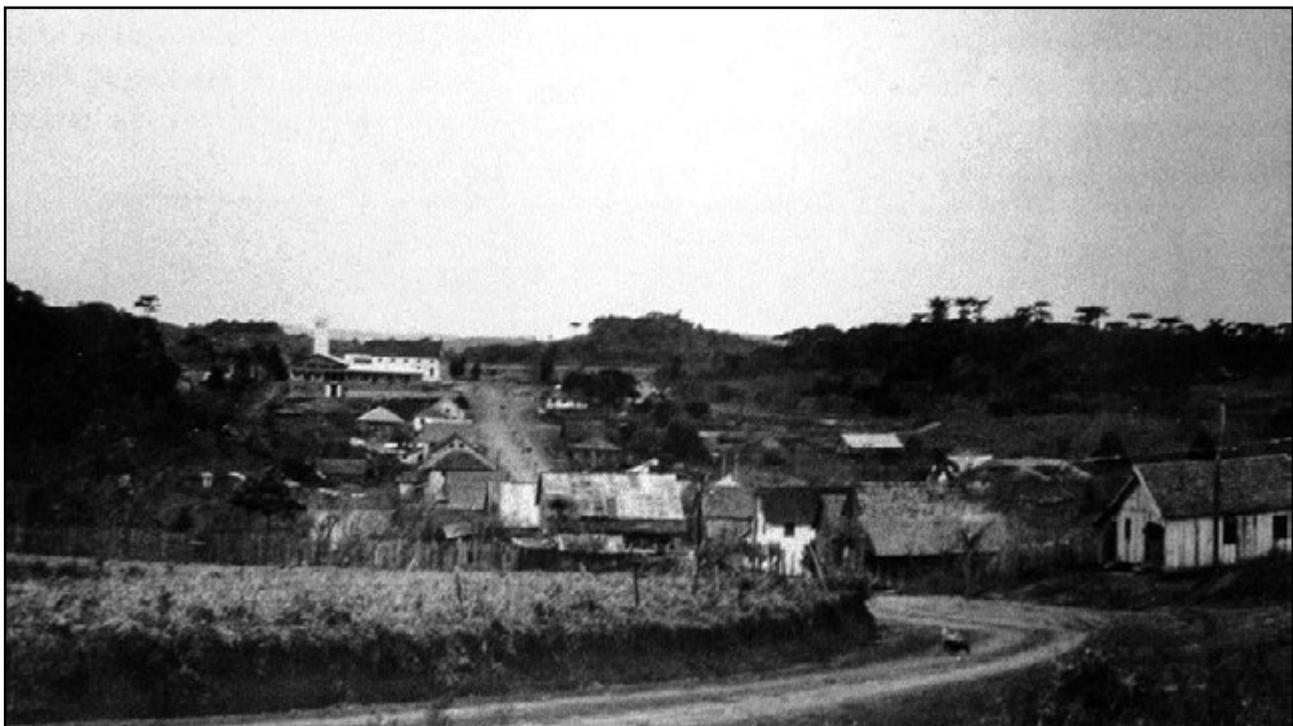
Trazemos saber que atendendo ao que nos requerem os colonos moradores na ilha entre Prata e Turvo, na Colônia de Alfredo Chaves, havemos por bem conceder-lhes licença como pela presente Nossa provisão lhes concedemos para levantarem uma capella no referido lugar, dedicada a Nossa senhora do Rosário.

A presença religiosa e, conseqüentemente, a construção de uma igreja foram importantes para o desenvolvimento local, sendo que a construção contou com colaboração da comunidade através de doações e do trabalho desde o fabrico manual dos tijolos, até a construção propriamente dita, como atestam narrativas de entrevistados.

Ao longo de seu processo histórico o município recebeu várias denominações: no ano de 1892, era denominado "Colônia Chimarrão", 3º distrito de Lagoa Vermelha; segundo escritos presentes no Livro Tombo e também em diálogos estabelecidos com moradores, naquela época, o local era um refúgio, devido aos rios que circundam a área e a inexistência de estradas.



*Protásio Alves na década de 1920. Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.*



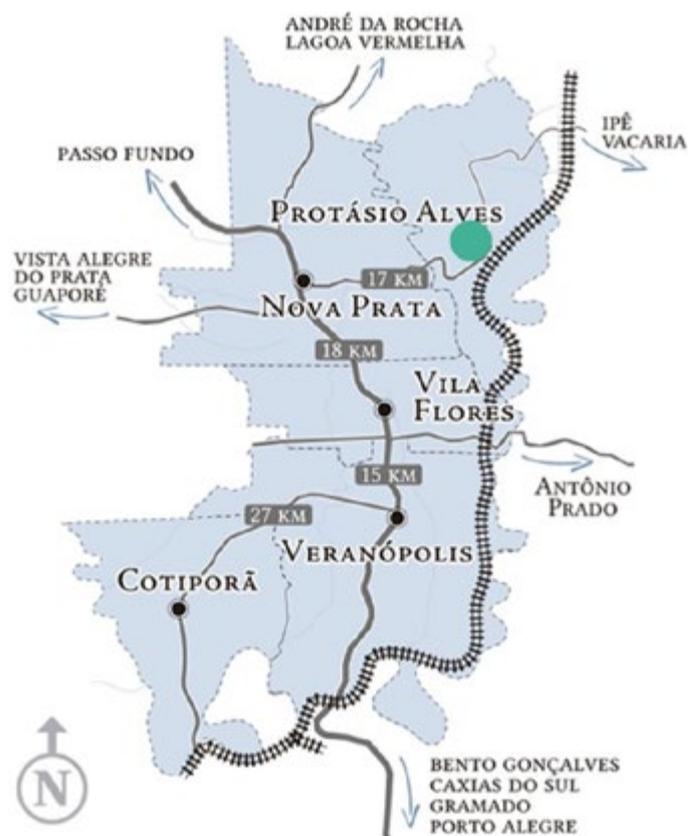
*Avenida Caetano Peluso no ano de 1968. Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.*

*Paisagem com ponte férrea sobre o rio Turvo.  
16/12/2019. Aútor: Anthony Beux Tessari.*



Em escrito<sup>7</sup> encontrado junto ao Livro Tombo cuja autoria indica ser do Padre Atílio Lovatto, encontramos uma espécie de resgate de fatos considerados importantes e, por isso, aqui descritos, “do ano de 1901 a 1910 se chamava de “turvo”. Daí Nossa Senhora do Turvo. Turvo (devido ao nome de um dos rios que circundam o local), e, do ano de 1910 a 1917, passou a ser chamado de “Independência”.

As imagens expõem, além da beleza, uma das pontes presentes no município e que colabora para a ideia presente em documentos e na oralidade, de uma espécie de “ilha”, também comprovada pela representação no mapa ao lado.



## TERMAS E LONGEVIDADE

*Protásio Alves em mapa do roteiro das Termas e Longevidade, destacando-se os municípios confrontantes.*

*Autoria: Giovana Stella.*

O mapa apresenta os dois rios que circundam o município: ao leste, temos o Rio Turvo e, a oeste, o Rio da Prata. Ao Sudeste localiza-se a Balsa que liga Protásio Alves ao Município de Antônio Prado<sup>8</sup>, através do Rio Turvo. Ao leste encontra-se a ponte que acessa o Município de Ipê. No norte está Chimarrão Grande. A noroeste, sobre o Rio da Prata, a ponte que faz a ligação com o distrito de Rio Branco (Maragata) de Nova Prata, e seguindo em sequência ao sul, ainda no oeste, a ponte que faz a ligação com a comunidade pratense do Colla (Nossa Senhora do Caravaggio), a comunidade de São Miguel, também em Nova Prata, assim como a ligação principal entre Protásio Alves e Nova Prata, também via ponte e, finalmente, a sudoeste mais uma ponte ligando o Município de Vila Flores com Protásio Alves.

A localização de Protásio Alves como local de fuga e esconderijo é atestada também quando se lembra da chegada do padre Serraglia: “No ano de 1901 chega o

<sup>7</sup> Segundo folha solta encontrada dentro do Livro Tombo, HISTÓRIA DE Protásio Alves – resumo, novembro de 1984 (FOLHA SOLTA – SEM AUTORIA) Padre Atílio Lovato

<sup>8</sup> Município anteriormente citado pelo relato de João Panozzo, reafirmando a ligação entre os territórios.

inesquecível padre Antônio Serraglia. Aí o banditismo terminou e mudou a direção.”<sup>9</sup> A questão do “banditismo” encontra eco em várias memórias dos moradores e é associada às condições geográficas que facilitam aos foragidos se esconderem na região, principalmente devido aos rios e região com muitos morros.

O mesmo escrito apresenta particularidades sobre as casas da sede que hoje representa o município:

Na sede haviam casas de madeira com os primeiros moradores: Antônio Bortolon, Andrea Dalmás, Francisco, Antonio e André Bolzan, José Zanin, João Albina Dal Prá, Antônio Girardi, Giocondo Capellari, Miguel Cecchin, João Ceratto, Angelo Turani, Cestaro Sostisso, Carlos Brancalione.

A nomeação dos primeiros moradores observa apenas o gênero masculino, próprio de um momento marcado pela presença social dos homens como os responsáveis por suas famílias. Embora a denominação apenas de homens, no capítulo 3, as fotografias demonstram a importância das mulheres, uma vez que estas compõem a fotografia com seus maridos, depreende-se que a família e seus valores significavam positivamente entre os moradores.

Entre as dificuldades e desafios do cotidiano, estão descritas as questões referentes ao comércio “a venda de produtos primeiramente era feita a São João de Montenegro, depois Carlos Barbosa e Bento Gonçalves”, conforme Padre Atílio Lovatto. Havia poucas estradas e as que existiam eram precárias, assim o comércio era limitado à satisfação de necessidades fundamentais e ocorria entre longas distâncias. O cultivo de linho, milho, cereais, vinhedos e outros produtos tornara-se fundamental, bem como a criação de animais capazes de produzir carnes, ovos e leite.

Na sede, havia alguns serviços para atender as demandas dos agricultores, como o de ferraria, executado por Pedro Antônio Ceccagno. Conforme depoimento oral do filho de Pedro, Antônio Ceccagno, 89 anos de idade, o pai também vendia produtos comerciais, atividade que Antônio seguiu alguns anos mais tarde:

Até os 28 anos eu trabalhei com meu pai, ele era ferreiro. Ele aprendeu com um tal de Rosa, aprendeu aqui o ofício. Meu pai também tinha comércio, e eu então já trabalhava com comércio, sabia como era... Trabalhei um tempo com caminhão. Depois comprei aqui [atual comércio]. [...] Os produtos vendidos antigamente eram produtos coloniais, trigo, milho, ferramentas, tecido. Os produtos vinham de viajantes, de Caxias... Vendi produtos da Eberle, garfo, faca, eram bons os produtos deles.

---

9 Idem.

Outro comércio lembrado nas entrevistas realizadas foi o de João Stella, recordado pelo neto, Nilo Stella, 79:

O meu avô tinha comércio aqui. Era um comércio mais para se prevenir do inverno... Vendia açúcar, café, secos e molhados, porque não tinha nenhuma ponte que nos ligava com Nova Prata, na época. Então, às vezes, no inverno, o rio enchia e ficava dias sem o pessoal poder atravessar.

*Antônio Ricci*

Antônio Ricci				
Junho	15 1945	Transporte do c/c São M. 573 a d' favor		254,00
"	"	9-108- café, açúcar e feijão	11,00	262,00
"	11 "	" 103- " " café e querosene	38,90	300,90
Julho	5 "	" 150- açúcar, pimenta, feijão, farinha, café e farinha	29,80	320,70
"	20 "	" 173- " "	3,00	323,70
"	24 "	" 184- farinha, arroz, soda e trigo	11,60	335,30
Agosto	2 "	" 199- açúcar e café	7,70	343,00
"	5 "	" 217- " " feijão	6,70	349,70
"	18 "	" 211- pagamento por saldo	350,00	
"	"	" 212- resto de soma café	200,00	200,00
"	26 "	" 241- açúcar	1,70	201,70
"	27 "	" 243- " arroz, linha, espelho, soda, linha etc.	171,00	372,70
Setembro	10 "	" 265- milho	9,50	382,20
"	19 "	" 275- café, riscado, feijão e fumo	29,00	411,20
"	24 "	" 282- açúcar, arroz, sapato, linha, panela e fita	40,10	451,30
Outubro	7 "	" 300- pimenta 100g	8,90	460,20
"	15 "	" 311- açúcar café, arroz, linha, querosene	16,30	476,50
Novembro	2 "	" 338- arroz, feijão, riscado, linha, café e farinha	52,70	529,20
"	10 "	" 348- algodão, milho e café	31,50	560,70
"	19 "	" 357- querosene e fumo	5,10	565,80
Dezembro	7 "	" 388- querosene e café "Trigo"	34,00	599,80
Janeiro	15 "	" 394- açúcar, linha, sal, alho, pimenta		59,90
Fevereiro	01 1946	" 28- açúcar	4,00	
"	13 "	" 59- " " fumo	5,00	
"	2 "	" 86- querosene, café, chapéu, feijão	41,10	
"	6 "	" 93- fumo e linha	3,20	
"	21 "	" 117- farinha, riscado, linha	241,00	
Março	5 "	" 148- querosene	7,00	
"	"	" 148- riscado, linha, soda, café, feijão e fumo	26,00	
Abril	15 1946	" 111- arroz, feijão, trigo		37,10
Dezembro	11 "	" 01 entrega	37,10	

Página do livro-caixa do comércio de João Stella, contendo dados de produtos adquiridos pelo morador Antônio Ricci. Entre os produtos, destacam-se: açúcar [sic], arroz, algodão, café, farinha, feijão, pimenta, trigo, chapéu, riscado (tecido), botão, prego, querosene, fumo, entre outros. Acervo particular da família Stella.

Albino Ângelo Porta, 93, lembrou-se de um dos vendedores que passavam pela região vendendo produtos, como “tecidos, roupas feitas, calçados”, que eram comercializados no estabelecimento da família, na localidade de São João.

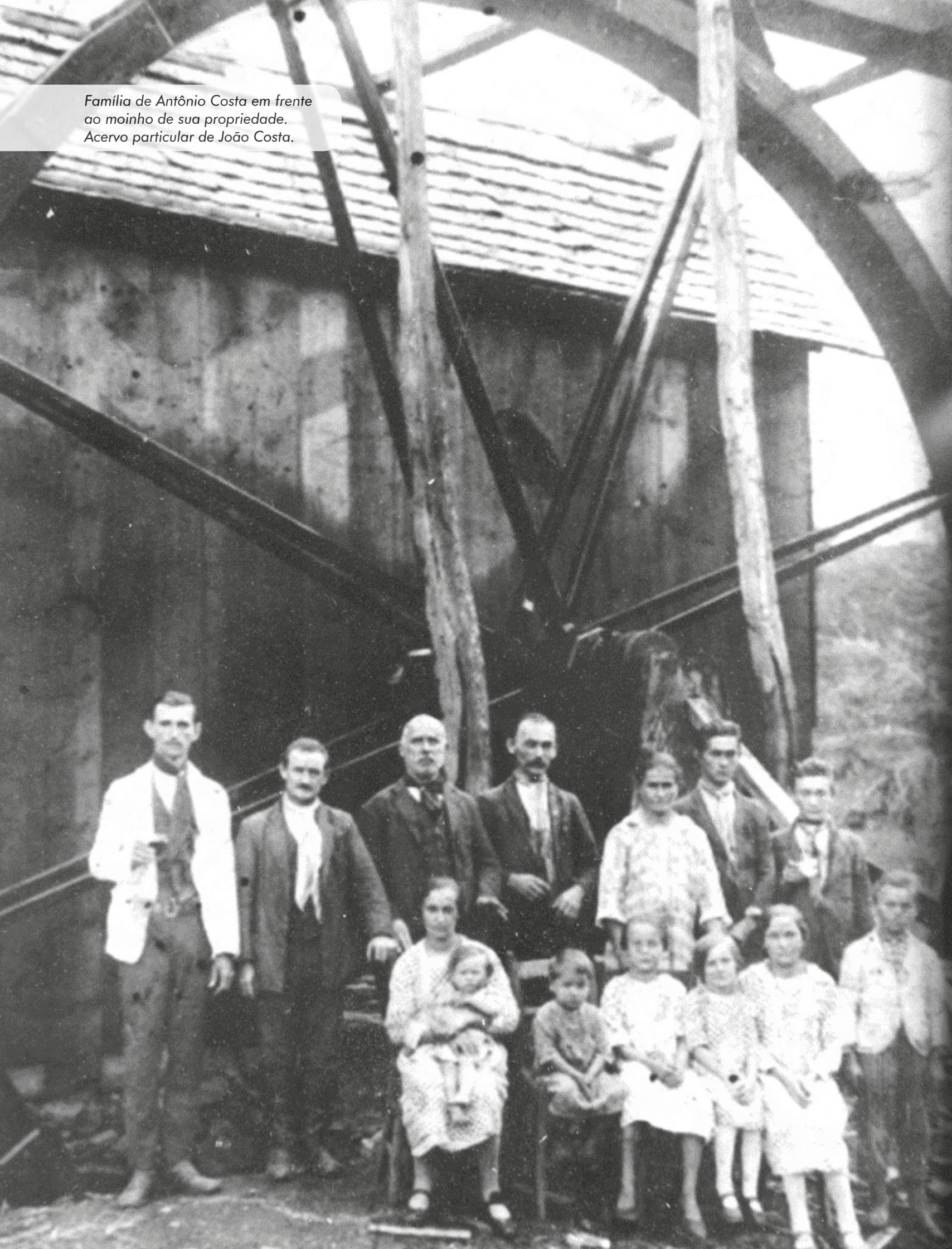


*Comercial Porta. Autoria: Sonia Reginato.*

Já o serviço de moagem de grãos foi lembrado em vários depoimentos coletados na pesquisa, destacando-se a referência aos moinhos de Antônio Costa. O funcionamento dos moinhos foi explicado pelo filho de Antônio, João Costa, 81:

Meu pai, quando criou o moinho, só moía milho. O pessoal começou a plantar trigo, então tinha que preparar o moinho para moer trigo. [...] O que os fazendeiros faziam era assim: vinham um com duas, três mulas, com as bruacas... Vinham bem cedo para moer durante o dia, ou senão vinham na boca da noite para moer. Era um trabalho que só vendo. [...] Era dia e noite, não parava. [...] O pagamento era assim: tinham alguns que vinham com um saco de milho e se cobrava em milho, outros, se tinham dinheiro, pagavam com o dinheiro. E tinha gente que vinha o ano inteiro no moinho, a cada 15 dias, dependendo da família, vinham no moinho. Eles pediam para marcar no livro e só pagava no fim de ano. Não tinha aumento. Se era um cruzeiro para moer um saco, marcava lá que era um cruzeiro; era assim que funcionava.

Família de Antônio Costa em frente  
ao moinho de sua propriedade.  
Acervo particular de João Costa.



O tecido em linho era fruto de extenso trabalho executado pelos colonos, a semeadura, colheita, preparação do fio até a execução do tecido em tear manual, conforme atesta em entrevista Antônio Ceccagno: “eu sei que minha vó trabalhava com linho. Inclusive, quando eu ia dormir na casa dela, tinha lençol de linho. Ela fazia em casa, com tear, manual.” A expressão cultural se faz presente nas diversas manifestações sociais, assim afirma Certeau (2012):

Portanto, devemos nos perguntar por que essas expressões culturais produzidas com o vocabulário das ferramentas, dos utensílios, das vestimentas ou dos gestos cotidianos parecem desaparecer diante da porta das fábricas e dos escritórios.



*Bacheiro exibido pela professora Ivani Balzan Bolzan na propriedade de sua mãe. O bacheiro é uma peça confeccionada no tear de lã de ovelha usado entre o pelo do cavalo e a sela, compondo o arreio do animal. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



*Tecido e novelo de linho. Autoria: Juliane Gotardo.*

Por consequência, a narrativa da história de Protásio Alves busca dar “espaço” ao fazer cotidiano mesclado pelo conhecimento passado de forma hereditária e coletiva, como também pautado pelas necessidades econômicas e de sobrevivência, como a prática associada à colcha de linho que desempenhou a função de acolher, abrigar, aquecer, mas que também representava renda extra para algumas pessoas e cuja memória é pouco presente na comunidade, sendo imperioso o não esquecimento da prática com o linho.

Outro exemplo da cultura singular, representada na tradição de famílias, está o artesanato elaborado com a palha de trigo. Novamente tem-se a sobrevivência: a alimentação advinda da farinha para alimentos e a renda alternativa com a venda dos objetos feitos com a palha do trigo.



*Seleção da palha de trigo. 27/11/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Na sequência, ocorre o corte com uso de foice para separação dos grãos de trigo da palha, que será amarrada em feixe a ser utilizado para a fabricação de objetos.



Separação dos grãos da palha de trigo. 27/11/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.

Feixes de palha de trigo. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.





Trança (dressa) em palha de trigo. 9/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.





*Chapéus de palha confeccionados na propriedade de Albino Lorenset e Percedes Brancalione Lorenset. 9/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.*

*Artesanato em palha na Casa da Cultura. Acervo: Prefeitura Municipal de Protásio Alves.*



A prática artesanal com palha de trigo é importante para obtenção de renda extra, mas também para o convívio entre as famílias, uma vez que, em dias chuvosos e/ou que não são próprios às atividades na lavoura e cuidado de animais, o artesanato é comum entre mulheres, homens, crianças e idosos. Durante sua feitura a trança entrelaça e reafirma relações sociais.

Retomando aspectos cronológicos sobre o município, o escrito encontrado na Paróquia Nossa Senhora do Rosário aponta que

Do ano de 1917 se desligou de André da Rocha e passou a chamar-se "Protásio Alves". Daí nascia o 6º distrito de Lagoa Vermelha, com as seguintes confrontações: ao norte Arroio Chimarrão, ao sul Rio da Prata, ao leste Turvo, ao oeste pela sonora do mato chamado Meia légua dos Vieiras.

A Meia Légua dos Vieiras é melhor explicada no capítulo três, através do relato de um dos descendentes de Manuel Pereira Vieira, que teria chegado à região na década de 1880. O relato feito por Jorge Jacques, seu bisneto, apresenta dados importantes e que merecem ser elucidados em novas pesquisas como, por exemplo, a existência do uso de mão de obra escrava nas terras de seu bisavô. A configuração geográfica da propriedade caracterizada pelos campos de cima da serra, diferente área montanhosa e com vales que representa a maior parte do relevo do município.

As informações presentes no escrito dão conta do potencial econômico e das possibilidades de crescimento da região, uma vez que, "no ano de 1919, Padre Antônio Serraglia conseguiu abrir sucursal do Banco Nacional do Comércio", sendo que o padre era o responsável pelos depósitos populares, recebimentos e pagamentos. Mais uma vez atesta-se a importância e credibilidade dada pela população à instituição e ao vigário local. A sucursal "no ano de 1930 foi extinta".

Mesmo como distrito de Lagoa Vermelha, a população de Protásio Alves buscava auxílio em Nova Prata, fazia compras e alguns jovens ali estudavam. Para acessar o município vizinho, percorriam as estradas via André da Rocha devido à inexistência de estrada entre Nova Prata e Protásio Alves, já para chegar à sede de Lagoa Vermelha, necessitavam percorrer aproximadamente "mais de 100km, dois dias a cavalo".

As dificuldades associadas às necessidades locais fizeram com que "no ano de 1932 iniciasse-se o movimento pró-desmembramento do Distrito de Protásio Alves para anexá-lo a Nova Prata. Faziam parte deste movimento: o Capitão Adolfo Schneider, Padre Antônio Serraglia e Caetano Peluso."<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Adolfo Schneider foi prefeito de Nova Prata, Caetano Peluso foi vereador de Nova Prata e com a anexação de Protásio Alves à cidade vizinha exerceu importante influência política em favor do distrito.



*Paisagem a partir da propriedade de Jorge Jacques. 5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Protásio Alves, como ficou denominado o distrito, foi uma homenagem a “Protásio Alves que se empenhou na construção da estrada que liga a localidade com Nova Prata. Até 1932, pertenceu ao Município de Lagoa Vermelha, sendo que nesta data o decreto nº 5.127 de 24 de outubro o incorporou ao Município de Nova Prata.”<sup>11</sup>

Na década de 1960, tem realce a construção da estrada férrea Tronco Principal Sul, obra com participação de soldados do 1º Batalhão Ferroviário. A construção movimentou a região de Protásio Alves, conforme lembrou em detalhes Ricardo Ferreto Leão, 76 anos, que foi militar no período e, também, professor em uma escola junto à comunidade da capela de Santa Líbera:

Em 1962, eu vim para Protásio Alves para trabalhar no Tronco Sul. [...] Protásio tinha mais de 6 mil habitantes naquela época, só de trabalhadores da ferrovia, porque começava desde a ponte da convergência do Rio da Prata com o Turvo até a Ponte do Saltinho. Foi esse trecho que nós terminamos, porque foi começado pelo batalhão de Bento Gonçalves. Os de Bento Gonçalves eram chamados de “gatos”, porque eles trabalhavam por empreitada na construção dos túneis, principalmente. Ali tem os túneis 8, 9, 10, 11 e até o

---

11 Escritos do Padre Atílio Lovatto.

14, que fica lá no Rio Telha. Eu trabalhei lá no Rio Telha também, trabalhei em todos esses trechos aí. [...] Nós chegamos a ter dois mil empreiteiros aqui na construção, fora o pessoal efetivamente, os funcionários, porque eram os funcionários contratados pela Nação e mais soldados. Sempre tinha entre 200 e 300 soldados aqui, que trabalhavam na construção. Nós tínhamos de estrutura um campo de futebol, com todos os equipamentos. Do lado do campo de futebol, tinha um hospital, com clínico geral e dentista. [...] Tinha uma cantina com todos os tipos de produto, eu me lembro muito bem que eu fumava e nós comprávamos aqueles rolinhos de fumos de 100 ou 200 gramas e eu cortava para fazer o cigarro de palha. Logo em seguida, tinha um pavilhão, que era o clube de cabos e soldados. E tinha outro pavilhão que era onde guardavam os armamentos e as ferramentas. [...] Bem na frente da igreja de Santa Líbera tinha uma escolinha de soldados. Eu lecionei naquela escolinha, e lá também era montado o cinema. De vez em quando eles proporcionavam para a gente algumas fitas cinematográficas.

Outro operário que trabalhou foi João Spanhol, 77, que também lembrou o período de construção da ferrovia:

Entrei para o Batalhão com 22 anos. Entrei em 1963, e saí em 1968. A turma era grande, nós *trabalhava* dia e noite lá. Inverno, frio, ficava tudo molhado. O professor Ricardo era meu chefe de serviço. Tinha mais de duas mil pessoas trabalhando lá. [...] Achamos uma gruta ali perto do Turvo, perfurando para construir a estrada [refere-se à Gruta de Nossa Senhora de Fátima].



*Ponte férrea sobre o rio Turvo. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*





*Ponte férrea sobre o rio Turvo. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

*Túnel da estrada férrea. Autoria: Sonia Reginato.*



## CAPÍTULO II CAMINHOS PARA A EMANCIPAÇÃO

A emancipação de Protásio Alves está intimamente relacionada com o movimento emancipacionista desenvolvido em todo o país nos anos finais da década de 1980, quando a sociedade brasileira vivenciava transformações importantes como o processo de redemocratização do país e os debates envoltos na Assembleia Nacional Constituinte. Nesse período, segundo Moraes e Cunha (2018, p. 13)<sup>12</sup>:

Em um intervalo de apenas nove anos, a partir de 1987, o mapa gaúcho ganhou 253 novos municípios, um aumento superior a 100%. Esse acréscimo viria em três “ondas”: a primeira em 1987-1988; a segunda em 1992; e a terceira em 1995-1996, concentrando-se principalmente nas regiões noroeste e nordeste do Estado.

Com a participação e o apoio de coletivos da comunidade, foi eleita a comissão emancipacionista, em 2 de outubro de 1987, em assembleia que ocorreu no salão de festas do distrito.<sup>13</sup>

QUADRO 4 – MEMBROS COMISSÃO EMANCIPACIONISTA E FUNÇÕES

Sílvio Luiz Bolzan	Presidente
Reinelli Prigol	Vice- Presidente
Moacir Luiz Porta	1º Secretário
Agustinho Costa	2º Secretário
Nilo José Stella	1º Tesoureiro
Adilo Francisco Porta	2º Tesoureiro
Agenor Gregório Prigol	Conselho Fiscal
Valdir Antônio Porta	Conselho Fiscal
Otávio Prigol	Conselho Fiscal

Fonte: Os novos municípios gaúchos Protásio Alves – adaptação Eliana Gasparini Xerri

O mesmo documento aponta que entre os motivos que levaram a população da época a buscar a emancipação estava

12 Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul / Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG). Departamento de Planejamento Governamental. Porto Alegre. SPGG, 2018.

13 Encarte Os Novos Municípios Gaúchos. Estado do Rio Grande do Sul, Assembleia Legislativa, Comissão de Estudos Municipais, 1988.

Atendendo aos desejos de parcela significativa da comunidade, em 1987 cresceu o desejo de emancipação, tendo em vista a organização e desenvolvimento de atividades econômicas e da própria população que, entre outras reivindicações, apresentava a necessidade de maior autonomia associada ao desenvolvimento e importância do então distrito de Nova Prata, defendendo que a constituição do município auxiliaria inclusive na melhora de interligação municipal, uma vez que, as estradas eram precárias o que dificultava, inclusive o auxílio médico.

Nas palavras de Sílvio Luiz Bolzan, integrante da comissão de emancipação e chefe de gabinete da primeira gestão da Prefeitura Municipal de Protásio Alves, registrou-se:

Nos reunimos aqui em 1987 para emanciparmos Protásio Alves. A princípio, o pessoal achava que era inviável. Estávamos com cerca de dois mil habitantes, e achavam que a Assembleia Legislativa do Estado não iria aprovar. Mas fomos sempre firmes, e insistimos em emancipar. Os municípios em volta estavam fazendo também. Começamos esse movimento eu, o Nilo Stella, o Moacir Porta, o padre Atílio, e tivemos que incorporar mais membros. Sempre tivemos a ressalva do prefeito de Nova Prata contra nós. [...] Tivemos a autorização para a realização do plebiscito em 10 de abril de 1988. Era sim ou não, e, se não me engano, tiveram apenas 95 votos contra, e a maioria foi favorável. Os principais problemas começavam pelas estradas péssimas. Era difícil de a sede atender a todos. Tinha problema de energia, na Educação, na Saúde. [...]. A documentação do processo eu tenho que agradecer ao padre Paulo Prigol, que nos deu uma mão.

Assim, a clareza da necessidade de ações que melhorassem a infraestrutura e com a certeza de que era o momento propício, uma vez que processos semelhantes se espalhavam pelo país, as reuniões e debates acabaram por levar ao resultado favorável, sendo que a votação ocorreu em locais da sede do distrito e em locais no interior, possibilitando a participação de todos os cidadãos aptos a votar. Estavam inscritos 1.264 eleitores distribuídos em seis secções:

QUADRO 5 – SECÇÕES ELEITORAIS E LOCALIZAÇÃO

03	Linha Quinta – Salão Paroquial
14	E. E. de 1º Grau Pe. Padre Serraglia
15	Salão Paroquial Protásio Alves
16	N. S. Salete – Salão Paroquial
41	Salão Paroquial de Protásio Alves
42	E.E. 1º Grau Pe. Serraglia

Fonte: Os novos municípios gaúchos Protásio Alves – adaptação Eliana Gasparini Xerri

O resultado obtido na consulta plebiscitária e anunciada no dia 10 de abril de 1988 foi favorável à emancipação. Compareceram 1.106 eleitores, sendo o resultado: 995 sim pela emancipação, 95 não favoráveis, 4 em branco e 9 votos nulos.

A Lei n.º 8.580, de 29 de abril de 1988, criou o Município de Protásio Alves, tendo como limites: Leste – municípios de Vacaria e de Antônio Prado; Sul – municípios de Antônio Prado e Veranópolis, ainda limites com o Rio da Prata, desde a foz do Rio Humaitá, até o limite intermunicipal Veranópolis\Nova Prata; Oeste – município de Nova Prata, limites com o Rio Da Prata, desde o limite intermunicipal Veranópolis\Nova Prata, até a foz do Arroio Caruapé; Norte – município de Lagoa vermelha, pelo Arroio Caruapé, desde a foz do Rio da Prata, seguindo águas acima até sua nascente; daí, em linha seca e reta, de aproximadamente 1500 metros (limite intermunicipal Nova Prata\Lagoa Vermelha), até a nascente do Arroio Rodeio; desde o Arroio Rodeio até a confluência com o Arroio Acatum, pelo qual segue águas abaixo até confluir com o Arroio Catebiró (ex Chimarrão), desce por até a sua foz no Rio Humatã (ex Turvo).

*Comitiva da prefeitura de Protásio Alves em Brasília (DF). Vê-se: Deputado Federal Nelson Proença (à frente, à direita), Nilo Stella (à frente, ao centro), Martinho Rosin (à frente, à esquerda), Valdir Antônio Porta (ao fundo, à esquerda), Sílvio Luiz Bolzan (ao fundo, à direita). Acervo particular de Sílvio Luiz Bolzan.*



É importante mencionar que, após 3 meses da emancipação, em 16 de junho do mesmo ano, a Lei Nº 8.655 alterou os limites apresentados na redação do artigo 2º da lei de 29 de abril, ficando estabelecido que, a oeste, os limites passam a ser com o município de Nova Prata. Pelo Rio da Prata, águas acima, até um ponto a 700 metros aquém da ponte na estrada que liga Protásio Alves a Nova Prata, (estrada NPR 270); deste ponto segue em direção leste, por 150 metros até a estrada que liga Protásio Alves a Nova Prata (NPR 270), seguindo por esta, em direção norte, até a ponte sobre o Rio da Prata; deste ponto segue pelo Rio da Prata, águas acima, até o seu encontro com o Arroio Caruapé. Essa alteração tem sido interpretada, por munícipes, como diminuição do potencial turístico para Protásio Alves.



*Cascata da Usina, no limite territorial entre Nova Prata e Protásio Alves. 11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Sede da primeira prefeitura de Protásio Alves, hoje sede da Brigada Militar. Conforme placa de identificação instalada pela Prefeitura Municipal: “O prédio foi construído entre 1951 e 1952, com o intuito de abrigar o subprefeito e subdelegado de polícia Lodivário dos Reis e a sua família, que vieram de Nova Prata para residir no então distrito, por isso, tem o formato de residência. Neste local, antes da construção desta casa, havia outro prédio público, que abrigava também a cadeia pública, sob o comando do subprefeito e subdelegado Júlio Schneider. Na época da construção da via férrea, o Distrito de Protásio Alves recebia muitos trabalhadores de locais e cultura diversas, e ocorriam, seguidamente, problemas com a justiça. A decisão para a construção da ponte que liga Protásio Alves a Nova Prata foi realizada neste local, em uma reunião de lideranças regionais, na década de 1940, coordenada por Júlio Schneider. Após servir de moradia para o subprefeito, esta casa serviu de subprefeitura e cartório de registros civis, antes de ser o Centro Administrativo (prefeitura). O local também já foi utilizado como escola, pré-escola, casa da palha e brechó.”

Autoria da foto: Anthony Beux Tessari.

## **2.1 Protásio Alves – 1988 - 2020**

Emancipado de Nova Prata, o município passou a ter área de 176km<sup>2</sup>, onde se desenvolviam atividades primárias como a criação de rebanho bovino, com importante produção de leite e de carne, ovinos, suínos e frangos. Além disso, havia a produção de hortifrutigranjeiros voltada a atender necessidades locais e regionais e também a mineração, mais precisamente a extração de basalto.

QUADRO 6 – SÍNTESE ECONÔMICA, 1988

Agricultura	Soja, milho, arroz, batatinha, amendoim, fumo, feijão, trigo, cana de açúcar, mandioca; hortifrutigranjeiros: batata, tomate, chicória, cenoura, pimentão, cebola.
Pecuária	Rebanhos bovino, ovino, suínos, produção de frango de corte.
Artesanato	Cestos de taquara e vime, chapéus de palha de trigo.
Comércio	Vestuário, alimentação e outros.
Indústria	Móveis, esquadrias, serrarias, polidoras de basalto.
Turismo	Túneis, grutas, rios
Outras	Piscicultura, apicultura, extração de basalto

Fonte: Os novos municípios gaúchos Protásio Alves – adaptação Eliana Gasparini Xerri

Em algumas fotografias atuais, tomadas durante a pesquisa e complementadas com o acervo da prefeitura municipal, é possível verificar a diversificação da economia local, cuja produção agrícola é beneficiada pelo microclima que possibilita culturas diversas.

*Plantação de fumo (tabaco). 9/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Galpão para cura e secagem das  
folhas de tabaco. 9/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



Suinocultura. 9/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



Emparelhamento do basalto.  
Autoria: Juliane Gotardo.





*Fruticultura.  
Autoria: Juliane Gotardo.*



*Pessequeiro.  
Autoria: Juliane Gotardo.*

*Plantação de bananeiras.  
Autoria: Sonia Reginato.*



*Cultivo da cana-de-açúcar.  
Autoria: Sonia Reginato.*



*Plantação de laranjeiras.  
Autoria: Sonia Reginato.*



Produção doméstica de queijo e salame.  
16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Agricultora em plantação de milho.  
16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Cultura da uva. 5/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



Horta doméstica. 5/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



Paisagem com culturas agrícolas. 16/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.





*Gado de leite. 5/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.*



*Ovinocultura. 5/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Criação de aves (galinhas). 11/10/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



Secagem do milho em galpão. 11/10/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



Paisagem com culturas agrícolas. 5/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.





Paisagem com culturas agrícolas. 27/11/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.





A partir do cenário econômico apresentado, é possível perceber que realmente havia condições favoráveis para que ocorresse maior desenvolvimento local, uma vez que por economia compreende-se que é “a ciência social que estuda a produção, distribuição, e consumo de bens e serviços. O termo economia vem do grego *oikos* (casa) e *nomos* (costume ou lei), daí “regras da casa (lar).”<sup>14</sup> Dessa forma o conjunto de recursos humanos, naturais associam-se constantemente para transformar e desenvolver Protásio Alves.

Olhando para o antes e o depois da emancipação, o primeiro prefeito de Protásio Alves, Nilo Stella, fez um balanço em seu depoimento oral:

O padrão de vida do povo de Protásio Alves melhorou 100%. [...] Nós temos aviários, suinocultura, temos o leite, apicultura, tudo isso são coisas fortes aqui. [...] O município está indo bem, porque as estradas estão boas, o agricultor industrializou a própria propriedade. Da época que eu ia trabalhar em relação a hoje, acho que Protásio Alves está rica, comparando. A agricultura está muito bem.

Nem bem uma década após a emancipação, no ano de 1994, uma notícia no jornal *Pioneiro* destacava a transformação da região em vários setores após o processo emancipatório, como na agricultura, indústria, infraestrutura e educação. À época, a população girava em torno de 2.500 habitantes, e Protásio Alves era conhecida como “A cidade da Trança”, referência ao artesanato em trança (*dressa*) de palha.

<sup>14</sup> <https://www.oeconomista.com.br/conceito-de-economia/>

**PROTÁSIO ALVES**

# Maior parte da população mora no campo

**Agricultura representa 60% do setor primário e prefeitura incentiva a fixação no interior**

No final do século passado — em 1892 — a localidade de Turvo começou a receber os primeiros imigrantes italianos proveniente do norte da Itália. Passados alguns anos, a pequena localidade passou a se chamar Independência para, em 1917, adotar a denominação de Protásio Alves, uma homenagem ao secretário de Estado que se empenhou na abertura de estradas dando melhores condições de escoamento à produção. Em 1965 lideranças da comunidade deram início ao movimento emancipacionista para se desligar de Nova Prata, não preenchendo os requisitos necessários.

Vinte e dois anos após, em 1987, a vontade de conduzir os próprios destinos movimentou uma comissão de moradores a lutar, novamente, pela emancipação do distrito, para em 10 de abril de 1988 ser, finalmente, realizado o plebiscito em que se confirmou a vitória do sim com ampla vantagem. Localiza-

do entre os vales do rio da Prata e Turvo, Protásio Alves possui uma paisagem tipicamente européia. Soma-se a isso a população composta basicamente de descendentes de italianos, que chega a 97%.

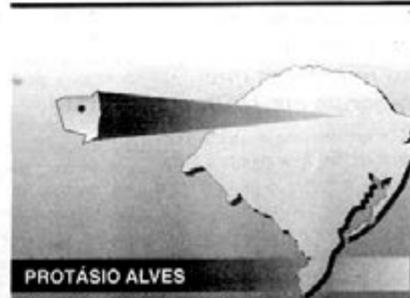
**AGRICULTURA** — Com a emancipação, o novo município avançou significativamente para o desenvolvimento. O programa de estímulo de permanência do homem no campo deu grandes resultados, principalmente na avicultura, setor que produz um milhão de aves a cada 45 dias nos 200 pavilhões existentes. Isso representa 35% da produção primária — 60% fica para a agricultura e 5% com a comercialização de suínos e bovinos.

A maior parte da população, composta por 2.500 habitantes, ainda hoje mora na área rural e recebe incentivos por parte da prefeitura para permanecer trabalhando em suas propriedades. Em parceria com os agricultores, a prefeitura forneceu este ano 2.100 toneladas de calcário para tratamento do solo. O programa atingiu 60% das 350 famílias de agricultores. Outros programas de incentivo patrocinados

pela administração municipal são a in-seminação artificial, troca-troca de sementes, plantio de cítricos, reflorestamento e hortas particulares.

**CRESCIMENTO** — Devido ao grande consumo de lenha em estufas de fumo e no aquecimento dos aviários, foi necessário implantar um amplo programa de reflorestamento. Nos últimos quatro anos foram plantados 1,2 milhão de mudas de árvores, entre as quais a acácia negra, eucalipto, araucária, o pinus e espécies nativas.

A estrutura industrial do município aponta 27 empresas, a maioria de pequeno e médio porte, com 24 delas voltadas à extração do basalto. As outras três indústrias se dedicam ao beneficiamento da madeira. O setor comercial, embora modesto, atende às necessidades de seus moradores. Na economia do município, o setor industrial representa 16% e o comercial 4%. Os outros 80% ficam com o setor primário. Todo esse incentivo no setor primário e a extração de basalto levaram o município a aumentar o índice do ICMS de 0,0023 a 0,0051% no cômputo geral do Estado do Rio Grande do Sul.



- Nome: Protásio Alves
- Região: Microrregião Colonial do Alto Taquari
- Área: 176,2 quilômetros quadrados
- Colonização: italiana
- Emancipação: 29/4/1988
- População: 2.500
- Eleitores: 1.734
- Escolas: 17
- Indústrias: 27
- Estabelecimentos comerciais: 25
- Data festiva: último domingo do mês de julho, Festa do Colono e do Motorista
- Possui ligação asfáltica: não



**Protásio Alves  
A CIDADE  
DA TRANÇA**

**Raízes:** com 2.500 habitantes, a maioria descendente de italianos, a cidade não enfrenta problemas de segurança

## Índice de alfabetização chega a ser de 99%

Em relação a 1988, quando o município foi instalado oficialmente, Protásio Alves sente o desenvolvimento em todos os aspectos. O índice de alfabetização atinge 99%, com 160 alunos matriculados em 14 escolas municipais e 272 em três estabelecimentos do Estado. O município não possui hospital, mas a prefeitura municipalizou a saúde. O atendimento que não requer muitos recursos é feito gratuitamente no posto de saúde. Para os casos de maior gravidade o município encaminha aos centros urbanos mais próximos.

A eletrificação atinge 100% das 250 famílias que residem na área urbana. Das 350 famílias que residem no interior, apenas cinco não dispõem de energia elétrica. A água consumida, tratada e distribuída pela prefeitura, através de poços artesianos, atinge em sua totalidade os imóveis urbanos. Uma central telefônica com 12 canais atende aos moradores da cidade e, no interior, funcionam os telefones comunitários.

A principal obra de saneamento deve se constituir na canalização do arroio Primavera, que atravessa o setor urbano. A pavimentação cobre 90% das ruas — quando se emancipou a cidade tinha apenas 500 metros quadrados de calçamento. Praticamente não existe falta de moradias, e a cada ano são construídas 15 novas residências.

PROTÁSIO ALVES

# A CIDADE DA TRANÇA

PREFEITURA MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES

Jornal Pioneiro, 4/11/1994.

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami  
(consulta em Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul).

A seguir, de forma concisa, apresenta-se as administrações executivas e legislativas municipais e a participação dos eleitores bem como os resultados, com o objetivo de registrar os processos desencadeados com a emancipação e suscitar novos estudos.

## 2.2 Incursão às Administrações Municipais

*Penso até que um povo se exprime tanto na sua relação com a política quanto na sua literatura, no seu cinema ou na sua culinária.*  
René Rémond, (1994, p. 19).

A frase acima justifica de forma estruturante a importância da política para as sociedades, uma vez que é parte fundante das relações que se estabelecem e conseqüentemente das reações e novas ações que envolvem todas as instâncias sociais, nesse particular, a sociedade e estado. Assim, considera-se importante demonstrar, mesmo que de forma breve, as representações políticas do município, oriundas de processos democráticos eleitorais e que permearam e permeiam o cotidiano dos cidadãos, pois, lembra-nos Rémond (1994, p. 18):

Mas, se refletirmos, veremos que o político não interessa subjetivamente apenas aos políticos profissionais, nem se reporta objetivamente só a eles. Pensando bem, praticamente não existe outra atividade que atinja um número maior de homens e mulheres, pelo menos nos países democráticos. O princípio segundo o qual todos os cidadãos são iguais entre si e são chamados a participar das grandes escolhas políticas faz da política a “coisa de todos”. Mesmo que nem todos façam uso desse direito, todos são chamados, todos estão comprometidos. De outro lado, a política, o que é decidido, não lhes é indiferente. É da política que depende com frequência seu nível de vida, sua segurança e até, em alguns casos, sua própria existência. Mesmo que não se interessem pela política, a política os alcança.<sup>15</sup>

A consideração acima explica a importância que é dada à política, uma vez que dela dependem todas as ações diretas e indiretas dos cidadãos. As eleições municipais ocorridas em 15 de novembro de 1988 foram as primeiras sob o jugo da nova Constituição Federal e a primeira do novo município.

---

15 Nota: Este texto é a transcrição da conferência pronunciada por René Rémond, traduzida por Anne-Marie Milon Oliveira. IN: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1975/74385>. CPDOC FGV ESTUDOS HISTÓRICOS -190.

QUADRO 7 – CANDIDATOS AO EXECUTIVO MUNICIPAL E RESULTADOS 1988

<b>Prefeito</b>	<b>Vice-Prefeito</b>	<b>Votos recebidos</b>
Nilo José Stella	Reinelli Prigol	685
Martinho Rosin	Américo Sostisso	638
Votos brancos		25
Votos nulo		26

Fonte: [https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/rybena\\_pdf?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/at\\_download/file](https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/rybena_pdf?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/at_download/file).  
Acesso 10-05-2020, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

Foram eleitos os candidatos que representavam a Aliança Democrática, com 685 votos, e os candidatos representantes do Partido da Frente Liberal receberam 638 votos, totalizando 1.323 eleitores.

O processo eleitoral de 15 de novembro de 1988 resultou na escolha dos vereadores abaixo relacionados e que demonstram que o processo democrático se constituiu desde o início, uma vez que é saliente a disputa política.

QUADRO 8 – VEREADORES ELEITOS EM 1988

<b>Vereador</b>
Antônio Balbinot
João Nacir Lorencet
Inácio Zanin
Ivo João Rodrigues Leite
João Carlos Porta
Pedrinho Airton Prigol
Valdir Antonio Porta
Darci Cecchin
Eloes Hermes Marchetti

Fonte: [https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/rybena\\_pdf?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/at\\_download/file](https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/rybena_pdf?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-rs-municipais1988-protasio-alves/at_download/file).  
Acesso 10-05-2020, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

No cenário nacional, em 1992, o país vivenciava o primeiro *impeachment* da República e a economia atravessava período de grande inflação, tornando as condições sociais desfavoráveis para uma parcela significativa da população. Nos municípios brasileiros, o processo eleitoral representava o prosseguimento dos processos democráticos estabelecidos pela Constituição de quatro anos antes. No dia 3 de outubro, realizaram-se as eleições municipais que resultaram na escolha dos representantes dos poderes executivos e legislativos municipais, com a participação

de 1.682 votantes, sendo que desses 18 foram em branco e 6 nulos. Os candidatos a prefeito foram:

QUADRO 9 – CANDIDATOS AO EXECUTIVO EM 1992

<b>PREFEITO</b>	<b>VICE</b>	<b>PARTIDO</b>	<b>VOTOS</b>
Valdir Antonio Porta	José Maximino Spanhol	PDS-PMDB	989
Martinho Rosin	Agenor Gregório Prigol	PFL-PDT-PTB	669
Votos brancos			18
Votos nulos			6

Fonte: <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/1992>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

A aliança entre os partidos PDS e PMDB tornou vitoriosa a chapa de Valdir Antônio Porta e de José Maximino Spanhol, respectivamente prefeito e vice-prefeito. A Câmara Municipal foi composta pelos candidatos relacionados abaixo.

QUADRO 10 – VEREADORES ELEITOS EM 1992

<b>Nome</b>
Sílvio Bolzan
Antoninho Raimundo Balbinot
Caetano Fracasso
Moacir José Cecchin
Darci Cecchin
Antonio José Cassol
Américo Sostisso
Ivo João Rodrigues Leite
Eloes Marchetti

Fonte: <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/1992>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

O processo eleitoral municipal seguinte ocorreu com a economia nacional mais estável desde a criação do Plano Real em 1994. Governava o Brasil o Presidente Fernando Henrique Cardoso. No ano de 1996, ano das eleições municipais, também foi alterada a Constituição Federal no que dizia respeito à proibição de reeleição para a presidência da república. Novamente, em Protásio Alves, são concorrentes dois candidatos ao cargo de prefeito, cujo resultado é apresentado no quadro:

QUADRO 11 – CANDIDATOS AO EXECUTIVO EM 1996

<b>Nome</b>	<b>Vice</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos Obtidos</b>
Mauro Mignoni	Caetano Fracasso	PPB	862
José Maximino Spanhol	Nilo José Stella	PMDB	844
Votos brancos			9
Votos nulos			13

Fonte: <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/1996>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

Os dados obtidos junto ao site do TRE-RS apresentam o nome de todos candidatos que concorreram ao cargo de poder legislativo. Mencionamos a seguir a situação de vereador eleito.

QUADRO 12 – VEREADORES ELEITOS EM 1996

<b>Nome</b>
Dirceu Stella
Antonio Cesar Vieira Jacques
Eloes Hermes Marchetti
Antonio José Cassol
Dervile Cecchin
Francisco José Defaveri
Jair Cassol
Domingos Angelo Donadelo
Valdeci Cecchin

Fonte: <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/1996>

O final do milênio e prenúncio de novo século foram revestidos de grandes expectativas. Nesse cenário ocorreram as eleições municipais que apresentaram a possibilidade de reeleição também aos cargos estaduais e municipais, como reflexo da alteração constitucional de 1996. Foram candidatos ao executivo: Mauro Mignoni e Nilo José Stella.

QUADRO 13 – CANDIDATOS AO EXECUTIVO EM 2000

<b>NOME</b>	<b>VICE-PREFEITO</b>	<b>LEGENDA</b>	<b>VOTOS</b>
Mauro Mignoni	Américo Sostisso	PPB-PFL	925
Nilo José Stella	Valdir Antônio Porta	PMDB	912
Votos brancos			2
Votos nulos			31

Fonte: <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/2000/1o-turno>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

Compareceram 1.870 de um total de 1.952 eleitores. Os vereadores eleitos, conforme o TRE-RS, estão apresentados no quadro abaixo:

QUADRO 14 – VEREADORES ELEITOS EM 2000

<b>Nome</b>
Jocimar Furlan
Agenor Gregório Prigol
Benito Stella
Antonio José Cassol
Eloes Hermes Marchetti
Domingos Angelo Donadello
Rogério Rangel Do Rosário
Nelson Donadello
Antonio César Vieira Jacques

Fonte: <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/2000/1o-turno>

O Brasil vivia, em 2004, os dez primeiros anos de estabilidade econômica oriunda do Plano Real e o Presidente da República era Luiz Inácio Lula da Silva, tendo como vice-presidente José Alencar, eleitos em 2002. No Município de Protásio Alves foram candidatos os senhores Eloes Hermes Marchetti e Agustinho Costa. O resultado final foi:

QUADRO 15 – CANDIDATOS AO EXECUTIVO EM 2004

<b>Nome</b>	<b>Vice</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos Obtidos</b>
Eloes Hermes Marchetti	Nilo José Stella	PFL/PTB	887
Agustinho Costa	Jocimar Furlan	PMDB	880
Votos brancos			10
Votos nulos			29

Fonte: <http://capa.tre-rs.jus.br/eleicoes/2004/1t/voto/RS85405.htm>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

Os resultados disponibilizados pelo TRE-RS para o cargo de vereador são apresentados a seguir. Houve a presença de representantes de vários partidos políticos demonstrando, mais uma vez, a afirmação da democracia participativa no município.

QUADRO 16 – VEREADORES ELEITOS EM 2004

<b>Nome</b>
Jussandro Bortolon
Valdeci Cecchin
Joarez José Rampazzo
Helder Prigol
Inacio Florindo Rampon
Antonio César Vieira Jacques
Sadi Girardi
Ivo João Rodrigues Leite
Margarida Maria Fracasso Scapinelli

A sexta eleição municipal ocorreu no ano de 2008, ano marcado internacionalmente pela derrocada da crise econômica imobiliária desencadeada nos EUA. O Brasil era governado pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva que foi reeleito em 2006; já, no Rio Grande do Sul, o estado elegeu a sua primeira governadora, Yeda Crusius – PSDB. A eleição municipal de 2008, teve como resultado:

QUADRO 17 – ELEIÇÕES AO EXECUTIVO EM 2008

<b>Candidato</b>	<b>Vice</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos Obtidos</b>
José Maximino Spanhol	Jusandro Bortolon	PMDB/PP	1034
Eloes Hermes Marchetti	Hélder Prigol	DEM/PTB	741
Votos brancos			23
Votos nulos			37

Fonte: <http://capa.tre-rs.jus.br/eleicoes/2008/1turno/RS85405.html>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

Os candidatos à Câmara Municipal de Protásio Alves e seus respectivos partidos, número e votos obtidos, reafirmam a constituição político partidária do município.

QUADRO 18 – VEREADORES ELEITOS EM 2008

<b>Nome</b>
Inacio Zanim
Hermes Jacinto Ferreira
Juliano Stella
Lirio Stella
Inacio Florindo Rampon
Antônio José Cassol
Carlos Brancalione
Joarez José Rampazzo
Rogério Rangel do Rosário

Fonte: <http://capa.tre-rs.jus.br/eleicoes/2008/1turno/RS85405.html>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

A primeira eleição municipal da segunda década do século XXI foi marcada, em todo o país, por debates característicos da construção permanente da democracia e que valoriza a cidadania, assim também ocorreu em Protásio Alves. No ano de 2012, concorreram ao cargo de prefeito os representantes do PP e do PT, sendo o resultado apresentado no quadro abaixo.

QUADRO 19 – CANDIDATOS AO EXECUTIVO EM 2012

<b>Nome</b>	<b>Vice-prefeito</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos Obtidos</b>
Jusandro Bortolon	Inácio Zanin	PP/PMDB	1127
Silvano Marchetti	Lirio Stella	PT/PTB	740
Votos nulos			42
Votos brancos			17

Fonte: <http://capa.tre-rs.jus.br/eleicoes/2012/1turno/RS85405.html>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

Os dados do TRE – RS apresentam os resultados da eleição de 2012 para vereador.

QUADRO 20 – VEREADORES ELEITOS EM 2012

<b>Nome</b>
Antônio José Cassol
Clairto Ochi
Egídio Stella
Francisco José Defaveri
Inácio Florindo Rampon
Lodovino Luiz Lorencet
Moacir Stella
Roberto Prigol
Valdecir Antônio Rampon

Fonte: <http://capa.tre-rs.jus.br/eleicoes/2012/1turno/RS85405.html>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

A atual administração municipal foi eleita em 2016, com mandato até 2020. Foi candidato único José Maximino Spanhol, eleito com 1.306 votos. O TRE–RS aponta que os votos brancos e nulos foram, respectivamente, 232 e 231. O vice foi Valdecir Rampon.

Atualmente, o Poder Legislativo Municipal está assim representado:

QUADRO 21 – VEREADORES ELEITOS EM 2016

Nome
Itamar Antônio Girardi
Marildo Stella
Antônio José Cassol
Ivo João Rodrigues Leite
Judite Cecchin
Jocimar Furlan
Cleiva Lorenzetti Lorenset
Roberto Prigol
Nair Salete Cappellaro Bolzan

Fonte: <http://capa.tre-rs.jus.br/eleicoes/2016/1turno/RS85405.html>, adaptação Eliana Gasparini Xerri.

O ano de 2020 constitui-se em um ano peculiar não apenas para Protásio Alves, mas para toda a humanidade, que é atingida pela pandemia do coronavírus Sars-CoV-2, resignificando as atividades públicas, assim como as práticas sociais do cotidiano.

A escola também tem prestígio na comunidade e é sempre lugar de importância, pois sua cultura permite interações sociais e formação de identidade com o local, segundo Farina, em 1912,

após inúmeros abaixo-assinados e insistência de Serraglia inauguram a primeira escola do Turvo. Segunda escola em 1914. Terceira em 1918. Após a decretação do ensino obrigatório dos 7 aos 14 anos, na década de 40, o distrito chegou a contar com 25 escolas que atendiam em média 300 crianças (p. 160).

A existência de escolas, desde o processo inicial do século XX, colabora para que a educação seja presença constante e sua efetivação se dá através dos dados do IBGE que apontam que a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 98,1% (2019).<sup>16</sup> Dados complementares sobre a educação no município são apresentados em texto fornecido pela Prefeitura Municipal:

Antigamente, os alunos estudavam em escolinhas pequenas, com estrutura mínima, distribuída no interior do município. Praticamente todas as comunidades do interior de Protásio Alves tinham sua escola que contava com uma ou duas professoras que atendiam a todos os alunos na mesma sala de aula (salas

<sup>16</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/protasio-alves/panorama>

multisseriadas), além de ficar sob responsabilidade destas professoras a limpeza da escola e a preparação da merenda escolar.

Era oferecido ensino da 1ª até 4ª ou 5ª série. A partir daí, os alunos precisavam ir até o centro da cidade para continuar seus estudos, o que causava uma grande taxa de abandono tendo em vista que, o transporte não era disponibilizado em todas as comunidades como é atualmente.

No ano de 2004 foi construída uma nova unidade escolar na área urbana do Município e em 2005 houve o processo de nuclearização de ensino, onde todos os alunos, desde a pré-escola até o quinto ano, começaram a ser atendidos nesta escola como é atualmente.

Através do decreto Executivo nº 003/2005 foi transferido o endereço da Escola Caetano Peluso da Meia Léguas dos Vieira para nomear esta nova unidade escolar.

Essa mudança veio a somar muito no processo de aprendizagem e qualidade da educação, pois foi possível contar com maior e melhor estrutura física e pedagógica, com espaços mais amplos para o desenvolvimento das atividades. A Escola passou a contar com professoras, direção escolar e funcionárias responsáveis pela merenda e pela limpeza, além de proporcionar aos alunos maior convivência e interação com outras crianças.

A partir do 6º ano os alunos do Município são atendidos pela Escola Estadual Padre Antonio Serraglio que oferece do 6º ano ao final do Ensino Médio.

No ano de 2012 a Lei Municipal número 1.056/2012 criou a Escola de Educação Infantil Recanto do Saber, com o objetivo de atender crianças de 0 a 5 anos de idade. A Escola iniciou suas atividades em abril de 2014. Essa conquista se tornou um marco para a Educação do Município, que passou a oferecer atendimento na creche, faixa etária tão importante para o desenvolvimento integral do ser humano.



*Escola de Educação Fundamental Caetano Peluso. Autoria: Sonia Reginato.*



*Escola de Educação Infantil Recanto do Saber. Autoria: Sonia Reginato.*

A respeito da Escola Estadual Padre Antonio Serraglio, a Prefeitura Municipal também registrou:

Em 1937, através do Decreto 6.586, foi criado em Protásio Alves o GRUPO ESCOLAR DE PROTÁSIO ALVES, que iniciou suas atividades com aproximadamente 125 alunos, de 1ª a 5ª séries.

A escola funcionava em prédio próprio de madeira, com três salas de aula, sala para a biblioteca, também usada para sala de professores, banheiros. Anexo ao prédio de madeira, uma cozinha, uma pequena sala e um banheiro, que servia de residência aos professores que vinham de outros municípios para atender a escola.

Em 1951, através do Decreto 2.391, a escola passa a denominar-se GRUPO ESCOLAR Pe. ANTONIO SERRAGLIO, em homenagem ao padre que muito lutou junto às autoridades estaduais para a criação da instituição.

Em 1975 e 1976 são instaladas 6ª, 7ª e 8ª séries e construída uma ala de alvenaria com 2 salas de aula, uma área coberta, almoxarifado, banheiros feminino e masculino.

Em 1977, a escola passou a denominar-se ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU Pe. ANTONIO SERRAGLIO.

Com a emancipação do Município e o crescimento da demanda escolar foi implantado o Ensino de 2º Grau, em 1991, com doze alunos. Passou, então, a denominar-se ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS Pe. ANTONIO SERRAGLIO. No ano de 2000, iniciou a construção de mais uma ala de alvenaria, com 3 salas de aula, sala para o laboratório de Ciências, refeitório, cozinha, banheiros femininos e masculinos e uma área coberta.

Em junho de 2007, foi demolido o prédio de madeira devido sua estrutura física estar muito comprometida. A Escola passou a denominar-se ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO Pe. ANTONIO SERRAGLIO.

A partir de 2006, após acordo com a Prefeitura Municipal, as séries iniciais do Ensino Fundamental passaram a ser atendidas pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Caetano Peluso.

A escola atendia os estudantes a partir da 5ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, atendendo os turnos manhã, tarde e noite.

Em 26 de novembro de 2019, foi inaugurado o Espaço Administrativo, com duas salas.

Atualmente, a Escola atende 121 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e conta com uma equipe de 13 professores, cinco funcionárias que atendem as áreas administrativa e pedagógica.

O sonho de uma educação de qualidade que prima pelos valores, pela formação do ser humano crítico, participativo, reflexivo e engajado, através do desenvolvimento de habilidades e competências, sempre foi a meta de quem esteve envolvido na história dessa escola. A construção do ser humano competente, responsável e feliz continua sendo a proposta educativa desta instituição.

*Antigo prédio da Escola Padre Antonio Serraglio, no ano de 1966. Acervo: Prefeitura Municipal.*



*Atuais instalações da Escola Padre Antonio Serraglio. Acervo: Prefeitura Municipal.*



# CAPÍTULO III

## HISTÓRIA E CULTURA DE PROTÁSIO ALVES NA VOZ DE SEUS MORADORES

*Anthony Beux Tessari*

*A História Oral pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas palavras.*  
Paul Thompson – *A voz do passado* (1992, p. 22).

As memórias sobre os antepassados imigrantes apareceram na fala de muitos entrevistados, principalmente pelo sentimento afetivo e identitário que essas lembranças são capazes de evocar. De modo geral, as entrevistas iniciavam com esse tema, procurando-se seguir uma ordem cronológica, com a finalidade de oportunizar a organização sequencial do relato, uma aproximação com a intimidade familiar do entrevistado e a valorização das suas origens.

Sendo muitos entrevistados descendentes de segunda ou de terceira geração de imigrantes, é importante sublinhar que as lembranças sobre o processo histórico da emigração/imigração foram passadas de geração para geração (de pais para filhos e filhas, de avós para netos e netas). Por isso, pode-se falar que os entrevistados possuem e expressam uma “memória de tabela” sobre o tema e são, portanto, lembranças influenciadas por reconstruções e ressignificações acerca do passado.

Relacionado às memórias sobre a imigração, para além dos relatos orais, está a função das imagens. Durante a pesquisa, observou-se que a fotografia tem um lugar de destaque e quase sagrado, na vida privada, sendo comum a existência de retratos emoldurados dos pais ou dos avós (que inauguraram a linhagem familiar dos imigrantes no Brasil) fixados a uma boa altura na parede das residências. Esses retratos pendurados, geralmente ftopinturas e fotomontagens, são cultuados tal como objetos em um altar e cumprem a função de transmissão da memória familiar – igualmente, encontram-se as fotografias organizadas em álbuns ou, ainda, guardadas em uma caixa/relicário. Essa função e lugar da fotografia para a preservação e transmissão da memória no seio familiar foi observada em um estudo etnográfico do casal de pesquisadores franceses Pierre e Marie-Claire Bourdieu, intitulado *O Camponês e a Fotografia*, no qual consideram:

A fotografia deve apenas possibilitar uma representação suficientemente crível e precisa para permitir o reconhecimento. É metodicamente inspecionada e observada, à distância, de acordo com a lógica que governa o conhecimento dos outros no cotidiano. Através do confronto de conhecimentos e experiências, situa-se cada pessoa por referência à linhagem a que pertence e, frequentemente, a leitura de fotografias antigas assume a forma de uma conferência sobre ciência genealógica, quando a mãe, a especialista no assunto, ensina à criança as relações que a unem a cada uma das pessoas na imagem (BOURDIEU; BOURDIEU, 2004, p. 34).



*Retratos familiares na propriedade de Luís Pegoraro. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Voltando aos relatos coletados, estes apresentam muitos pontos em comum com as fontes utilizadas para a construção das narrativas da extensa produção bibliográfica sobre a imigração e colonização italiana na região nordeste do Rio Grande do Sul, destacando-se os estudos de De Boni e Costa (2011), Giron e Herédia (2007), Iotti (2010), Luchese (2010), Manfroi (2001), e Possamai (2005). Esses estudos são aqui utilizados de forma a refletir, complementar e confrontar os dados presentes nas falas.

Outro procedimento importante e necessário para a escrita do texto a partir das entrevistas foi a organização e a divisão das falas por categorias, destacando aspectos históricos e socioculturais relacionados à formação do Município de Protásio Alves, e para além daqueles abordados nos capítulos anteriores. As categorias foram pensadas a partir dos temas mais recorrentes nas entrevistas, sendo: memórias e narrativas sobre as origens familiares e dos imigrantes, infância, trabalho e escola, lazer, ofícios e conhecimentos populares, e religiosidade, havendo, para cada um, novos desdobramentos, conforme se apresenta a seguir.

### 3.1 Memórias sobre a imigração: origens e primeiros tempos

A primeira referência trazida nas entrevistas, em resposta ao questionamento “quem de sua família veio da Itália ou da Europa para o Brasil?” foi o nome dos antepassados, indicando os primeiros imigrantes e moradores das localidades que hoje formam o Município de Protásio Alves. Alguns desses primeiros imigrantes se estabeleceram em regiões que hoje pertencem a outros



*Fotografia do acervo particular de Percedes Brancalione Lorenset. Lê-se no verso: Fotografia da família de Francisco Balbinot, que lhe manda em lembrança a sua filha Thereza Balbinot”. Autoria não identificada.*

municípios vizinhos, mudando residência – após o casamento, ou pelo esgotamento dos lotes – para linhas ou capelas nos limites do atual município.

A seguir a essa recuperação genealógica pelos entrevistados, as falas realçam, com adjetivação, as “dificuldades” e os “sofrimentos” diversos enfrentados pelos imigrantes: as origens, a partida e a despedida, a viagem, a chegada e o estabelecimento e a nova vida no Brasil. É assim que Albino Cassol, 83 anos de idade, ex-morador de Protásio Alves, hoje residente em Nova Prata, destaca em seu relato:

As dificuldades, vocês sabem: os imigrantes, coitados, se ‘tacavam’ quarenta dias no mar, passando de tudo um pouco. Com certeza, foi um sofrimento... Depois, se achegarem aqui, acamparem no meio do mato, sem conforto de coisa nenhuma. Deve ter sido muito sofrido para eles...

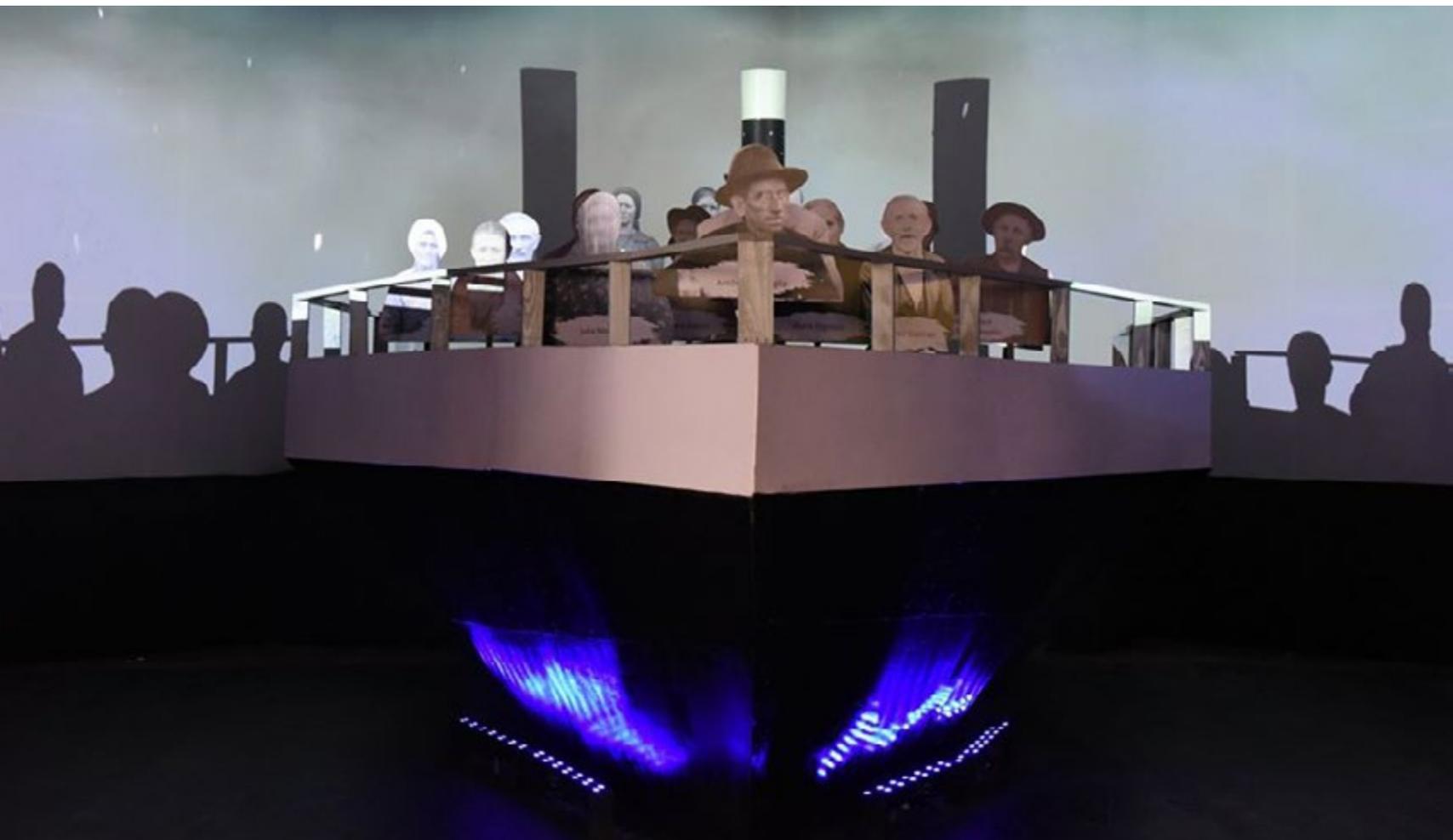
A viagem de navio até o Brasil é um primeiro tema recorrente nas entrevistas, havendo mais de uma história sobre falecimentos durante a travessia do Atlântico. Conforme Manfroi (2001, p. 85-87), a precariedade das condições sanitárias e de higiene e a lotação muito acima do limite nas embarcações que transportavam os imigrantes favoreciam o surgimento e a proliferação de doenças, especialmente entre as crianças e os mais velhos. Faltavam serviços médicos, e a alimentação era deficiente. Alguns navios tinham capacidade adequada para 700 passageiros, mas

chegavam a transportar mais de mil pessoas e tinham, ainda, dependências destinadas a animais. Essas condições, de pouca salubridade, eram comuns não apenas para os navios que faziam a travessia mais longa, pelo Atlântico, por pouco mais de um mês, mas, também, nos vapores menores, que levavam os imigrantes para outros portos no interior do Brasil.



*Retrato do casal João Stella e Maria Angela Bellini Stella.*

*Reconstituição da viagem dos primeiros imigrantes de Protásio Alves em navio cenográfico durante a Expo Protásio, em 2019.  
Acervo: Prefeitura Municipal.*



No relato de Restilde Donadello, 87, encontra-se a lembrança, transmitida pelas gerações anteriores, de um episódio de falecimento na sua família, envolvendo duas crianças:

Vieram da Itália o meu bisavô e o meu avô. Eles eram em três irmãos quando saíram de lá. O bisavô tinha três filhos, e a mulher. Dois morreram na viagem, então, foram largados na água... Sobrou um só, o meu avô. Eles se estabeleceram em Nova Prata, depois, com meu pai, nos mudamos para Chimarrão Grande, em Protásio Alves.

Acontecimento semelhante ocorreu na família de Lourdes Pegoraro Lorencet, 54, que reproduziu as lembranças ouvidas de seu pai:

Eu conto o que meu pai falava. O meu avô veio da Itália. Ele veio com três irmãos, mais uma irmã, que morreu na viagem de navio. Demorou quarenta dias, na verdade. O meu bisavô ficou para pagar a viagem, trabalhando lá seis meses e, depois, veio. O nome da minha bisavó eu não sei, pois nem meu pai sabia... O nome do avô era Giuseppe, e os filhos eram Pedro, Luiz e Alexandre. Foram eles que vieram. A irmã deles, que morreu na viagem, se chamava Maria, era pequena...

Sobre o mesmo assunto, um misto de experiências, entre a vida e a morte, é trazido na fala de Sabino Luiz Dall’Agnol, 87, que relata o nascimento da sua mãe durante a viagem, mas o falecimento do avô, logo em seguida, acometido por doença, já no novo país:

Vieram da Itália meu pai, meu avô e minha avó. O meu pai, ele veio com oito anos, e o meu avô paterno já era velho, aqui deu febre nele e, depois de uns dias aqui, faleceu. Não havia médicos naquele tempo, aqui... A minha mãe nasceu no meio do mar, no navio em que vinha.

Há poucas referências, nas entrevistas, quanto aos locais de partida das famílias imigrantes que vieram para Protásio Alves. Contudo, em um pequeno livro sobre a história da família Costa, publicado em 2005, há o relato de pesquisa feita pelo padre Armelindo Costa, nos anos de 1980, em um arquivo da comuna de Rotzo, no norte da Itália, local de onde, segundo o autor, teriam emigrado muitas famílias – assim como da comuna vizinha, de Asiago:

De Rotzo, vieram para o Brasil outras famílias, conhecidas de todos nós, como Brancaglione, Rondello, Dal Pozzo, Pelizzer, Francescon, Spagnolo, Slaviero, Zanella, Martello... Podemos afirmar que foi de Rotzo que partiram muitas famílias de Protásio Alves. E foi do *altipiano* de Asiago que partiu uma leva

considerável de imigrantes que se localizaram na região de Antônio Prado, conforme consta nos registros da casa paroquial de Rotzo, que naquele tempo fazia de Cartório (COSTA, 2005, p. 7).

Na mesma publicação, Costa (2005, p. 7-8) comenta sobre as principais causas que motivaram a emigração das famílias daquela região para o Brasil. Conforme o autor, o território do norte, de onde saiu a sua e algumas outras famílias que povoaram Protásio Alves, era cenário de disputa entre a Áustria e a Itália, no período de unificação desta, conhecido também como *Risorgimento*, o que ocasionava perseguições políticas aos seus moradores. Economicamente, a região enfrentava a fome, sendo que as terras não eram ideais para o plantio: “eram montanhosas e, os terrenos, rochosos”. Também, os impostos cobrados pelo governo sobre as propriedades e os produtos, como a farinha, endividavam as famílias, que perdiam áreas de seus terrenos. Pelo difícil acesso à região, viviam períodos, como no inverno, isolados, e o comércio pouco ocorria. Como alternativa, a emigração para o Brasil foi escolhida por muitas famílias daquela localidade, sendo que partiam com a promessa, propagandeada pelo governo imperial brasileiro, de que teriam “um lote rural para pagar em um prazo de dez anos, viagem gratuita dentro do país, ajuda financeira nos primeiros tempos e assistência médico-religiosa” (COSTA, 2005, p. 8).<sup>17</sup>

O relato que o padre Armelindo Costa apresenta em seu livro é interessante de ter alguns trechos reproduzidos aqui, pois evidencia as suas memórias, formadas a partir da escuta dos seus antepassados – o autor fala que ouviu o relato de seu “zio (tio) Toni”, ou Antônio Costa, irmão de seu avô, quando este tinha 85 anos –, e que os dados foram confrontados com documentos de arquivo e com outros relatos que ouviu durante a sua viagem à Itália, em 1982, sobre a partida das famílias da província de Vicenza, no Vêneto. Conforme o autor, depois de deixarem as casas, os emigrantes encaminhavam-se para a estação ferroviária de Vicenza, onde:

Era o local de uma última despedida [...]. Enquanto aguardavam a hora do embarque no trem que os conduziria a Milão, passavam no Santuário de Nossa Senhora de Monte Bérico, que fica em frente à estação. Todos faziam suas preces, suas promessas, e levavam uma recordação. Por isso, encontramos muitas igrejas com a imagem de Nossa Senhora de Monte Bérico. É venerada como a mãe dos migrantes vênéticos (COSTA, 2005, p. 13).

---

17 Segundo Manfroi (2001, p. 95): na maioria dos casos, o prazo de pagamento das terras podia ser de 5 a 10 anos, e a ajuda pecuniária para a construção da casa, de instrumentos agrícolas e sementes nem sempre existia. Alguns colonos realizavam trabalho remunerado para o governo, quinze dias por mês, na abertura de estradas, o que os ajudava a complementar a renda, para além das atividades agrícolas.

Em seguida, dirigiam-se para Gênova, porto utilizado pela maioria dos imigrantes do norte da Itália para emigrar:

Em Gênova, às vezes, deviam esperar dias e dias até a partida do navio, porque os agenciadores queriam algum lucro nas pensões, os taverneiros nos bares etc. [...] Até que chegava o dia da partida. Serão 36 dias. Quem irá sobreviver? [...]

O navio Matteo Bruzzo navegou durante 3 meses, afundando cadáveres. Uma situação precária em todos os sentidos. E se, pelo caminho, aparecesse alguma doença (febre amarela), todos os contagiados eram jogados no mar, para não contagiar os demais. Toda viagem tinha muito morto. Em geral, uns 30 por viagem. [...] (COSTA, 2005, p. 13).

No Brasil, na primeira fase da imigração, ainda no período imperial, dois portos recebiam o maior contingente de imigrantes: o porto do Rio de Janeiro, então capital do Império, e o de Santos, em São Paulo. Para o caso da família de Costa, seus antepassados desembarcaram no primeiro, e, na sequência, partiram para o Sul, até o porto de Rio Grande:

A primeira parada era no Rio de Janeiro. No Rio, havia um lugar chamado 'Ilha das Flores'. Ali [...], eram submetidos a exames médicos. [...] Do Rio, a viagem para a terra de destino demorava mais uns 10 a 15 dias. [...]

A viagem até o "barracão" – O navio que conduzia os imigrantes ao sul, tinha como meta chegar até Buenos Aires. O porto do Rio Grande era, porém, uma parada obrigatória. Desembarcavam do navio os que se destinavam às colônias do Rio Grande do Sul. Recebiam suas bagagens e se dirigiam à alfândega, onde se apresentavam à autoridade do Governo brasileiro. [...] Em geral, pegavam uma embarcação comercial e pagavam a passagem através de serviços braçais, como carregar e descarregar mercadorias. Assim chegavam a Porto Alegre [...]. O governo pagava a hospedaria: cama e comida. [...] Os imigrantes deviam, em seguida, alugar outro barco, ou prestar serviço e assim rumarem para São Sebastião do Caí, conhecido também como o Porto dos Guimarães. Demorava umas 4 horas de viagem (COSTA, 2005, p. 14).

A última parte da viagem era feita a pé, em direção aos chamados *barracões* (hospedarias) onde ficavam semanas, até terem concedido um lote para morar e produzir:

De São Sebastião, cada família se virava como podia. Em geral, seguiam a pé até Dona Isabel (Bento Gonçalves) e, de lá, até o "barracão", mais em direção a Caxias do Sul (Campo dos Bugres). A viagem até Dona Isabel era aproximadamente de 100km. Não havia estrada, só picadas. [...] (COSTA, 2005, p. 13-15).

Mais adiante, falando especificamente sobre a chegada à região de Protásio Alves, Costa (2005) complementa que a sua família desembarcou no mês de maio de 1887 no Brasil e ganhou, inicialmente, um lote na localidade de Santa Justina, em Caxias do Sul, ficando lá apenas por seis meses. Em seguida, transferiram-se para um lote próximo ao rio *Quaresima*, em Antônio Prado, onde permaneceram por oito anos e, de lá, foram “morar nas barrancas do rio Turvo” (p. 26), local onde as primeiras famílias de imigrantes se estabeleceram no território que hoje compreende Protásio Alves:

À beira do Turvo moravam várias famílias. Era um pequeno povoado. Era conhecido como Primavera. Muitas dessas famílias são nossas conhecidas. O primeiro vizinho era o Furlan. Do outro lado, havia a família Sorgatto, em seguida a família Brugnarotto, os Martello, os Canale, os Fracasso e tantas outras. Tinham construído a capela, o cemitério... [...] O lugar dista uns 20km de Antônio Prado, uns 10km de Protásio Alves e uns 30km de Nova Prata. Estavam, portanto, longe de tudo, do comércio, da cidade, do médico... Abriram, por conta, a estrada que conduz a Protásio, um lugar que estava se tornando uma pequena vila. Lá havia certo comércio, um bar, uma igreja de madeira, um salão... E depois de 1898 tiveram assistência religiosa com a presença periódica do padre Cobalchini (de Nova Bassano), do padre Seganfredo (de Capoeiras, Nova Prata) e depois, em 1901, chegou o padre Antônio Serraglia. Os colonos, portanto, todo domingo subiam os morros a pé, a cavalo, em carroças, para a missa em Protásio Alves (COSTA, 2005, p. 27).

A riqueza de informações sobre os primeiros tempos da imigração, trazidas por Costa (2005), segue em seu livro, expondo lembranças que escutou de seu avô e tio-avô sobre a existência e o convívio com animais selvagens:

O avô Matio contava que, quando iam trabalhar no planalto (a terra ia do rio ao planalto: 1km), não voltavam para casa à noite, com medo dos animais. Dormiam na roça, com um fogo ao lado ou então dormiam em camas improvisadas na copa de uma árvore. A lida com animais ferozes foi um capítulo que marcou profundamente a história desses desbravadores da mata. Alguns guardam, até hoje, aquelas espingardas potentes [...] e o que não faltava nos filós eram os assuntos referentes às caçadas e à matança de algum animal feroz (p. 29).

Ainda, o autor destaca a fala de um dialeto próprio da região de origem da sua família, conhecido como “Cimbro” (também chamado de “Cimbriano” ou “Zimbrisch”), que continuou a ser falado pelos imigrantes no Brasil, mas que se perdeu ao não ser transmitido para as gerações mais jovens:

Era um dialeto alemão, porque Rotzo pertencia ao império austríaco. Os filhos entendiam o Cimbro, mas não falavam. Eu me lembro de ter ouvido o nono Matio e o zio Toni falarem em Cimbro, após a missa.” (COSTA, 2005, p. 29).



*Antepassados de João Costa, em fotografia cedida de seu acervo particular. Autoria não identificada.*

Os relatos sobre a chegada no Brasil e o estabelecimento dos imigrantes em seus lotes rurais estão presentes em outras falas registradas em nossa pesquisa, havendo particularidades, mas muitos aspectos semelhantes entre elas, reforçando experiências e sentimentos comuns sobre aquele passado. Lourdes Pegoraro Lorencet, falando sobre a vinda do seu avô e de dois tios-avôs, afirmou:

Eles vieram para Santos, de navio. Depois, foram até Porto Alegre e, daí, para Antônio Prado. Em Antônio Prado, chegaram até o rio Turvo. Quando chegaram no rio, eles cortaram uma árvore, e levaram três dias para fazer um barco para poder passar para Protásio Alves. Eles acamparam no Morro da Primavera. Fizeram uma casinha com taquaras, alta, pois havia animais, e foram procurar uma fonte de água. Eles foram se acampar aonde tinha uma fonte de água, segundo meu pai falava. Eles ficaram lá, e cozinhavam pinhão, comiam frutos do mato e caçavam animais. Eles não tinham sementes, não tinham nada, naquela época. Em um ano naquele lugar, deu uma seca grande, e não tinham mais água. Eles levantaram acampamento e foram para onde meu pai residia, em Monte Bérico. Encontraram água, e lá se instalaram. Construíram outra casinha. [...] Do que eles mais viviam, naquela época, era do pinhão, que eles deixavam, de ano a ano, cozido. [...] Com o tempo, conseguiram comprar sementes de trigo, ou ganhavam as sementes, e plantavam. Eles colhiam o trigo, levavam para vender... A primeira coisa que faziam era levar para casa a farinha, que eles faziam para o ano inteiro. Depois, vendiam o que sobrava. Nos primeiros anos, viviam mais de trigo, pois a soja e o milho vieram bem depois... [...] Foi de Vicenza, na Itália, que meus avós vieram.



*Família Lorenset. Acervo particular do casal Albino José Lorenset e Perceles Brancalione Lorenset. Autoria não identificada.*



*Família Lorenset. Acervo particular do casal Albino José Lorenset e Perceles Brancalione Lorenset. Autoria não identificada.*

Outros imigrantes que se estabeleceram na região conhecida como Primavera, na encosta do rio Turvo, foram os integrantes da família de Graciema Tereza Todescato Spanhol, 70. Em sua entrevista, Graciema falou dos avós paternos, que vieram solteiros da Itália, conheceram-se e casaram-se no Brasil e moraram até o fim da vida na localidade de Primavera, após optarem pela região:

Vieram novos e moraram sempre ali [na Primavera]. Primeiro, ele veio para Caxias, parou um tempo lá, e disse que não gostou, porque não tinha água... Eles preferiam os morros, e onde tivesse água, e parou bem na beira do rio [Turvo], e ali viveu sempre.

Graciema também destacou que o avô paterno tinha conhecimento de marcenaria e passou a trabalhar com a matéria-prima da madeira produzindo desde pequenas embarcações a utensílios domésticos. Além disso, acrescentou informações sobre o avô materno, que fez a travessia no colo dos pais:

O meu avô paterno, Todescato, já veio com uma idade que trabalhava. Ele trabalhava com madeira, fazia todas as barcas para atravessar os rios. Também fazia gamelas, e muitos materiais de madeira... Já o avô materno, veio da Itália, só que veio bem *pequenino*, ainda *de faixa* [referência ao costume antigo de enfaixar os recém-nascidos], tinha 40 dias, diziam, quando embarcaram no navio para vir... Era bem pequeno, ele nem lembrava da Itália...



Retrato do casal Antônio Zottis e Giacomo Spagnolo. Acervo de João e Graciema Todescato Spanhol.



Retrato do casal Maria Brancalione e Ernesto Spanhol. Acervo de João e Graciema Todescato Spanhol.

Ainda quanto à região do rio Turvo, cabe destacar dados presentes em outra referência bibliográfica, também de caráter memorialista. Trata-se do livro *Brava e Buona Gente, Cem Anos pelo Brasil*, de Oswaldo Antônio Furlan (1997), em que o autor reconstrói a sua história familiar, iniciando pela vinda dos imigrantes Antônio e Bôrtolo Furlan. Fruto de pesquisa genealógica em arquivos diversos e, em especial, de uma entrevista realizada em 1995 com Lúcia Furlan Baccarin, neta de Antônio Furlan, o autor procura reconstituir a vida inicial da sua família na encosta do rio que foi local de entrada de muitos imigrantes que povoaram Protásio Alves. Conforme Furlan (1997), Antônio e Bôrtolo chegaram ao Brasil, possivelmente, em meados de 1890, e passaram cerca de seis meses no *barracão* para imigrantes, em Caxias do Sul, seguindo posteriormente para o lote rural concedido na beira do Turvo, onde receberam ajuda e acolhimento de uma família, até a construção de sua própria moradia:

Para conseguirem abrir picada no meio da selva e plantar, em seu terreno, a primitiva casinha e as primeiras roças, Antônio e Bôrtolo hospedaram-se, por dois anos, na casa de um casal amigo, nascido em Arzignano, Itália, de nome Pedro Delai e Marina Toniazzo. Estes residiam a poucos quilômetros de Antônio Prado [...]. Então, atravessando o rio, estabeleceram-se '*na linha 24 de Maio, entre Prata e Turvo*' [conforme entrevista do autor com Lúcia Furlan Bacharin], em área que então pertencia à Colônia Alfredo Chaves [Veranópolis], no interior de Lagoa Vermelha, e que hoje pertence à Linha Nossa Senhora do Caravaggio [em Protásio Alves] (p. 127).

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes nos primeiros tempos foram trazidas no relato de Lúcia Baccarin colhido pelo pesquisador, que reproduziu em seu livro a forma de falar e as expressões da entrevistada:

Antônio botava o saco de milho no cavalo até o rio, um pouco *abaxo* da casa; tirava o milho, *botava no caíco* (canoa rústica) e atravessava; o cavalo vinha nadando; depois, *puçava* o cavalo até Antônio Prado, para comprar um só *paco* (pacote) de prego. Certa vez, tendo voltado de Antônio Prado, o rio não dava passagem. Então, cortaram cortiça, serraram tábuas, *deitaram* nelas e atravessaram; os cavalos vieram nadando (FURLAN, 1997, p. 128).

Recorrendo ao bom humor, Furlan (1997) ressalta a declividade do terreno do lote colonial recebido pelos seus antepassados, fato certamente extensivo a outras famílias que viviam nas proximidades, e reforça a informação, conforme visto anteriormente no livro do padre Armelindo, de que o planalto do morro naquela encosta servia melhor para o plantio:

[...] a Antônio Furlan foi concedido, pelo Governo do Rio Grande do Sul, em 1892, o lote 19, a preço de 0,62 mil réis ao m<sup>2</sup> [...]. Seu terreno se situa em recosta tão íngreme que, segundo humoristas, na parte mais alta, o milho teria sido plantado a tiro de espingarda e, depois, colhido a laço; sua melhor parte se situa no planalto do morro. Pode-se imaginar o sacrifício para manter e percorrer as estradas entre a casa e as roças (FURLAN, 1997, p. 131-132).

*Travessia do rio Turvo na altura da balsa. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Ainda sobre a família Furlan, produziu-se, em nossa pesquisa, uma entrevista com Aldo Ceccagno, 85, neto do patriarca imigrante Antônio Furlan. A primeira lembrança que marcou o entrevistado, ainda na infância, foi a morte do avô, cujo corpo foi trazido para ser velado na sala de sua casa, um costume comum naquela época:

[...] me lembro, estava dormindo, pois era de noite, e vieram trazer [o corpo] lá. Eu estava já deitado, e eu ouvi o barulho. A mãe começou a chorar, e eu levantei... 'Não, não', ela disse, e para eu 'continuar dormindo'...

Aldo também recorda de ouvir os motivos que levaram o avô materno e os familiares a deixarem a Itália:

Eles saíram de lá porque disseram que aqui tinha abundância de comida, e tinha muito mato, e eles gostavam de caçar. Naquela época, tinha até onça lá para aqueles lados do rio Turvo, e outros animais. Também, o rio era muito bom para pescar. Então, eles vieram, e gostaram de vir. A vida na Itália era muito sacrificada, muito sacrificada! Tinha que trabalhar muito, e ganhavam pouco. Como disseram que aqui no Brasil era fartura, vieram para cá.

As razões da partida encontram eco em outros relatos gravados, como na fala de Valdomiro Sostisso, 82, que fez referência à experiência do avô paterno, o qual esteve acompanhado de dois amigos, evidenciando laços de solidariedade entre os imigrantes:

Ele contava que, na Itália, não tinha como viver mais, e aí ele veio aqui para o Brasil. Eles chegaram no *barracão*, em Antônio Prado, e mandaram ele se instalar para esses lados [de Protásio Alves], e ele começou a abrir uma *picadinha*... Vieram em três, meu avô e dois companheiros dele, que eram irmãos, o Constante Ampagio e o Doro Ampagio. Se instalaram uns 500 metros longe do meu avô... O falecido *nono* que falava.



Retrato de mulheres. Acervo particular de Libera Prigol Sostisso, esposa de Valdomiro Sostisso. Autoria não identificada.

Já para a família de Sabino Luiz Dall’Agnol, 87, o motivo principal da emigração teria sido política, após uma contenda que seu avô, militar, teve com o governo local em sua comuna de origem:

Eles moravam na província de Belluno, no norte da Itália. Meu avô era um coronel, e ele ficou bastante tempo lá. Acabou brigando com o governo e perdeu a terra que tinha, então, veio morar aqui.

Essas lembranças dos primeiros tempos, selecionadas a partir das entrevistas e de outras referências que trazem maior quantidade de detalhes nas narrativas, dão conta de demonstrar as diferentes experiências vivenciadas pelos imigrantes em Protásio Alves, contadas pelos seus descendentes. Evidentemente, na impossibilidade de abordagem exaustiva, a seleção das falas constitui-se em uma amostragem, mas significativa do processo histórico da imigração e, mais ainda, da construção sobre aquele passado. Nesse sentido, além dos elementos anteriormente tratados, vê-se também presente, em alguns relatos, o sentido e o valor atribuído ao *trabalho*, como na entrevista com João Costa, 81, que falou a respeito de seus antepassados:

Era uma turma grande que veio da Itália para cá. Eles viram que lá não dava mais para viver. Aqui, cada um pegava um pedaço de terra, e o governo ajudou. Vieram com sementes, e foram crescendo... Hoje, temos Protásio graças aos italianos. Vieram pessoas sérias e trabalhadoras.

Voltaremos a esse valor, do *ethos* do trabalho, na sequência do capítulo, cabendo destacar, da fala de Costa, a referência à ajuda do governo para o estabelecimento dos imigrantes, um fato relevante para a compreensão daquele contexto histórico. Conforme afirmam Giron e Herédia (2007, p. 21), a imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul teve êxito, do ponto de vista econômico, em razão, principalmente, “da distribuição de terras feitas entre os colonos” pelo governo brasileiro, o que os beneficiou a formar uma dinâmica produtiva, baseada na policultura e de trocas comerciais, com crescente mercado consumidor à medida que mais imigrantes chegavam à região e nela eram instalados.

Esse sucesso da política imigratória brasileira, iniciada no Império e continuada na República, não foi, contudo, sem conflitos, devendo-se observar as disputas e queixas dos imigrantes contra as autoridades do governo, tal como afirma Luchese (2010) em seu estudo<sup>18</sup>:

---

18 Ainda que as entrevistas realizadas, em nossa pesquisa, não tenham trazido esse elemento, sua problematização tem importância para ampliar a compreensão daquele processo histórico na região na qual o Município de Protásio Alves está inserido.

Tornou-se comum afirmar que os imigrantes vieram “fazer a América”, numa perspectiva de heróis pacíficos e trabalhadores que sofreram muito ao serem estabelecidos nas colônias, pois lhes faltava alimentos, abrigos, as doenças ceifavam inúmeras vidas, não havia nenhuma infraestrutura e que eles foram abandonados em meio à mata. Entretanto, com o trabalho e a perseverança, construíram grandiosas cidades. Por certo, muitas foram as privações que enfrentaram, porém, as relações entre eles e as autoridades nomeadas para organizarem os núcleos não foram pacíficas. Existiram manifestações de insatisfação que foram resolvidas pelo consenso ou pela força (p. 308).

Do mesmo modo, encontram-se relatos dessas relações conflituosas na palavra oficial das autoridades italianas e brasileiras sobre a região de colonização no Nordeste do Rio Grande do Sul, estudadas por Iotti (2010) em pesquisa a partir dos *Relatórios Consulares*. Conforme a autora, para mitigar possibilidades de conflito e de enfrentamento com os imigrantes, a preocupação do governo foi, frequentemente, no sentido de garantir a ordem, procurando “selecionar imigrantes para contribuir na empreitada do desenvolvimento”, e exercer controle sobre estes por meio da “centralização do poder nos núcleos coloniais” (IOTTI, 2010, p. 238).

Avançando nas entrevistas, em que pese a maior parte das falas registradas na pesquisa ter tratado da imigração italiana, pela quantidade expressiva de moradores do município com essa origem, é oportuno ressaltar experiências diversas daquelas até então referenciadas, e para além da ocupação inicial indígena, já destacada em capítulo anterior. Trata-se do depoimento concedido por Jorge Luiz da Rosa Jacques, 57, que tem origem familiar portuguesa, ligada à criação e produção pecuária na região. A trajetória da família de Jorge traz diferenças significativas com a imigração italiana, em termos não apenas temporais, mas também, socioculturais e econômicos, e são, ainda, realçadas pela paisagem que circunda as terras de sua propriedade. Conforme Jorge:

Por volta de 1880 veio o Manuel Pereira Vieira, meu bisavô, filho do alferes Manuel Pereira Vieira, meu tataravô. [...] Este era de Laguna, e recebeu, em André da Rocha, esta área grande de terra, em torno de quinhentas colônias. Eu até brinco com os italianos: vocês receberam uma colônia e, nós, quinhentas. A ocupação, aqui, foi diferente de Caxias, de Bento, de Nova Prata... Aqui, por causa da geografia do rio Turvo e do rio da Prata, pertencia à Lagoa Vermelha, então, a ocupação desta região obedece aos critérios anteriores à imigração. Nós chegamos em torno de 1860. Eram três famílias, eram bandeirantes. Nós viemos de Laguna, depois vieram os outros. O trabalho executado nas terras era principalmente a pecuária... O motivo de ceder [as terras do município de] Protásio para o governo, e fazerem a colonização,

foi porque essas áreas eram impróprias para a criação de gado. Esse alferes tinha que passar para o governo que, aqui, estava seguro. Havia denúncias sobre fugitivos que se escondiam lá e, por segurança, e falta de pagamento de impostos, ele entregou 80% da atual Protásio Alves para o governo fazer a colonização. Os outros 20% ou 30% continuou com a 1ª geração deles...



*Pingente com retrato fotográfico de Manuel Pereira Vieira. Acervo particular de Jorge Jacques.*

Porteira e paisagem da fazenda de Jorge Jacques. Autoria: Anthony Beux Tessari.





Paisagem das terras da fazenda de Jorge Jacques. Autoria: Anthony Beux Tessari.







*Família de Jorge Jacques. A autoria: Anthony Beux Tessari.*

Do relato de Jorge Jacques deve-se ressaltar, ainda, a informação sobre a presença de negros escravos na fazenda do alferes Manuel Pereira Vieira, relatadas pelo entrevistado a partir das lembranças que ouviu de seus familiares:

No início, a propriedade usou mão-de-obra escrava, e eu lembro que, contaram, minha bisavó e o bisavô mandavam enterrar os negros no mesmo cemitério da família, em covas. O pai do Tadeu que me contava essas histórias, ele era de 1912... Soube que o último negro velho, quando já não tinha mais escravidão, ficou morando por ali, e morreu... Eu sei que a vó benzeu, colocaram ele em cima de uma carreta, tocada a cavalos... E o vô recomendou que fossem lá, levassem as ferramentas, e que fizessem sete palmos, rezassem o Pai Nosso e botassem a cruz, porque ele era muito estimado. [...] Meu bisavô teve três escravos. Tem o trabalho deles, como as taipas e, como não tinha arame, faziam valos para o gado não passar... Os escravos moravam afastados da sede, em galpões...



*Vestígios de taipa (cerca) de pedra construída, conforme relato da pesquisa, por escravos da fazenda do Alferes Manuel Pereira Vieira. 5/12/2019. A autoria: Anthony Beux Tessari.*

A mesma origem diversa da imigração italiana está presente na trajetória da família da esposa de Jorge, Silvana Maria Ribeiro Coitinho Jacques, que informou que seus avós eram “agregados na fazenda dos Vieira”, antepassados do marido. O mesmo se tem no relato da centenária Olga da Silva Mota, nascida em 23 de setembro de 1919, cujo avô, de origem “brasileiro”, conforme as palavras da entrevistada, migrou do Estado de Santa Catarina, e a avó, embora “não se *alembre* mais da origem”, tinha “sangue *misturado*, com índio”.



*Olga da Silva Mota, no ano de seu centenário, segurando retrato de seu casamento. 5/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.*

### **3.2 Infância, trabalho e escola**

Após as narrativas sobre as origens familiares e os antepassados imigrantes, o tema que se destacou nas entrevistas foi o da infância. Há uma articulação significativa entre essas memórias com as experiências do trabalho e da escola e, por isso, as narrativas foram reunidas nesta categoria. Observam-se experiências semelhantes entre os relatos registrados: a participação, enquanto criança, no auxílio às tarefas que envolviam o cuidado com o lote colonial, com a casa e, concomitantemente, tinha lugar o estudo formal na escola, o que durava, de forma geral entre os entrevistados, por volta de cinco anos, contados pelos livros escolares que marcavam o avanço de nível.

Sobre a escola, os relatos destacam alguns dos primeiros professores que atuaram no município, seja na sede ou no interior de Protásio Alves. Igualmente, as falas trazem elementos significativos sobre o processo de escolarização, como a organização dos espaços destinados ao ensino, os conteúdos estudados e a disciplina em sala de aula. Cabe pontuar que as memórias se referem a um período em que a

escola já era um serviço público, e não às lembranças sobre o início da imigração, quando o ensino, para o caso da região de colonização italiana, era organizado pelos próprios colonos, que escolhiam entre os moradores da comunidade aquele que fosse o mais instruído para lecionar às crianças, em espaços improvisados dentro de sua própria casa – as aulas, inclusive, ocorriam nos dialetos falados pelos imigrantes, mas com leitura a partir de livros em italiano *standard* (POSSAMAI, 2005, p. 97).

Na memória coletiva sobre a infância, o trabalho aparece como algo inerente para aquela fase da vida, devido à necessidade de sustento da família e, muitas vezes, tinha lugar prioritário na organização da casa. Entre a segunda e a terceira geração de imigrantes, as famílias passaram a constituir-se numerosas, significando mais braços para o auxílio nas atividades da roça. Para a maior parte da prole, contudo, o estudo formal ia até os primeiros níveis escolares e, não raro, apenas um dos filhos era escolhido para continuar a sua formação – geralmente, em instituição seminarística, para o caso de menino, e, para a filha, no magistério.

Nas palavras de Albino Lorenset, 72, falando sobre a sua infância, registrou-se:

Eu estudei aqui na escola rural, o professor era o Álvaro de Machado Mesquita. [...] Era natural trabalhar... Antes de ir para o colégio, tinha que fazer o *servicinho*, trabalhar um pouco. Depois, ia para o colégio. Tratava os *porquinhos*, as *vaquinhas*, descascava o milho..., e era tudo à mão naquela época. Deixava o milho pronto para os pais plantarem.

Participando da mesma entrevista, a esposa de Albino, Perceles Brancalione Lorenset, 69, trouxe a sua experiência, com detalhes do cotidiano dividido entre a escola e o trabalho em casa:

Fui morar na casa de uma irmã que residia numa outra capela, e fui ajudar ela a criar as crianças, então ia na aula lá pertinho. Meu professor era o Ermínio Cassol. Fiquei lá para fazer o primeiro e o segundo ano. Depois de lá, vim morar com os pais, então fui estudar aqui no colégio estadual de Protásio Alves, e continuei ali até a quinta série. [...] A gente se levantava cedo, tomava café, e tínhamos que ir a pé, sendo uns três quilômetros até a escola. Se tinha chuva, ia com chuva, porque não tinha transporte. Muitas vezes, com *chinelinho* na mão para não gastar a sola, porque a gente era pobre... Depois, lavava os pés e entrava na aula... Ao meio-dia, ia para casa, e tinha que ajudar. Com o tempo, minhas irmãs saíram todas de casa, e fiquei sendo a mais velha da família, com 10, 11 anos de idade. Fazia o possível e o impossível... Tinha que ajudar, porque os pais já estavam de idade... Comecei a plantar milho com a *maquineta* com 10 anos, e ajudava na roça, em casa, em tudo o que precisava.

Acrescentando sobre sua infância, Percedes destacou não haver diferença, desde cedo, no trabalho entre homens e mulheres na organização da casa, devido à característica da sua família:

Lá em casa só tinha o pai de homem. Eu só tenho um irmão, e ele foi estudar para padre. Ele ficou fora, depois ele veio para casa, mas saiu, porque tinha estudo e foi para a cidade. Nós tínhamos que fazer o serviço de homem e de mulher também, porque só tinha menina na nossa família... Não tinha muita diferença. A gente ia na roça, carregava a colheita... Naquela época, não era com carreta de boi, porque era muito morro, era com os cavalos, com os cargueiros, em que a gente carregava o milho e ajudava a tirar e levar para casa.

A participação no trabalho da colônia também é compartilhada por Domingos Donadello, 63, que se via compelido a auxiliar nas tarefas de casa, especialmente no período da colheita, e em razão das dificuldades de saúde que seu pai enfrentava:

Na colônia, fazia-se de tudo. Me lembro da época da colheita do trigo em que a gente, antes de ir para a aula de manhã, levantava no clarear do dia e ia para a roça e ajudava. Depois, voltava para tomar o café e ir para a aula. A gente trabalhou desde os sete ou oito anos de idade, porque o meu pai sempre foi doente... Me lembro dele sempre doente e, como quase não conseguia trabalhar, a gente se obrigava a trabalhar, pois o sustento da casa dependia também de nós.

Outras lembranças da infância assemelham-se entre si, registrando que a frequência à escola era pouca, não chegando, muitas vezes, nem perto de completar os cinco anos do ensino primário, ou então ocorria de forma eventual, como nos dias em que o trabalho ficava impossibilitado pelas condições do clima. Nas palavras de Italino Rosin, 87:

Se eu ajudava na colônia? Eu não ia nem na aula, me tocava ficar em casa para trabalhar. Naquela época, tinha o meu irmão mais velho, que tinha saído de casa para estudar em Guaporé... O meu pai estava meio apertado de dinheiro, então, eu tinha que trabalhar. A época que era para eu ir na aula tocava de ficar em casa para trabalhar. No tempo de plantar trigo, ir puxar a mula para lavrar, eu ia na aula só o dia que chovia, mas o dia que chovia o professor não vinha, então, nós voltávamos para casa, sem aula... Na época, o estudo era uns três anos, mas eu acho que não cheguei a ir um ano. [...] Meu professor era o Ermínio Fabris.

Para a esposa de Italino, Rosa Gema Tremarin Rosin, 88, as idas à escola também eram espaçadas durante o ano, ocorrendo apenas nos períodos em que

o trabalho na propriedade diminuía. Um irmão mais velho de Rosa, com instrução maior, complementava as lições escolares em casa, quando possível:

Eu fui na escola um pouco de tempo e, depois, comecei a estudar em casa, para ajudar em casa, e assim foi passando... Eu fui pouco na escola. Eram dois ou três meses agora, dois ou três meses depois. Era assim... O meu irmão dava a lição em casa. Ele estudou em Guaporé, e aí ele dava a lição em casa um pouco, mas nem sempre, porque ele saía para trabalhar fora.



*Italino e Rosa Rosin na varanda de sua residência. 5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Líbera Maria Castagna Capellaro, Sueli Cecchin Costa e Olga da Silva Mota foram outras vozes femininas que narraram as recordações da infância dedicada ao auxílio em casa. No caso de Líbera, 92, o ensino formal começou apenas quando a comunidade passou a receber a primeira professora, e o estudo ocorria na parte da manhã, estando a tarde reservada para o trabalho:

Estudei cinco anos na escola em Campo Alto. Antes, não tinha professor, então, comecei a ir na escola com nove anos de idade, e saí com quatorze anos. A professora era a Rosalina Nunes Concolato, e o marido dela, era o Eugênio Concolato. Ela não era braba, era bem boazinha. Ela falava o *brasileiro* [português], e tinha bastante aluno. [...] Até meio-dia eu ia para escola e, de tarde, era junto com meu pai na colônia, para trabalhar. Lavar a terra com os bois, colher milho e semear trigo. Eu tinha um irmão e quatro irmãs. Como eu era a mais velha, até meio-dia eu ia para o colégio e, de tarde, ia para a roça. Os irmãos, que eram mais novinhos, ficavam em casa.



*Líbera Capellaro no interior de sua residência. 5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Sueli, 79, também estudou na escola de Campo Alto, mas já com outro professor, e lembrou-se, em sua fala, das atividades que era responsável na roça para auxiliar o pai:

Eu estudei em Campo Alto, o meu pai morava lá. Eu tive só um professor, e fui só três anos na escola. Era Levino Ferreira o nome dele. [...] Eu trabalhava na roça. Nós éramos seis irmãs, e eu era a mais reforçada e mais alta. Uma

irmã, a Gessy, saiu para estudar, e ficou seis anos fora. Ela foi estudar para ser professora. Eu que ia na roça, de arado, eu que lavrava, quando meu pai não podia, porque ele sofria bastante das costas. Eu que lavrava com os bois, carregava aquelas carroças de trigo... O milho era com um cesto nas costas...

Já a história de Olga da Silva Mota, 100, foi um pouco diferente: sem ter frequentado a escola, que não existia nas proximidade de onde residia, passou a auxiliar, desde jovem, a mãe e a avó em casa, sendo com esta com quem aprendeu a costurar, ofício que manteve durante boa parte da vida. Na voz de Olga:

Ajudava em tudo que tinha para fazer na colônia, plantar e moer cana, fazer melado, fazer açúcar de cana, farinha de mandioca... Quanta coisa! Comprava café e torrava na panela, moía no moinho e fazia o café, para poupar de comprar. Plantava trigo, feijão, batata, amendoim, de tudo, para não ter que comprar. Eu ajudava em tudo o que a minha mãe mandava eu fazer. [...] Eu não estudei, escola não tinha ali perto, e os pais não gostavam de *espalhar* os filhos. Eu não compreendo nada de leitura. Tudo o mais, eu fiz... Costurar e outros trabalhos eu fiz, mas não entendo nada de leitura. Aprendi a costurar com a minha avó, porque lhe faltava um pedaço do braço. Quando ela tinha doze anos, cortando cana, cortou o *bracinho*, então, ficou com uma mão só. Mas ela fazia bordado, cortava a costura, alinhavava com uma mão só... Ela alinhavava e eu ia costurando.

Das memórias relacionadas à infância, ao trabalho e à escola, destacam-se, ainda, as falas de Valdomiro Solstisso, Sabino Luiz Dall’Agnol, João Costa e João Spanhol. Iniciando por Valdomiro, 82, o entrevistado lembrou detalhes da organização da sala de aula e da disciplina que o professor mantinha para conseguir a obediência dos alunos:

Eu ajudava os pais na roça, sempre fomos agricultores. [...] Tinha uma escolinha fora, nas colônias, e tinha um professorzinho. Eu estudei três anos, passei três livros só. Sobre o professor, eu me lembro como se fosse agora, o nome dele era Ermínio Cassol. A classe era *grandota* e estudava todo mundo junto, três ou quatro em cada classe, e o professor lá, na mesinha. Naquela época, tinha a *taboinha*, que a gente escrevia e depois apagava. Ele mandava fazer as contas, o ditado... Depois que tu tinhas feito uma parte, tu levavas para o professor e mostrava. Ele olhava para ver se estava tudo certinho, e mandava apagar, para depois poder escrever outras coisas. [...] Sinceramente, ele era um professor muito bom. Ele não era tão ruim, mas também educava a gente, porque a varinha ficava lá na mesa dele...



*Valdomiro e Líbera Sostisso. 12/10/2019. A autoria: Anthony Beux Tessari.*

O atraso na chegada de um professor na comunidade fez Sabino, 87, iniciar os estudos tardiamente e, como já crescido e mais apto ao trabalho, logo ter que abandonar a escola. A rigidez disciplinar dos professores também foi citada pelo entrevistado:

Nasci em Chimarrãozinho, e não faz vinte anos que me mudei de lá. Quando eu tinha quatorze anos de idade é que veio o professor. Eu fui só um ano na escola. Depois, meu pai não me deixou mais, porque tinha que trabalhar. Fui um ano só. Lembro do nome de alguns professores, pois vieram uns quantos... Otacílio Fracasso, José Brischi, João Borges Vieira, e depois foi a Líbera Cassol, que era minha cunhada. Alguns eram brabos, levavam a vara, tinham a régua...



*Sabino Dall'Agnol e Quirina Subtil  
Ribeiro Dall'Agnol. 27/11/2019.  
A autoria: Anthony Beux Tessari.*

Na fala de João Costa, 81, novamente é possível perceber o valor atribuído ao trabalho dentro da organização familiar, sendo uma necessidade para a manutenção da propriedade e para a sobrevivência:

Eu estudei na Escola Giocondo Capellari. Naquela época, eu era um dos últimos da família, e tinha que ajudar a sustentar os meus pais. Tinha a roça, a criação de porco, poucas vacas de leite... Assim a gente vivia. Eu fui até a terceira série. Eu ia passar para a quarta série, só que eu ficava quinze ou vinte dias sem ir para a aula por causa do serviço. Dos professores, antes de eu ir para a escola, tinha o Ermínio Fabris, professor de Guaporé. Em seguida, veio uma professora de Pelotas, chamada Maria Alves, que foi minha professora quando eu comecei o primeiro ano. Depois, tinha a Cristina Cecagno. Após, eu parei de estudar, pois tinha o serviço da roça. Foi assim a minha vida... Escrever na escola eu não escrevi muito, mas eu escrevi com a enxada, com a foice e com o cabo do arado.



*João e Sueli Costa. 5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

João Spanhol, que foi à escola por alguns anos, registrou o nome de outros professores: “fui na escola, mas pouco tempo. Fui até a terceira série. O professor eu me lembro, era o José Gazzoni, aqui de Protásio Alves mesmo, e depois foi a professora Olímpia Gottardo”.

A partir desses relatos, é interessante observar que, mesmo quando o período passado na escola foi curto – às vezes, não chegando a um ano escolar completo –, a lembrança do nome do professor ou da professora aparece facilmente e está presente na fala de quase todos os entrevistados. Por isso, mas também por outros elementos trazidos nos relatos, passaremos a apresentar como os professores, homens ou mulheres, eram pessoas respeitadas nas comunidades. Na pesquisa de campo, foram entrevistados quatro professores que atuaram em Protásio Alves, indicados pela comissão especial da prefeitura como sendo alguns dos mais antigos ainda em vida e que residem no município: João Nacir Lorenset, Gessy Cecchin Ferreira, Margarida Fracasso Scapinelli e Selina Anita Alberici Stella.

Sobre João Nacir, o depoimento de um ex-aluno seu tem certamente significado maior para se perceber o papel que o professor exercia na comunidade onde atuava. A fala sobre Nacir é de Domingos Donadello que, complementando as lembranças anteriormente vistas, afirmou considerar o professor um membro de sua família:

No início, até a quinta série, eu estudei aqui, na escola Bandeirantes. Depois, eu fui para Nova Prata, e estudei três anos no Colégio Nossa Senhora Aparecida. Na Bandeirantes, o meu professor foi o João Nacir. Aprendi muito com ele. Os alunos que saíam daqui para irem estudar em outros colégios saíam bem preparados, porque ele era exigente no estudo. Ele era brabo, era a época... Hoje, eu devo muito ao professor Nacir, não só pela educação de escola que ele me deu, mas, também, pela ajuda que ele deu para a nossa família enquanto meu pai era vivo. Eu o considero como meu segundo pai.

*Domingos Donadello com a mãe, Zenilda Donadello. 27/11/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



As recordações de Nacir são diversas e com muitos detalhes sobre a sua infância, sobre as razões que o levaram a ser professor e a realidade que encontrou no início da profissão. Em três momentos, destaca-se, primeiro, as memórias da vida familiar, que reforçam as atividades na propriedade rural quando criança e o valor atribuído ao trabalho, aprendido desde jovem:

A gente começou a trabalhar muito cedo. Com sete anos, ou um pouco mais, a gente já ia para a lavoura, para a roça. Era tudo braçal, na enxada, na foice, sem contar o serviço de casa. Depois, começamos a ir para a escola e, após a escola, nós passávamos pela lavoura e parávamos lá, onde tinha a enxada nos esperando, e o trabalho ia até à noite. Hoje, não pode ter exploração de menores, mas nós tivemos que trabalhar. E, graças a Deus, não me arrependo daquilo que foi feito, acho que estava certo, pois a vida era difícil. Só assim a família evoluiu financeiramente. [...] Faleceu muito cedo o meu pai, de acidente. Faleceu com 44 anos, e deixou quatorze filhos e sete colônias e meia pagas. Nós não trabalhamos em vão, vimos o resultado, e digo que foi bom. Nós trabalhávamos bastante naquela época, e educação nós também recebemos, uma educação muito severa dos pais, em que tinha limite para tudo.

Sobre a escola, ainda enquanto aluno, Nacir registrou a organização da sala de aula e a disciplina do seu primeiro professor:

Eu estudei na escola João Pessoa, ficava na comunidade de São José, ou Ibiraiaras. A escola era muito humilde. Escolinha de madeira, pequeninha, com uns 20 ou 25 alunos. Nós começávamos a ir para a aula com sete anos, e íamos até a quarta série, que era o que tinha naquela época. Alguns, que reprovavam, chegavam no último nível com doze anos de idade. Eram todos juntos, as quatro séries na mesma sala. As classes eram aqueles bancos, tipo banco de igreja antiga. Eram cinco ou seis em cada banco, lado a lado. Tinha um só professor para todos. O meu professor, do início ao fim, foi o Levino João Ferreira. Ele residia na localidade, mas não muito perto. Assim como nós, que tínhamos que caminhar para chegar na escola, ele também tinha que caminhar uns dois quilômetros para lecionar. Ele era um professor muito rigoroso. Era o tempo da vara. Qualquer coisa, a vara pegava. E tinha aquela palmatória, que batia nos dedos, o castigo de joelhos, em cima dos grãos... Tudo isso aconteceu. Ele tinha que ser rigoroso, senão não iria dominar a turma. Naquela época, com todos aqueles alunos, ele tinha que ser rigoroso. [...] Ele só falava o português nas aulas, e nós, com ele, tentávamos falar o português, porém mal. Mas foi bom, porque começamos a aprender o idioma. Mas entre nós, os alunos, e em casa, era tudo em dialeto italiano. Acho que ele nem entendia, porque ele era luso-brasileiro.

Quanto à escolha para ser professor, e a realidade encontrada nos anos em que lecionou, Nacir expôs que foi um processo, iniciado com falta de formação completa, mas construída ao longo dos anos e contando com o apoio da comunidade:

Quando eu estava com doze ou treze anos eu fui para o colégio de padres, ali no Seminário São Rafael de Casca e, depois, eu fui para Guaporé, no São Carlos. Fiquei três anos com os padres, e voltei para casa, sem pensar em lecionar. Mas faltou professor, naquela época não tinha professor na escola João Pessoa. Quando eu voltei do seminário, tinha feito dezessete anos. Eu, vindo do colégio, sem saber o que iria fazer, a comunidade veio me procurar. Naquela época, pertencíamos à Nova Prata, e levaram ao conhecimento que tinha uma pessoa da comunidade que tinha condições, que sabia um pouco mais do que os outros... Então, me convidaram, eu fui em Nova Prata, e me contrataram para ser professor dessa escola. Eu não tinha terminado o médio ainda. Mas comecei a lecionar e comecei a gostar de trabalhar com as crianças. E o pessoal da comunidade me apoiava muito. Graças a Deus, tenho um bom conceito na comunidade, pois eu vesti a camisa de professor. Eu via naquelas crianças meus filhos. E fui estudando, também. Fui estudando e, através de cursos, eu consegui o magistério. [...] Eu pensava assim: eu tenho que me atualizar, pois senão ficarei para trás. [...] Quando eu entrei aqui na escola, eram 45 alunos, sendo cinco séries dentro de uma única sala de aula, e eu sozinho como professor. E segui lecionando, fiquei 32 anos na mesma escola, na Bandeirantes, e quatro anos na João Pessoa, até me aposentar.

*João Nacir Lorenset e Elida Lorenset. 27/11/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Na Escola Municipal Bandeirantes, estudou a esposa de Nacir que, participando da mesma entrevista com o marido, registrou ter sido aluna da professora Gessy Cecchin Ferreira. Em seu depoimento, Gessy, que trabalhou por quase trinta anos como professora, lembrou o início das suas atividades, da dificuldade de acesso à escola pelos alunos e do respeito que o professor tinha na comunidade e fez uma comparação com o presente:

Mudou muito, muito mesmo. Eu tinha turma com 34 alunos, de várias séries. Tinha criança que morava longe, uns cinco ou seis quilômetros da escola e, quando era inverno, eles vinham, coitados. Naquela época, as meninas usavam vestido e, em dia de geada, chegavam com o vestido todo molhado. Chegavam na escola, e eu não tinha como ajudar, não tinha nada. A escola era uma escolinha toda cheia de fresta, e chegavam aquelas crianças, daquele jeito. Hoje, tem um conforto fora de série, te pegam na porta da casa, levam na porta da casa... Mas, posso dizer que os meus alunos aprenderam. Para ser professora, eu estudei inicialmente aqui, no grupo escolar. Eu parei cinco anos na casa da minha avó, e fiz até a quinta série. Depois, estudei mais um ano, em Nova Prata, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, mas só o primeiro ano. Voltei para casa com meus pais e, como a comunidade precisava de professor, me convidaram. A primeira escola que lecionei foi na Bandeirantes, em Campo Alto. Eu também lecionei na Salete e, depois de casada, me aposentei, sendo a minha filha quem me substituiu. O professor era muito respeitado. Na minha época, tinham várias mulheres professoras.

Além das quatro filhas, que seguiram a profissão da mãe, Gessy também teve algumas alunas que se formaram professoras, como é o caso de Margarida Fracasso Scapinelli. Margarida, 72, trouxe em seu relato a sua experiência formativa, falou sobre a atuação nas comunidades onde lecionou e sobre a estrutura da escola:

No primeiro ano, eu estudei aqui em São João, com a professora Cecília Agnello Vieira e, o segundo ano, eu comecei na escola da capela Salete, com a professora Gessy. Depois, entre os doze e treze anos de idade eu entrei no colégio. Minha família era numerosa, não tinham condições de dar estudo para todos e, como eu era a mais velha, existia aqui em Protásio Alves padres e freiras que vinham recolher jovens que quisessem estudar para padre ou freira, e eu entrei no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata. Lá, eu fiquei até o quinto ano. Depois, eu saí dali e fui trabalhar no Amparo São José de Taquari. [...] Após um certo tempo, eu voltei a ficar com meus pais, e foi quando eu comecei a trabalhar na escola de Santa Líbera. Dois anos após eu comecei na Escola Virgílio da Silva, no Chimarrãozinho, onde fiquei a maior parte do tempo. Por fim, eu lecionei na escola Caetano Peluso. [...] Nas escolas, eram todos juntos, não havia turmas separadas. Assumíamos a escola e fazíamos a limpeza, a merenda, acompanhávamos as crianças. Recebíamos as crianças de primeiro ano, de seis anos e meio

a sete anos de idade, para alfabetizar. [...] A escola era de madeira. Tinha pouco material escolar, porque os pais tinham que comprar o material. Muitas vezes, a família era numerosa, e tinham famílias em que os pais não tinham condições de comprar os cadernos. A gente ocupava lápis e borracha na escola e, dependendo do aperto financeiro da família, e até que conseguissem ir no comércio comprar caderno, as crianças apagavam o que a gente havia ensinado para depois escrever por cima o que a gente estava ensinando, e era tudo no quadro, sem nada de moderno.



*Professora Margarida Fracasso Scapinelli com alunos da Escola Bento Gonçalves da Silva, localizada nas proximidades do rio Turvo. Acervo pessoal da entrevistada.*

A professora Selina Anita Alberici Stella, 78, iniciou na profissão do magistério em Bento Gonçalves, mudando-se mais tarde para Protásio Alves, onde atuou na sede do município. Recordando os primeiros tempos e as transformações que a escola passou, afirmou:

Quando vim para cá, foi uma diferença enorme. O padre foi lá na escola e me disse: tu és a diretora, e vais morar aqui. Tu vais ter que ajudar o pessoal [...]. A escola e a igreja juntas ajudaram a desenvolver a cidade. [...] Eu tive que lutar bastante. Com muitas reuniões, a gente conseguiu construir duas salas de aula e banheiro.

É possível que outros professores que atuaram em Protásio Alves sejam representados pelas falas de João Nacir, Gessy Ferreira, Margarida Scapinelli e Selina Stella, que trazem em suas memórias alguns dados significativos sobre o processo de escolarização no município. De forma comum, evidencia-se, em seus relatos, a estrutura das escolas, a as condições de ensino, a trajetória formativa continuada e a sua responsabilidade com a educação formal, elementos que deixaram marcas na comunidade e que são percebidas, ainda hoje, nas lembranças daqueles que foram seus alunos.

### **3.3 Lazer, ofícios e conhecimentos populares**

Nesta categoria, foram reunidas as falas que abordam aspectos da vida social relacionadas ao lazer, como os jogos, as festas e os *filós*, e algumas referências a ofícios que apareceram nas entrevistas, incluindo o de músico e outros que resgatam conhecimentos práticos ou populares, como os de benzedeira, de parteira e de *giusta ossi*.

Iniciando pelo lazer, nas falas dos mais velhos, o seu lugar é sempre secundário em relação ao trabalho e existente em poucos momentos, essencialmente nos finais de semana, no sábado à noite ou aos domingos à tarde, após a missa da manhã. Muitas comunidades, ao longo do tempo, passaram a usufruir de algum equipamento dedicado às atividades de descanso e de confraternização, como a bodega, a cancha para o jogo da bocha, o campo de futebol e o salão paroquial, todos geralmente no entorno da capela. Muitas vezes, porém, era o espaço privado da casa que servia de local para os encontros, para a realização de bailes e de *filós*. Os bailes, à noite, eram momentos de sociabilização e de namoro, sendo a animação por conta de um gaitero, conforme registrou Luiz Santo Scapinelli:

Tinha baile no sábado à noite. A gente arrumava um gaitero aqui da colônia mesmo, e o botava na garupa do cavalo... Quantas vezes atravessamos o rio Turvo, aqui embaixo, e vínhamos para o baile. Arrumávamos às vezes até vinte pares para dançar em casa de particular. Na casa do vizinho, aqui perto, foram feitos diversos *bailinhos* no sábados à noite...

Um dos gaiteros a tocar em Protásio Alves foi Albino Cassol, 83, que desde os dezenove anos de idade toca o instrumento, tendo aprendido de forma espontânea, “no ouvido, com o rádio, que era o meu professor”, conforme explicou em seu depoimento. Ao falar ainda sobre sua atividade, Albino complementou:

Eu toquei muito em casamentos, por exemplo. Eram quase todos os sábados. Tu vê como é gostar da coisa... Eu trabalhava a semana inteira e, no sábado, tinha casamento para tocar. Levava a gaita dentro de um saco, uma pedra para dar o contrapeso, colocava na garupa da mula e ia tocar no casamento. [...] Tocava sozinho, sem alto-falante. Naquela época, era assim: começava às oito da noite e ia até às oito da manhã. A minha gaita pesava oito quilos, gaita pesada, da Todeschini. Eu amanhecia com os pulsos inchados...

Conforme o estudo de Boni e Costa (2011) sobre a cultura de imigração, o lazer foi “caminho importante para a formação dos grupos de amizade entre os imigrantes” (p. 197). Nos espaços de lazer da comunidade ou então na residência de algum morador, os principais jogos praticados e trazidos nas lembranças foram a bocha, o baralho (jogo de cartas) e a *mora*. A *mora* é um jogo difícil de ser encontrado em prática atualmente. A modalidade é disputada por quatro jogadores, formando duplas, as quais se enfrentam em rodadas. A dinâmica do jogo envolve o bater com a mão em uma mesa, abrindo os dedos para indicar um determinado número, de forma rápida e seguida. Ao mesmo tempo, os jogadores precisam verbalizar a soma dos dedos abertos por si e pelo oponente (“2, 2, 3, 3, 3, 6, 6...”), e sai vencedor aquele que acertar esta soma. O jogo tem um ritmo muito veloz, e dizia-se, em tom de brincadeira, que o jogo da *mora* explicaria o motivo pelo qual os imigrantes seriam “ligeiros em fazer contas de cabeça” (DE BONI; COSTA, 2011, p. 198).



Albino Cassol e sua gaita. 9/12/2019.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.



*Outro lazer de antigamente, e mais comum entre descendentes de portugueses, eram as carreiras, corridas de cavalo em cancha reta, como mostra esta fotografia tomada em Campo Alto. Acervo particular de Hermes Jacinto Ferreira.*

O jogo de cartas ou baralho tem muitas variantes. Entre os imigrantes, os mais comuns foram a *bisca*, o *trissete*, o *quatrillo* e a *escova* (DE BONI; COSTA, 2011, p. 198). Muitos desses foram citados pelos entrevistados. Pela facilidade de se jogar, com poucos instrumentos necessários, o baralho é uma atividade de lazer ainda muito presente nas comunidades, sendo praticado no salão de festas da capela, nas bodegas ou na casa de um jogador.

Esses jogos – *mora* e baralho – também integravam os *filós* nas comunidades. Tais eventos, sediados na casa de algum morador, eram momentos de encontro e de confraternização, também realizados à noite, especialmente no inverno. Embora caracterizados, principalmente, pela mesa farta com toda sorte de alimentos – polenta mole e *brustolada* (assada na chapa), salame, copa, queijo, *brodo* (caldo), *grôstoli* (doce de massa), *sfregolá*, pipoca, pinhão, pão, vinho, suco de uva e gasosa –, outros momentos também faziam parte do encontro festivo: a reza, com a presença da capelinha, o canto, a confecção de chapéus de palha e bolsa com a técnica da *dressa* (trança de palha), a contação de anedotas e os jogos praticados, muitas vezes, à luz de velas.



Luiz Scapinelli junto a objetos recolhidos e guardados no galpão de sua propriedade. As peças ilustram o ambiente de uma antiga cozinha, destacando-se o fogolar (ou focolaro, espécie de fogão primitivo construído em uma caixa de terra junto ao solo, com correntes de ferro presas ao teto para suspender a panela e a chaleira), no entorno do qual muitos filós aconteciam, ou onde eram cozidos os alimentos a serem servidos nos encontros.  
27/11/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.

As lembranças dos *filós* estiveram presentes na voz de muitos entrevistados, destacando-se a fala de Maria Turani, também conhecida como Dona Irene, 93, que ajudou a lembrar de tudo que se cozinhava e se comia durante a confraternização, e também na entrevista com Ângela Lorenzet Donadello, 89, que recordou ter “aprendido a fazer a *dressa* nas noites de *filó*, ensinada pela mãe”. Já as canções que entoavam os encontros, foram lembradas pelo marido de Ângela, Restilde Donadello, que fez referência a uma das mais cantadas, a antiga *Quel Mazzolin Di Fiori*.

A propósito do canto, é válido registrar a formação de coros em Protásio Alves, sendo o município que tem o mais antigo festival de música popular italiana do Brasil, com tradição inaugurada em 1972. Alguns depoentes fizeram referência a um coral formado pela família Dall’Agnol, ao coral *Ecco Dei Monti* e ao *Canto e Encanto* (os dois últimos ainda atuantes), e a professora Margarida Scapinelli informou ter sido uma das fundadoras do coral *As Italianinhas*, surgido em 1967, composto por vozes apenas femininas e regidas pelo padre Antônio Ceratto:

Quem vinha ensaiar, da paróquia, era o padre Ceratto. Nos reuníamos na capela de Nossa Senhora Salete, e ele vinha ali ensaiar as primeiras canções. Começamos a aprender toda a canção, pois sabíamos pedaços, pedaço de uma, pedaço de outra... Então ele veio ensinar. Ele tinha a gaita e tocava vários instrumentos, mas geralmente vinha com a gaita. Ensaiávamos as canções italianas uma vez por semana ou a cada quinze dias. Lembro dos nomes, éramos em dez mulheres: Ângela Alban, Luiza Sotili, Libera Cappelaro, Inês Cappelaro, Irene Cecchin, Inês Sotilli, Maria Sotili, Clari Cecchin, Glória Cecchin e eu. Nós cantávamos nesse grupo. Com o passar do tempo, a gente começou a se apresentar, então o padre Ceratto insistiu para que nós tivéssemos um nome, e aí pensamos em *As Italianinhas*, pois éramos filhas de famílias agricultoras aqui da colônia.



*Coral As Italianinhas,  
acompanhadas do padre  
Antônio Ceratto.  
Acervo particular de  
Margarida Fracasso  
Scapinelli.*

*43º Festival da Canção Popular Italiana de Protásio Alves. 26/5/2019.  
Acervo: Prefeitura Municipal de Protásio Alves.*



Salientando a atuação das mulheres, estas tiveram, também, destaque como benzedoras e parteiras, em um tempo em que o acesso à assistência médica especializada era quase inexistente. Quanto às benzeduras, o nome da benzedora Glória foi citado na entrevista com Olga Maria da Silva Mota, 100, e Líbera Maria Castagna Cappelaro, também conhecida como Dona Joana, 92, que informaram, respectivamente:

Às vezes, pegava sol [insolação], era perigoso, e dava dor de cabeça... Começava de manhã cedo e, ao meio-dia, doía, doía e doía... Eu ia na falecida Glória, e ela fazia simpatia, com garrafa com água morna, um pouquinho de sal em cima da cabeça... E sabes que sarava mesmo? Benzedura, era um pouco de tudo, saravam com erva, com chá... O nome dela eu me lembro, era Glória, mas faz anos que ela faleceu. Ela era bem de idade, mas era ela quem benzia. Ela era de origem portuguesa.

Um outro nome ligado à benzedura mencionado foi o de um homem, Pedro Inocêncio, conforme a fala de João Costa, 81: “o pessoal falava que aqui tinham muitos *bugres* [indígenas], que depois foram desaparecendo... Ficou o Pedro Inocêncio, e ele fazia cestos e vendia... Ele também benzia”.

Já as lembranças sobre as parteiras, estas foram diversas, com características semelhantes quanto aos métodos utilizados durante o parto e após, nos cuidados sugeridos às mulheres. Por trazerem os nomes de algumas parteiras e detalhes significativos, reproduzimos as falas sobre o tema, indicando antes o nome do entrevistado:

*Natal Dall’Agnol, 85:* Eu tenho duas filhas e um guri. Eles nasceram em casa, a parteira foi a minha mãe, Antonieta Baccarin. Ela fez muitos partos, faleceu com mais de setenta anos. Sempre foi parteira. Chamavam ela, montava a cavalo e ia junto lá, para fazer o serviço.

*Sabino Luiz Dall’Agnol, 87:* Era a minha mãe, Antonieta Baccarin, que era a parteira, e uma outra vizinha, mas ela só vinha fazer companhia para a minha mãe. Minha mãe era a parteira de todo mundo daquela região onde morava. As crianças, quando nasciam, eram enfaixadas, para os braços e as pernas ficarem direito. Acho que isso não existe mais...

*João Costa, 81:* temos três rapazes e uma menina. Todos nasceram aqui em casa. A parteira era a Rosa Peluso, esposa do Caetano Peluso. A maioria dos partos era em casa, não tinha como ir até o hospital.

*Rosa Gema Tremarim Rosin, 88:* Temos sete filhos, muitos nasceram em casa.

*Italino Rosin (esposo de Rosa), 87:* A primeira parteira foi a Catarina Cappelari, depois aquela não vinha mais e, no fim, vinha a Rosa Peluso.

*Valdomiro Sostisso, 82:* tenho quinze irmãos, só dois nasceram com médico, no Prata, o resto foi em casa, com parteira. A parteira era irmã da minha mãe, minha tia. O nome dela era Margarida Caregnato. Era ela analfabeta, mas tinha a carteira de parteira.

*Gessy Cecchin Ferreira, 83:* Os meus seis primeiros filhos eu tive em casa, só os dois últimos eu ganhei no hospital. A parteira era a Leonilda Cappelaro, depois foi a Tereza Rodrigues. Depois de nascer, banho era só para o bebê. Eu estava morando com a sogra, então, quando o bebê nasceu, a parteira deu para a sogra, e ela deu o banho. A alimentação era uma dieta, *sopinha*, coisa muito leve. Carne de porco não se comia, banha também não. Essa dieta durava quarenta dias.

*Libera Maria Castagna Capellaro (Dona Joana), 92:* Tive oito filhos. O primeiro, ele faleceu com 19 meses, de meningite. Agora tenho sete, sendo três filhas e quatro filhos. Nasceram todos em casa. A parteira foi minha sogra e uma das minhas cunhadas. A sogra era Luiza Cappelaro e a cunhada era Leonilda Cappelaro.

*Rosalina Maria Dall’Agnol Cassol, 80:* Tive seis filhos, todos nasceram em casa. Minha mãe e minha sogra foram as parteiras. A minha mãe era Antonieta Baccarin, e a sogra era Marcelina Cassol. Quando começava as contrações, tinham os rapazotes que montavam a cavalo e iam buscar a minha mãe. Depois que as crianças nasciam, não podia tomar banho. Lavavam a gente com um pano quente de água numa bacia, mas tomar banho, não. E a dieta tinha que ser por quarenta dias.

Outro ofício prático que se desenvolveu na região, e bastante comum na cultura de imigração italiana, foi a atividade dos chamados *giusta ossi* (“arrumador de ossos”, em tradução literal), ou traumatologistas com conhecimentos que eram passados entre as gerações, sem necessariamente a formação médica especializada. No interior de Protásio Alves, na comunidade de Campo Alto, destacou-se nessa atividade Hilário Donadello, nascido em 1931 e falecido em 1985. O filho de Hilário, Domingos Ângelo Donadello, 63, falou sobre o pai:

Meu pai era o “ortopedista” da comunidade. Ele tinha o dom de *consertar* quebradura, juntas, se saísse um nervo... Ele aprendeu com uma outra pessoa que morava em Nova Prata. [...] Quando alguém ia lá no hospital, e não conseguiam *consertar*, vinham buscar ele para levá-lo no hospital, para ele *consertar*. Aqui em casa vinha gente toda hora. Ele fazia um trabalho gratuito. Só com o tato das mãos ele sabia o que era. [...] E agora tem o meu irmão que continua, o Hermes. Depois que o meu pai faleceu, ele começou a arrumar.

### **3.4 Religiosidade e casamento**

Encerramos a abordagem da história e cultura de Protásio Alves na voz de seus moradores com as entrevistas que mencionaram aspectos da religiosidade e, em especial, de um dos sacramentos católicos: o matrimônio. Cabe destacar que a região, de forte presença de imigrantes italianos, caracterizou-se predominantemente

pela religião católica, com participação marcante da Igreja na organização social das comunidades. Atualmente, embora o catolicismo se mantenha como expressão religiosa entre os moradores, registra-se a existência da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e da Igreja do Evangelho Quadrangular no município.

Sobre a catolicidade, alguns estudos<sup>19</sup> afirmam que esta teve um papel preponderante na cultura da região de colonização italiana, sobretudo na manutenção dos laços étnicos entre os imigrantes. Conforme Manfroi (2001, p. 122):

A Religião Católica com suas igrejas, capelas, ritos e festas ocupou um lugar central. Foi através da Religião Católica que o imigrante italiano se encontrou consigo mesmo e com os outros, formando uma unidade que se exprimia na constituição destas comunidades de trabalho e de fé que foram as linhas coloniais. A religião, antes de ser um “ópio do povo”, foi um fator de integração e uma força dinâmica que permitiu ao colono italiano fugir da desintegração social, oferecendo-lhe um quadro sociocultural no qual ele se reconhecia e se expandia.

Nas regiões do interior (Linhas), a construção do cemitério e da capela foram as primeiras preocupações dos imigrantes, reservando um lugar para o santo padroeiro da comunidade, muitas vezes com a devoção e a imagem religiosa trazida do local de origem das famílias. De forma geral, as primeiras capelas eram erguidas de madeira e, mais tarde, transformadas em construções de alvenaria (tijolos) ou de cantaria (pedra), podendo também serem mistas. Como acrescenta Manfroi (2001, p. 126): “a igreja era considerada como o elemento essencial do progresso do lugar” e ponto central que reunia a comunidade e oferecia espaços de lazer, de comunicações, de decisões, enfim, de sociabilidade.

Nos primeiros tempos da imigração, com a ausência de um sacerdote ou padre nas localidades, um leigo podia ser escolhido entre os moradores da comunidade para ser o seu “líder religioso”. Essa função, geralmente, cabia a um morador mais instruído, mais velho e respeitado ou, ainda, que tivesse sido catequista na região de origem. Em outras palavras, como afirma Possamai (2005, p. 129): a escolha dava-se pela “associação de valores morais e religiosos”. A forma de celebração religiosa, quando não era possível frequentar a missa na igreja matriz, era conduzida pelo leigo, com a recitação dominical do terço e a canção de ladainhas. Cabia também ao “padre leigo” o catecismo às crianças e, como lembrou Luiz Santo Scapinelli em sua fala, fazer as honras fúnebres:

O enterro, porque não tinha padre, era feito por uma pessoa que fosse religiosa, que rezava o terço na capela, e que chamavam de capelão. Ele,

---

19 Manfroi (2001), Possamai (2005) e De Boni e Costa (2011).

então, fazia as rezas, a cerimônia. Era a reza *De Profundis* [Salmo 129], que eu até sabia de cor uma vez... Era lida naquela hora de baixar o caixão.

À medida que as coisas evoluíam, isto é, que as estradas vicinais tornavam-se mais transitáveis, que novos meios de transporte surgiam, e com a chegada das congregações religiosas e a escolha de um vigário para ocupar a função na paróquia, as comunidades passaram a ser mais bem atendidas pela Igreja (MANFROI, 2001, p. 128-129). A fala de Graciema Tereza Todescatto Spanhol, 70, ilustra bem o período em que a capela da comunidade servia de principal ponto de encontro para a devoção religiosa, além de trazer a lembrança de como ocorria a ida até a igreja matriz de Protásio Alves (Igreja Nossa Senhora do Rosário):

Nós íamos sempre rezar na capela da comunidade. No sábado de tarde ou no domingo íamos rezar o terço. Era longe ir até a igreja matriz na sede, que ficava quase sete quilômetros distante, e tínhamos que ir de pé no chão. Os mais velhos iam a cavalo, e os mais novos, a pé. [...] Se o tempo estivesse bom, o pai não nos deixava perder a missa do domingo.



*Procissão religiosa em frente à igreja matriz de Protásio Alves.  
Acervo particular de Albino e Percedes Lorensset.*

O esposo de Graciema, João Spanhol, 77, reforçou o sentimento de religiosidade que caracterizou os imigrantes e seus descendentes, lembrando das orações que o seu avô fazia ao final do dia de trabalho e à noite:

O meu falecido avô não deixava uma noite sem rezar o terço. E ele tinha o parreiral grande aqui em cima... Ele ficava carpindo, com um chapéu grande de palha na cabeça. Quando era cinco horas, que dava sombra, ele tirava o chapéu, jogava por baixo das parreiras e ia rezando, carpindo e rezando...

A devoção religiosa tem expressão, ainda, nas novenas, procissões e romarias religiosas. A romaria em honra à Nossa Senhora do Rosário, que percorre comunidades do interior, tem tradição mais que centenária, tendo sido celebrada a 108ª edição em 2019. Nas comunidades, os festeiros responsabilizam-se pela organização do evento religioso, composto por missa e, após, confraternização, atraindo moradores de diversas localidades.



*Romaria de Nossa Senhora do Rosário. Chegada na comunidade de Santo Antônio (Linha Quinta).  
11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

Romaria de Nossa Senhora do Rosário. Celebração da missa na comunidade de Santo Antônio (Linha Quinta). 11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Romaria de Nossa Senhora do Rosário. Celebração da missa na comunidade de Santo Antônio (Linha Quinta) pelo padre Luciano Cansan. 11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.

Romaria de Nossa Senhora do Rosário. Celebração da missa na comunidade de Santo Antônio (Linha Quinta) pelo padre Luciano Cansan. 11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Romaria de Nossa Senhora do Rosário na comunidade de Santo Antônio (Linha Quinta). 11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Imagem de Nossa Senhora do Rosário durante romaria na comunidade de Santo Antônio (Linha Quinta). 11/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Nilo e Selina Stella, portando fotografia do tempo de recém-casados. 12/10/2019.

Entre os sacramentos da Igreja Católica, destacou-se, nas entrevistas, o casamento. A união do casal iniciava com o namoro, sendo a capela da comunidade e seus eventos religiosos um dos principais pontos de encontro entre os jovens, seguido dos filós e dos bailes. Quando perguntados sobre o namoro, a reação dos entrevistados costumou ser muito bem-humorada, o que ajudou no exercício da lembrança e na espontaneidade do relato. Isso também se deveu ao fato de as entrevistas terem sido com o casal (salvo em casos de viuvez), e a presença de ambos ajudava a complementar as falas. Sobretudo, percebe-se como o matrimônio é revestido de um valor moral muito forte, ressaltado pela longevidade das relações e é, portanto, uma das expressões da cultura religiosa católica da região.

O relato do casal Percedes Brancalione, 69, e Albino Lorenset, 72, ilustra o início do namoro, a cerimônia religiosa, a festa do casamento e a costureira que fez o vestido de noiva:

Albino: ia sempre na missa, e aí comecei a dar uma olhada para ela [risos]. A gente ia a pé, porque não tinha carro naquela época... Fui tentando, ela aceitou, e fomos indo...

Percedes: a gente ia na missa. O namoro era diferente...

Albino: oh!, era diferente [risos]... Eu estou dando muita risada [risos]... Não podia encostar na mão. Mal e mal pegar na mão, e olhe lá... Os pais sempre por perto. Se não ficavam na cozinha, ficavam espiando [risos].

Percedes: o casamento foi bem simples. Antes de nós casarmos, os pais dele tinham costume de ir lá pedir que se aceitavam casar com o filho. Depois, marcava um dia, ia com o padre, que marcava a data que tinha. Ele publicava por três domingos durante a missa. No dia do casamento teve a festa, foi bem simples.

Albino: foi churrasco, e fizemos a sopa de *capeletti*.

Percedes: de manhã, desceram os parentes dele, de caminhão. O falecido pai fez uma comida, acho que teve sopa, café... Umas comidas boas. Depois, saímos de lá e fomos a Protásio, na igreja, onde casamos. Dois casais de testemunha. [...] A festa era sopa e churrasco... Era de meio-dia, não era de noite, como é hoje. O meu vestido de noiva foi a Teresinha Prigol Gazzoni quem fez. Era bem simplesinho, a gente comprou o vestido. Está guardado, de lembrança.

Gessy Cecchin, 83, e Hermes Ferreira, 86, tiveram experiência semelhante à de PerceDES e Albino, reforçando o ritual do namoro e do matrimônio:

Hermes: existia, naquela época, nas capelas, nos domingos, o rosário. Então, a gente ia no rosário e, quando saía, a gente acompanhava. Eu fui acompanhando, acompanhando, até que chegou a hora de chegar na casa dela. Eu tinha um pouco de receio de chegar na casa dos outros... Eu achei bom conversar com o pai dela. Eu tinha resolvido que era sério, e ela também. Nós não tínhamos muito *agarramento*, porque não podia...

Gessy: era assim mesmo, como ele está falando. [...] Fez 58 anos ontem que nós casamos. O casamento foi de manhã. Teve o café na minha casa, e o casamento era para ser às onze horas. Chovia, e então atrasou, quando chegamos na igreja, era uma hora da tarde, mas, afinal, casamos. Depois, fomos para a casa do sogro. Lá, tinha comes e bebes à vontade, bastante convidados.

Hermes: Teve o café, que foi em casa. Naquela época, tinha uma vantagem: hoje é só a janta, mas naquela época teve o café e, depois, viemos casar. À noite, teve um churrasco, numa casa velha também e, depois, *dá-lhe* baile, até amanhecer... Os noivos tinham que ficar dançando.

Gessy: o vestido foi a Regina Stella, ela era costureira. Eu gostei do vestido, porque fui eu que escolhi: bem rodado, só que era tecido barato, mas como eu gostei...

*Hermes Jacinto Ferreira e Gessy Cecchin Ferreira. 12/10/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Demais espaços de convívio, além da capela da comunidade, também foram cenário para o casal se conhecer, registrando-se a fala de Antônio Cecagno, 89, cuja lembrança do namoro com a futura esposa, Terezinha Stella Ceccagno (já falecida), está relacionada com um fato marcante da história do município:

Para dizer a verdade, eu me lembro até hoje como é que começou. Foi na inauguração da ponte do Rio da Prata. Naquela época, eu trabalhava de caminhão, e eu dei carona para ela. Depois, ali na praça, a gente passava os domingos jogando três marias.

As recordações do namoro de antigamente e o recato que envolvia as relações afetivas estiveram ainda presentes em outros depoimentos, como em Albino Franciscan, 86, que afirmou: “me lembro de quando estava namorando perto do portão e a sogra dizia: ‘sai daí, senão te levo com uma vara’. Não podia nem pegar na mão, era pecado”; em Maria Turani (Dona Irene), 93: “não podia pegar na mão. Se pegasse, já não era uma moça direita”; e em Valdomiro Sostisso, 82: “meu pai sempre dizia em casa para as minhas irmãs: se quer namorar, pode namorar, mas não quero ver pegando nas mãos”.

Há, certamente, muitas outras histórias que se assemelham ou trazem peculiaridades sobre os casais, ressaltando-se a formação de famílias numerosas, especialmente entre a segunda e a terceira geração de descendentes de imigrantes, e a moradia com a família dos sogros logo após oficializada a união do jovem casal. Além disso, não se pode ignorar, no domínio da família, a existência de um sistema patriarcal nas relações, embora algumas experiências demonstrem a autoridade das mulheres sobre a casa, quando o caso de o marido adoecer ou a mulher enviuvar.



*Casamento de Graciema Todescato  
e João Spanhol.  
Acervo particular do casal.*

Resta dizer que a religiosidade, na região, está também expressa no seu patrimônio edificado, na arquitetura das igrejas, das capelas e dos capiteis, nas grutas e nos cemitérios. Para destacar esses bens, reproduz-se, nas páginas seguintes, o levantamento realizado pela Prefeitura Municipal e pela Associação Beneficente São Carlos, identificando os bens mais expressivos, e que se encontram em roteiro turístico. Complementa-se o levantamento com fotografias produzidas durante a pesquisa para a edição deste livro da história do Município de Protásio Alves.



*Casamento de Margarida Fracasso e Luiz Scapinelli. Acervo particular do casal.*



*Retrato do casamento de Hermes e Gessy Ferreira, em  
11 de outubro de 1961. Acervo particular do casal.*

## IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

*Texto: Associação Beneficente São Carlos –  
Livro Tombo da Paróquia de Protásio Alves*

A construção da igreja – A primeira pedra foi benta por Dom Claudio, arcebispo de Porto Alegre, no dia 19 de fevereiro de 1911.

O alicerce – As pedras foram extraídas do local onde hoje está a Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

O projeto – Foi feito pelo padre Antônio Serraglia.

Os tijolos – Foram todos fabricados em uma olaria rudimentar onde de vinte a trinta pessoas por dia se revezavam para amassar o barro, colocando-os em fôrmas para secar ao sol.

O coberto – Foi de tabuinhas (scàndole) de madeira, em que cada família ou pessoa doava de 200 a 500. Telhado este que foi trocado em 1925 por folhas de zinco.

O piso – O Primeiro piso era de tijolos amassados feitos na mesma olaria. Em 1940 foi colocado o mosaico atual, porém, sem tirar os tijolos, que permanecem até hoje.

O forro e as aberturas – Foram serradas todas a mão e confeccionadas artesanalmente, num total de 46 dúzias de madeira de araucária.

O reboco – As paredes foram revestidas com areia branca buscada no lombo de burros às margens do rio Turvo e cimento doado pelos comerciantes e moradores da cidade.

Os altares – Construídos pelo Sr. Andrea Dalmás, que além de fabricante era artesão, doou os altares laterais e o central, que faziam parte do prebistério. Todos finamente trabalhados em madeira de cedro.

Pia Batismal – Adquirida em 1931, toda em mármore, está nos fundos da Igreja.

Os vitrais – Adquiridos no ano de 1935, em Porto Alegre, pelo padre Antônio Serraglia e seu amigo Caetano Peluso.

As pinturas – Em 1936, inicia-se uma campanha para que cada família adotasse uma pintura de um santo de sua devoção para embelezar a abóboda e paredes da igreja, pinturas estas feitas pelo Sr. Tomás Mazzini e seu auxiliar Emílio Zanon, hoje restauradas pela Sra. Rosalva Trevisan Rigo.

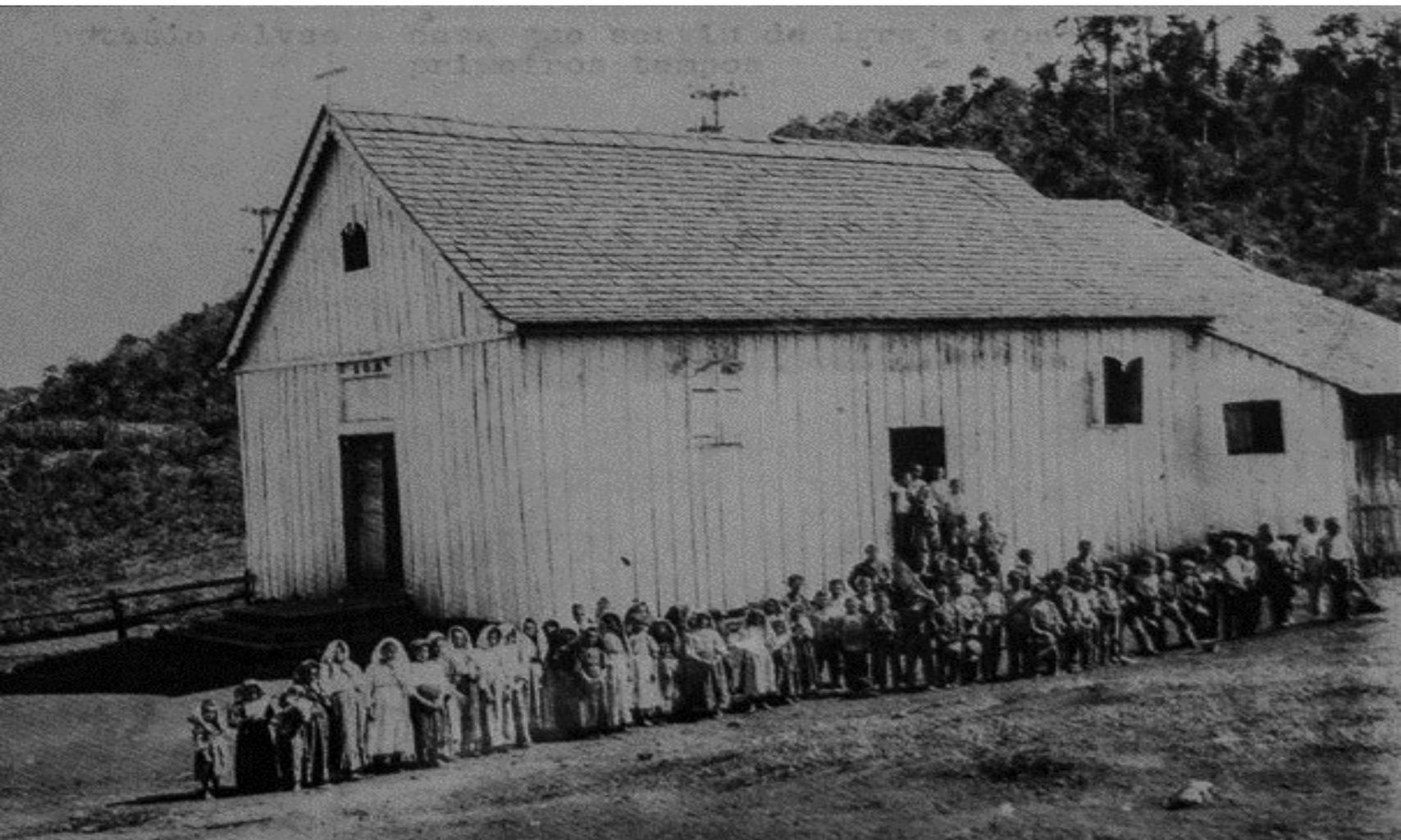
Presbitério – No ano de 1966, inicia-se a construção do salão paroquial e, para aumentar o espaço, foi demolida a parte onde ficava o presbitério e a sacristia.

O prédio histórico da Igreja Matriz, dali em diante, foi sendo usado sem preocupação com sua preservação, apresentando sérios desgastes no telhado, no reboco e pinturas, pois, já antes de iniciar a década de 1970, estava sendo cogitada a construção de nova e mais ampla igreja para a comunidade paroquial de Protásio Alves.

No final do ano de 1980, foi constituída comissão pró-construção da nova Igreja Matriz. Essa nova construção só foi possível com um aporte financeiro considerável trazido da Itália, além da colaboração do povo local com valores e mão-de-obra. A inauguração aconteceu em 12/6/1986.

Depois disso, o prédio antigo da Igreja Matriz ficou praticamente abandonado, até 2010. Mas, a comunidade não via com bons olhos o abandono deste patrimônio histórico local, que guardava tantas lembranças e afetos, de tal forma que em 6/2/2010 foi constituída uma comissão pró-restauração. Os recursos financeiros para tal vieram da comunidade e do Poder Público Municipal, tendo sido concluída a restauração em 12/1/2011, passando o prédio a fazer parte do Patrimônio Histórico Municipal. A partir dessa data, a Igreja Restaurada voltou a ser a Matriz Paroquial e o outro prédio só a ser usado em momentos de maior afluência popular.

*Casa que serviu de igreja nos primeiros tempos de Protásio Alves. Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.*





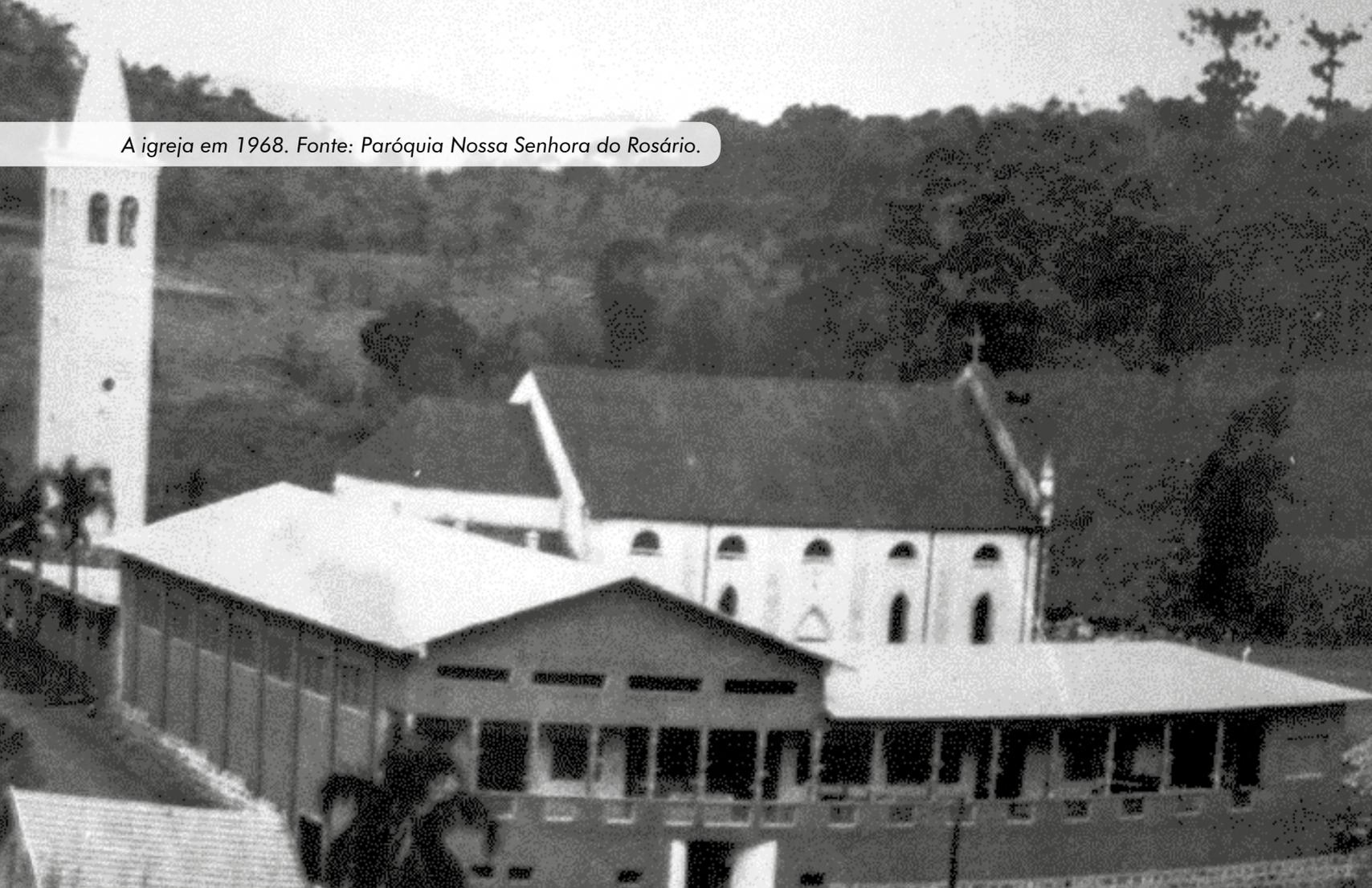
*Chiesa parvochiale de Turru*

*Igreja sem o reboco e coberta com telhado de scândole. Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.*

*Igreja Nossa Senhora do Rosário, tendo ao fundo a casa paroquial e o antigo campanário.  
Acervo: Prefeitura Municipal de Protásio Alves.*



A igreja em 1968. Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.



Devotas que participaram da construção da igreja.  
Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.



*Antigo presbitério e sacristia.  
Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.*



Foto antiga da igreja. Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário.



Igreja após o restauro.  
Acervo: Prefeitura Municipal.





Legenda abaixo da capelinha: "Primeiro exemplar de capelinha da paróquia Nossa Senhora do Rosário de Protásio Alves, então colônia Chimarrão. As peças foram produzidas por Andrea Dalmás, e a montagem da capelinha foi confeccionada pelo neto Albino Dalmás, com idade de 20 anos (nasceu em 27/4/1930). Por este dados, calcula-se que esta capelinha tenha sido confeccionada no início da década de 1950. As zeladoras foram: Margarida Cecchin Baccarin (de 1950 a 1953), Joana Furlan (1954 a 1958), Fiorentina Baccarin (1959 a 1960), Elza Todescatto Baccarin (1961 a 2000). Após os anos 2000 iniciaram novos modelos de capelinha".



Legenda abaixo da capelinha: "Esta capelinha seria um exemplar da segunda geração de capelinhas que surgiram nesta paróquia, com o crescimento do número de famílias. Há poucas informações documentadas sobre elas, mas o seu estilo e informações orais obtidas indicam que sua confecção seria do mesmo Vítório Albino Dalmás, certamente feita na década de 1950. A zeladora desta capelinha foi Alvira Carbonera Stella, até serem substituídas pelos modelos atuais, e então a zeladora passou a ser Irene Furlan."

Vitrais da igreja Nossa Senhora do Rosário.  
Autoria das fotos: Anthony Beux Tessari.



Vitrais da igreja Nossa Senhora do Rosário.  
Autoria das fotos: Anthony Beux Tessari.



Vitrais da igreja Nossa Senhora do Rosário.  
Autoria das fotos: Anthony Beux Tessari.



ALBINO e MARIA DAL PRA

Vitrais da igreja Nossa Senhora do Rosário.  
Autoria das fotos: Anthony Beux Tessari.



# UMA OBRA DE ARTE QUE APROXIMA O PASSADO E O PRESENTE

Texto: Prefeitura Municipal

No hall do Centro Administrativo, um quadro na parede demonstra o elo entre o novo e o velho continente, a Europa e a América, entre a Itália e o Brasil.

A história começou em 2010, quando dois prefeitos se encontraram: o brasileiro José Spanhol, de Protásio Alves, e o italiano Loris Scopel, de Seren del Grappa.

Em 2012, esteve em Protásio Alves uma comitiva italiana, da qual faziam parte o renomado pintor Gian Antônio Cecchin e o prefeito Scopel.

O pintor italiano fez questão de deixar uma imagem da ligação entre Protásio Alves e Seren del Grappa e produziu o quadro que retrata a viagem do padre Antônio Serraglia da Itália ao Brasil e o dia a dia dos imigrantes através da música, da gastronomia e da religiosidade.

Para marcar a ligação entre os continentes, Cecchin sugeriu que uma criança protasioalvensse participasse da pintura e, assim, Fernando Spanhol retratou a Igreja Nossa Senhora do Rosário. A Protásio Alves de hoje também está representada pela *dressa* (trança de palha de trigo) sobre a moldura. A *dressa* é um dos símbolos da imigração e artesanato típico do Município, reconhecido em todo o Brasil.

A pintura imortalizou a história de dois mundos ligados pela imigração e hoje pela amizade fraterna.



Quadro Imigração.  
Autoria da foto: Sonia Reginato.

## SINOS E TORRE DA IGREJA MATRIZ – 1926 E 1966

*Texto: Prefeitura Municipal*

A primeira torre do sino era de madeira. Em 1926, o padre Antônio Serraglia mandou vir, da Alemanha, os três belos sinos confeccionados em aço legítimo de restos de canhões da Primeira Guerra Mundial. Custaram 6.01,00 réis, pesando juntos 914 quilos.

Foram abençoados em 25 de março de 1926, por Cônego Peres, pároco de Visa Alegre e Vigário Forrâneo.

O sino maior, em nota *dó*, recebeu o nome de Maria; o médio, em *mi*, recebeu o nome de Antônia; o menor, em *sol*, o nome de Vitória.

Os padrinhos do ato solene foram os que contribuíram financeiramente para a aquisição dos sinos: Padre Antônio Serraglia, Luigia Bolzan, Giovani Mezzomo, Maria Dal Prá, Antônio Bortolon e família Stella.

A nova torre foi construída em 1961 e inaugurada em 20 de agosto do mesmo ano, quando o padre João Casaril era pároco de Protásio Alves. O projeto é do engenheiro Francisco Butura, de Porto Alegre.

Possui características semelhantes ao da antiga igreja matriz, hoje restaurada. Diariamente, às 6h, às 12h e às 18h, o badalar dos sinos soam na torre. Feita de tijolos e pedras de basalto, a torre possui 25 metros de altura, sendo um imponente marco da cidade, pois pode ser vista de vários locais na área urbana.



*Torre da Igreja Matriz.  
Autoria: Sonia Reginato.*



*Igreja Matriz e torre, em fotografia possivelmente dos anos de 1970 ou início de 1980.  
Acervo particular de Itolino e Rosa Rosin.*

## COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO, LINHA QUINTA – 1892

*Texto: Prefeitura Municipal*

Gratidão é a palavra que exprime o sentimento pelos primeiros imigrantes italianos por terem povoado esta localidade que era chamada de Linha Visconde de Mauá. Esta possuía terras com muitas matas e animais selvagens. Por volta do ano de 1892 alguns moradores, com foice, enxada e muita bravura iniciaram o povoamento.

O sino trazido pelo Pe. Serraglia veio da Alemanha e é do ano de 1927. Os moradores faziam rodízio para tocar o sino pela manhã, ao meio-dia e às 18hs. Depois escolheram uma pessoa mais próxima. Por um período o professor que lecionava na escola tocava ao meio-dia. Atualmente o sino soa apenas no mês de abril durante a festa.

O cemitério é o segundo mais antigo do município, foi construído sobre um lajeado. Botavam sete palmos de terra sobre ele porque enterravam os defuntos

*Igreja da comunidade de Santo Antônio – Linha Quinta. Autoria: Sonia Reginato.*



debaixo da terra, faziam um monte de terra e botavam uma cruz com o nome do falecido, o ano de nascimento e o ano da morte. O contorno do cemitério é feito com taipa (uma cerca que utiliza as pedras de forma encaixada e que perdura até hoje). A cruz mais velha encontrada no cemitério é do ano de 1860 (ano de nascimento) e 1906 (ano de falecimento).

Antigamente iam fazer filó a pé, com *scandonelle* para fazer claro. Acompanhavam a capelinha nas famílias para rezar o terço e visitavam-se para fazer trança e conversar.

As primeiras famílias fizeram suas casas de madeira, cultivavam seus próprios alimentos para a subsistência tais como: milho, trigo, mandioca, entre outros. Faziam trança, produziam seu vinho e sua cachaça.

O cardápio nas festas era sopa de arroz, carne *lessa*, churrasco e saladas. O vinho servido era custeado pelos festeiros e todos se serviam diretamente nas pipas que ficavam em uma salinha ao lado do salão. Havia jogo de bocha em uma cancha de terra e os prêmios eram 01 litro de cachaça ou uma galinhada.

Como a igreja estava em um estado precário, levaram Santo Antônio e Nossa Senhora do Pedancino para o salão onde ficou de 20 a 25 anos. A atual igreja foi concluída em outubro de 1986, quando o pároco era Atílio Lovatto.

A comunidade teve três escolas. As duas primeiras se chamavam Visconde de Mauá e, a terceira, Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto João Fabris Sobrinho, inaugurada em agosto de 1988. Duas foram de madeira e uma de alvenaria.

*Cemitério da comunidade de Santo Antônio – Linha Quinta.  
Autoria: Anthony Beux Tessari.*



## GRUTA NOSSA SENHORA DE LOURDES – 1941

*Texto: Prefeitura Municipal*

Para fazer as fundações da antiga igreja matriz, em 1911, foram retiradas pedras neste local, ficando um buraco. Então, anos mais tarde, o padre Antônio Serraglia enviou uma carta para o bispo Dom José Barea solicitando a permissão para a construção de uma gruta. Em 1940, iniciaram os trabalhos. A obra foi executada pelos pedreiros Domingos Stella, José Cappellaro e outros.

Em 11 de fevereiro de 1941, a gruta e a imagem de Nossa Senhora de Lourdes foram abençoadas pelo padre Antônio Ceratto, amigo pessoal do padre Antônio Serraglia que vinha, às vezes, até Protásio Alves auxiliar o vigário.

Esculpida naturalmente, a gruta é um marco para o município, pois se localiza em um dos pontos mais elevados da área urbana de onde tem-se uma vista lindíssima da cidade. É toda de pedra basáltica, com forma de semicírculo, piso também em basalto. No seu interior, há uma fonte artificial. Possui um altar de pedra e, na parte dos fundos, a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. As paredes internas são revestidas com cristais de rocha de pequeno porte.

*Inauguração da Gruta Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: Rodolfo Schneider.*



Gruta Nossa Senhora de Lourdes.  
5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Imagem de Nossa Senhora de Lourdes no interior da gruta.  
5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Vista da sede de Protásio Alves a partir da gruta.  
5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.





# CEMITÉRIO PÚBLICO MUNICIPAL E CAPELA – 1912

*Texto: Prefeitura Municipal*

Ao chegarem a Protásio Alves, em 1892, os colonos imigrantes italianos primeiro construíam suas casinhas, depois abriam estradas para se comunicar e, o passo seguinte, era construir a igreja e cemitério.

De acordo com o Livro Tombo nº 1, páginas 3 e 4, os cemitérios e capelas foram construídos na seguinte ordem:

1º: Linha Terceira (Barra) – Cemitério e Capela Nossa Senhora da Saúde;

2º: Linha Quinta – Cemitério e Capela Santo Antônio de Pádua;

3º: Linha Sexta – Cemitério e Capela Nossa Senhora de Monte Bérico; Cemitério e Capela de São Paulo (Primavera) e Cemitério e Capela Nossa Senhora do Caravaggio;

*Cemitério Público Municipal. Autoria: Sonia Reginato.*



4º: Linha Sétima – Capela de São Vitor;

5º: Linha Oitava – Cemitério e Capela Nossa Senhora do Rosário (atual igreja matriz). O cemitério construído inicialmente na Linha Sétima foi transferido para a Linha Oitava (próxima ao atual pórtico do município) e depois transferido para o local onde está situado hoje o Cemitério Público Municipal.

6º: Linha Quarta – Cemitério e Capela Nossa Senhora das Graças;

7º: Linha Décima – Cemitério e Capela São João Batista;

8º: Linha Onze – Cemitérios e Capela Santa Líbera, Capela Sagrado Coração de Jesus e Capela São Braz.

O padre Aneto Bogni sucedeu o padre Antônio Serraglia e, em 1944, construiu a capelinha central do cemitério.

O cemitério ficou sob a responsabilidade da paróquia até o ano de 1993 quando, através da Lei Municipal 267/1993, foi doado ao Município para que o mesmo fizesse a administração, manutenção e cuidados necessários.

Hoje, a capela do Cemitério Público Municipal abriga os restos mortais do padre Antônio Serraglia em túmulo na entrada. Com arquitetura simples, no estilo eclético, a capela possui em seu interior vitrais com imagens religiosas.



Placa do túmulo do padre Antônio Serraglia e foto do religioso em destaque no interior do Cemitério Público Municipal de Protásio Alves. 5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.

Neste cemitério repousa também Vincenzo Zecca, irmão carlista, sacristão italiano de Ripa D'Oglio, Cremona (Itália). Nascido em 1844 e falecido em 1923, seus restos mortais estão no túmulo original, virado em sentido sul/norte, como era o primeiro cemitério.

Observação: entre 1892 e 1896, não havia padres em Protásio Alves, mas havia em cada capela (ou Linha), uma pessoa designada, que dominicalmente ou em dia de preceito, exercia a catequese às crianças, coordenava o Rosário comunitário, atendia os doentes e falecidos.

Em 2019/2020, a Administração Municipal adquiriu uma área de terras para ampliação e reforma do atual Cemitério Público Municipal. Assim, dobrou-se o espaço físico do cemitério, passando a ocupar a totalidade de uma quadra urbana.

*Jazigo de Vincenzo Zecca no Cemitério Público Municipal. Autoria: Sonia Reginato.*



## CAPITEL COMUNITÁRIO DE SÃO VÍTOR, LINHA SÉTIMA – 1940

*Texto: Prefeitura Municipal*

Este capitel estava construído antigamente na encruzilhada da estrada que liga à Capela N. Sra. Caravaggio (Linha Sexta).

Em 1910, o Pe. Antonio Serraglia escreveu a memória da vida dos imigrantes que já moravam aqui no Turvo desde 1892. As famílias que aqui povoaram começavam construindo seu ranchinho e abrindo picadas (estradas) para terem acesso entre eles. Após terem povoado cada secção (Linha), construíram o cemitério e o Capitel para suas práticas religiosas (catequese, terço, via sacra, reza para os doentes....). Por não haver padre naquela época, era designado um responsável de cada secção para que

*Capitel Comunitário de São Vitor. Autoria: Sonia Reginato.*



aos domingos ou dias santos conduzisse as práticas religiosas, bem como atendesse aos doentes e enfermos quando necessário.

Assim, em pouco tempo cada Secção tinha o seu cemitério, a sua Capela ou Capitel e o seu respectivo “designado”. Ainda em 1910, nesta localidade da Linha Sétima já havia o cemitério e o capitel dedicado a São Vítor Mártir, os quais, em 1914, foram fechados sendo que o Santo foi solenemente trasladado, com procissão de todas as famílias que concordavam, para a matriz, em 1º de novembro de 1914.

Destas datas em diante, sobre as comemorações de São Vítor se ligam as devoções de Santa Corona, esposa de São Vítor feita sempre na Matriz.

A organização do Capitel nesta localidade é anterior ao ano de 1940, e era apenas devocional. As grandes festas como acontecem atualmente iniciaram em 2006.

Curiosidade: Conta-se que uma doméstica paroquial, em tempos do Padre Casaril, não aceitava esse Santo na Matriz por sua postura imponente. Para agradá-la cortaram um pedaço do pescoço da imagem de São Vítor, que hoje se encontra aqui no Capitel de São Vítor.

Fonte: Livro Tombo 01.

# CAPITEL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – 1960

*Texto: Prefeitura Municipal*

Este capitel foi construído pela comunidade em 1960, em devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A obra é feita em alicerce de pedras basálticas, tijolos, areia, cal e cimento. Sua fachada e interior são revestidos com cristais de rocha encontrados nas lavouras cultivadas no interior do Município.

Neste local, as famílias se reuniam para as orações e reza do terço. Muitos devotos, ainda hoje, encontram aqui um local tranquilo para fazer suas preces e buscar a paz interior.

*Capitel do Sagrado Coração de Jesus. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



# IGREJA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – 1945

*Texto: Prefeitura Municipal*

A primeira Capela de Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora das Graças foi construída pelos imigrantes italianos no encontro dos rios da Prata e Turvo. Em virtude da construção da Ferrovia Tronco Sul e, considerando que a igreja estava localizada dentro do domínio da estrada férrea, em 1945 os moradores a transferiram e reconstruíram neste local levando as imagens e objetos religiosos para a nova capela. A igreja segue os padrões arquitetônicos da época. É simples, com aberturas marcadas, coberta com duas águas, estrutura e mobiliário de madeira, altar confeccionado pelo artesão e carpinteiro protasioalvense Andrea Dalmás.

*Igreja Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora das Graças. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



# IGREJA DE SÃO VALENTIM – 1947

*Texto: Prefeitura Municipal*

Segundo informações de moradores locais, em 1947 a família de Pelegrin Cappellaro doou o terreno para ser construído o capitel de São Valentim. O carpinteiro Lino Stella, juntamente com a comunidade, construiu a igreja que, em maio do ano de 1959, foi visitada pelo bispo da época (Livro Tombo II, p. 13). Ela abriga os santos São Valentim e São Pelegrino. Ponto de encontro das famílias para fortalecer a espiritualidade e fazer as orações comunitárias, essa igreja foi feita em madeira de araucárias, com detalhes no beiral e aberturas bem marcadas.

*Igreja de São Valentim. 5/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



Interior da Igreja de São Valentim.  
5/12/2019. Aatoria: Anthony Beux Tessari.



Interior da Igreja de São Valentim.  
5/12/2019. Aatoria: Anthony Beux Tessari.



## GRUTA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA – 1964

*Texto: Prefeitura Municipal*

A gruta natural surgiu quando os protasioalvenses João Spanhol e Domingos Rosin, operários do batalhão ferroviário, estavam perfurando a rocha para detonação na construção da ferrovia, por volta de 1964. O chefe do batalhão, Tenente Monteiro, decidiu então dedicar aquela gruta a Nossa Senhora de Fátima, pois era a santa de sua devoção. Na época, foi feita uma grande festa, com missa, churrasco e grande número de devotos. Por muitos anos, eram realizadas missas e festas na Gruta de Nossa Senhora de Fátima.



O interior da gruta é totalmente natural, tendo sido edificada somente a entrada com pedra para sustentação. A gruta fica de frente para a ferrovia.

*Imagem religiosa no interior Gruta de Nossa Senhora de Fátima. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*

*Gruta de Nossa Senhora de Fátima. 16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.*



## CAPITEL SANTO ANTÔNIO, LINHA OITAVA TURVO - 1910

*Texto: Prefeitura Municipal*

As primeiras famílias que moraram nesta comunidade foram: Cervelin, Costa, Brancalione, Bolzan, Borsato, Fochesatto, Martello, Ruaro, Spanhol, Turani, Tavariol, Lorencet e Rosin.

José Rosin, proprietário desta terra, doou para a Mitra esta área para construção do salão comunitário e do capitel. Ambos eram de madeira. O capitel foi construído em alvenaria por volta dos anos 1990 e está localizado onde era uma encruzilhada que dava acesso também ao Capitel São Pelegrino. Antes da construção do capitel São Pelegrino os moradores se reuniam aqui para realizar o seu momento espiritual.

Antigamente, as missas eram realizadas no capitel. Neste local o terço era rezado todo o mês de Maio, à tardinha. As famílias eram chamadas pelo toque do berrante. Cortavam as folhas de um jerivá e confeccionavam um arco de enfeite para recepção dos devotos, que era colocado em frente ao capitel, e as pessoas passavam por dentro dele para rezar o terço.

Tinha por hábito também, naquela época, rezar a missa na casa da família em que havia um enfermo impossibilitado de ir até a igreja.

“A mãe ensinava suas crianças que ao passarem em frente ao capitel de Santo Antônio deveriam fazer o sinal da cruz, rezar três Ave Marias e pedir benção para a família”, este é o relato de um dos moradores mais antigos da comunidade.

Sua origem é de devoção comunitária.

A imagem de Santo Antônio veio da Itália.

Fonte: Pesquisa Oral e Livro Tombo.



*Capitel Santo Antônio. Aatoria: Sonia Reginato.*

## IGREJA NOSSA SENHORA DE MONTE BÉRICO E SANTA BÁRBARA – 1921

*Texto: Prefeitura Municipal*

Em 09/07/1921, Antonio Pegoraro e Domenica Poli, naturais da Itália, doaram para a Mitra, uma área de terra de 1.600m<sup>2</sup> onde já estava construída a Capela e o Cemitério, pois o 1º Cemitério e Capitel teriam surgido já antes de 1910/1920.

A igreja foi construída inicialmente em madeira e, por volta de 1974, foi refeita em alvenaria. As imagens vieram da Itália com os imigrantes. Os fiéis têm tradição de nos períodos de forte estiagem movimentar a santa de lugar em procissão até o Capitel Sagrado Coração de Jesus – Bochófila. A fé deste povo é tanta que toda vez que isso ocorre a chuva sempre é recebida.

A primeira imagem da Santa de N.S. Monte Bérico era composta apenas de seu busto, mas a comunidade solicitou ao Padre da época, João Casaril, por volta do ano de 1950, que a imagem fosse completa e que o manto envolvesse os enfermos devotos. Então o padre, atendendo ao pedido dos fiéis, encomendou a imagem completa à Itália. A imagem da Nossa Senhora de Monte Bérico custou naquela época 8 contos de réis. Pesa 100 kg e tem aproximadamente 1,30 m. Hoje, a primeira imagem de Nossa Senhora de Monte Bérico está na comunidade de São Pedro, município de Guabiju.

Antigamente havia por tradição fazer a festa da comunidade no mesmo dia da santa, comemorado sempre em 25 de agosto. Hoje, a festa ocorre no final de semana mais próximo.

Os sinos vieram da Itália. As missas são realizadas na comunidade uma vez por mês, durante a semana. A igreja também abriga a imagem de Santa Bárbara. Ao lado da igreja está localizado o 3º cemitério mais antigo do município.

Cemitério de Monte Bérico.  
Autoria: Sonia Reginato.



Igreja de Monte Bérico.  
Autoria: Sonia Reginato.



## CAPELA N. SRA. CARAVAGGIO, LINHA SEXTA – 1922

Nos documentos paroquiais, consta que, em 26/4/1922, o casal Cezare Sorgato e Theresa Costa, imigrantes italianos, doaram à arquidiocese de Porto Alegre um terreno na Linha Sexta para a construção da Capela N. Sra. do Caravaggio e o Cemitério. Já no dia 11/5/1922 aconteceu a benção da Capela, do Cemitério e da Imagem da Santa, recebendo para isso, o Pe. Serraglia, essa autorização:

“D. João Becker, por meio de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, prestado Domístico de sua Santidade: Fazemos saber que atendendo o que nos foi requerido pelo Rev. Padre Antônio Serraglia, Vigário de N. S. do Rosário do Turvo, havemos por bem conceder-lhe licença para benzer uma imagem de N. S. de Caravaggio que será exposta ao culto público na Linha Sexta. Dado e passado em nossa Comarca Eclesiástica sob o sinal do Monsenhor Vigário Geral e do Sello de nossas arenas a 11 de maio de 1922. E, eu Cônego Ercílio Berwanger secretário geral do Arcebispo a escrever:

*Ad Perpectuam Rei Memoriam:*

*Facultate mihi concessa ab archiepiscopo Porto alegresi Joani Becker Justa Ritualem Romanam, novam ecclesiam ec novem Cemiterium dicotos B. M. Virgini Subtitulo Carevaggii, cum multo Populi Pactitio, die 27 mensis maii anni 1922 solemniter benedisci. Im quarum fide P. Antonius Serraglio Parachas.*

Em visita pastoral em maio de 1959 Dom Benedito Zorzi designa a Capela de Caravaggio composto por cinco Famílias (DalSasso e Brugnarotto), igreja de madeira, barracões para festas e cemitério.

Aos 24/7/1984, o Pe. Afílio Lovato autorizou a construção de uma nova igreja. Dois anos após a construção, ou seja, em 1986 chegou na comunidade a energia elétrica.

OBS.: Não há mais moradores residentes por aqui, e hoje é um local de romaria no mês de maio.

Capela de Nossa Senhora de Caravaggio.  
16/12/2019. Autoria: Anthony Beux Tessari.



Imagens religiosas e ex-votos na capela de Nossa  
Senhora do Caravaggio. 16/12/2019.



## CAPITEL SÃO PEREGRINO, LINHA OITAVA TURVO – 1996

*Texto: Prefeitura Municipal*

Este capitel foi inaugurado em 10/07/1996 e surgiu como uma promessa de Severino Martello em agradecimento pela cura de uma filha que teve aneurisma cerebral. O local escolhido foi cedido ao cumpridor da promessa, por Vitório Cervelin, local que era passagem de todos.

As festas iniciaram em 2005, com o casal de festeiros Lídia Martelo e Domingos Bolzan, agradecendo a cura recebida.

Capitel de devoção pessoal

Fonte: Livro Tombo.

*Capitel São Peregrino. Autoria: Sonia Reginato.*



## CAPITEL DO TAQUARAL, LINHA SÉTIMA – 2014

*Texto: Prefeitura Municipal*

Este capitel é dedicado a Santo Antônio, a Santo Expedito e a Nossa Senhora do Caravaggio. Surgiu a partir de uma promessa feita por José Cecchin que suplicava a estes santos a cura do câncer do seu irmão.

Capitel de devoção pessoal.

Fonte: Pesquisa Oral e livro Tombo.

*Capitel do Taquaral. Autoria: Sonia Reginato.*



## SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL EM PROTÁSIO ALVES

*Texto: Prefeitura Municipal*

Atendendo demanda da Administração Municipal, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul aprovou, no dia 18/8/2020, por unanimidade, o Projeto de Lei 121/2019 do Tribunal de Justiça do Estado do RS que cria o Serviço Notarial e Registral do Município de Protásio Alves, Comarca de Nova Prata, compreendendo os Ofícios de Registro Civil das Pessoas Naturais e Tabelionato de Notas.

Na justificativa, o Poder Judiciário do Estado salientou que, no atual Município de Protásio Alves, antes distrito do Município de Nova Prata, já existiu um Serviço Notarial e Registral (Registro Civil das Pessoas Naturais e Tabelionato de Notas), o qual acabou extinto pela Lei Estadual 8.011/85, e também citou a distância entre o município até a sede da Comarca, Nova Prata.

## PARQUE DA IMIGRAÇÃO – 2020

O Parque da Imigração foi criado pela Lei Municipal número 1.466/2020 e projetado com o objetivo de resgatar e valorizar a história e a cultura da colonização italiana que é predominante no município.

Oferece espaço de 10.600m<sup>2</sup>, infraestrutura que favorece a qualidade de vida aliando lazer, saúde e cultura.

No projeto do Parque foram contempladas, através de analogias, a história e a cultura do Município. O núcleo urbano está representado pelo círculo central que conta a história dos imigrantes que chegaram por volta de 1892 e receberam 387 lotes. Resgatando esse marco cultural, foi construído em basalto, no piso desse círculo o mapa de Protásio Alves, com a divisão dos lotes dos primeiros proprietários que estão identificados na legenda do mural em granito. Todo o basalto utilizado na obra valoriza a economia local e o trabalho de diversas famílias. O formato circular, remetendo à Pérola, simboliza o ciclo da vida, o elo entre o passado e o futuro.

Junto ao mapa está a estátua do Pe. Antônio Serraglia: uma homenagem ao líder religioso, que acompanhou os imigrantes, promotor do desenvolvimento social, econômico e cultural. Esculpida em madeira, em Seren Del Grappa – Itália, cidade natal do Padre, a estátua é um elo entre a Itália e o Brasil e um presente recebido dos amigos italianos.

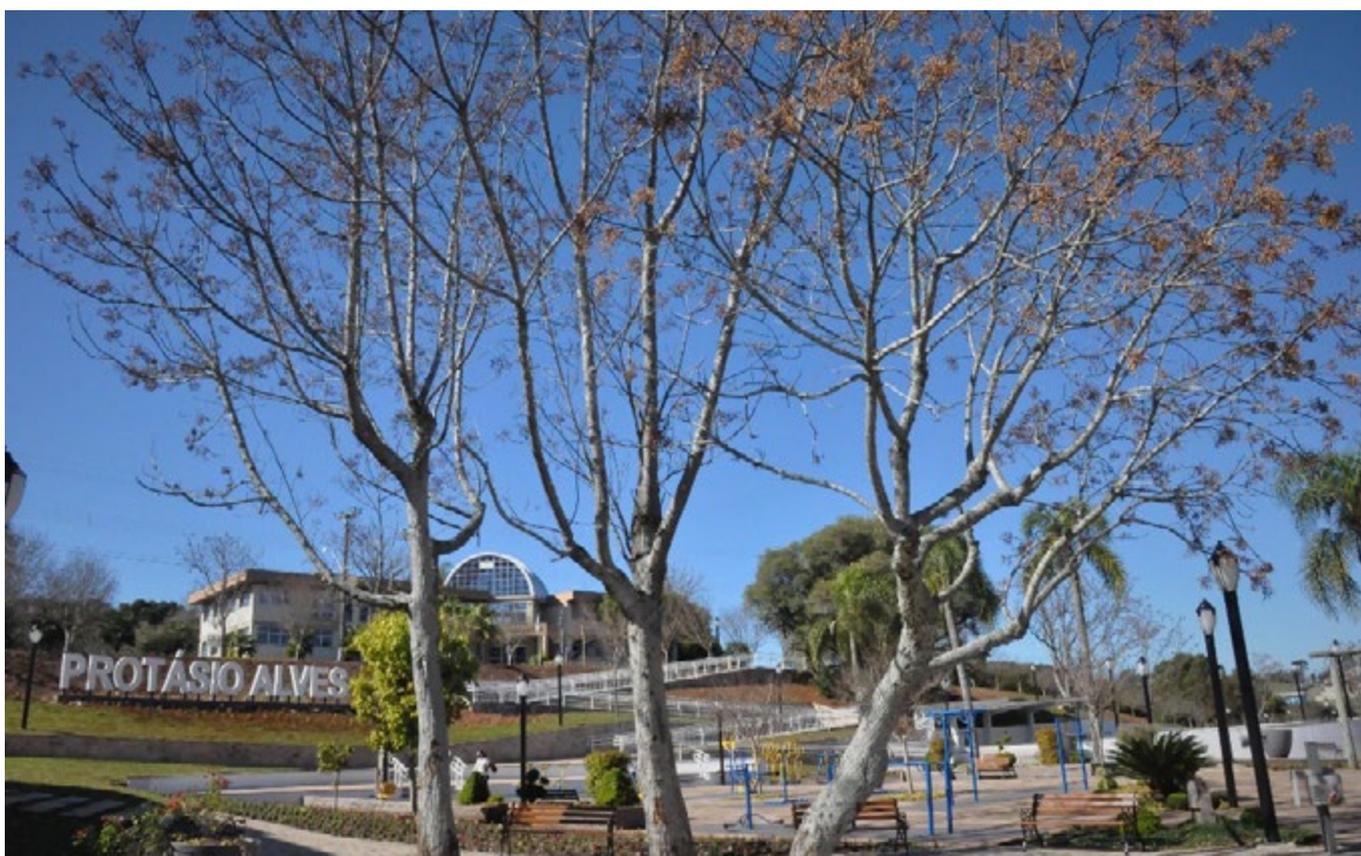
O círculo central é cortado por eixos pavimentados que representam os principais caminhos de acesso ao núcleo urbano utilizados desde a colonização até hoje. Os traços sinuosos definidos pelo paisagismo remetem ao desenho natural dos rios da Prata e Turvo que circundam o nosso território, correndo para um ponto de encontro ao Sul.

O Parque da Imigração é garantia de vivência, preservação e manutenção do patrimônio histórico e cultural para o nosso povo e visitantes que poderão contemplar o espaço interagindo com a história local.

O OLHAR PARA A ORIGEM, retratado no parque, permite ao povo protasioalvense ter orgulho de sua identidade valorizando as raízes culturais e históricas. A obra promove o fortalecimento do vínculo entre dois mundos: Protásio Alves, no Brasil, e Seren Del Grappa, na Itália, além de contribuir para a valorização econômica, social e humana.

O Parque da Imigração é um marco da história, cultura, passado, presente e futuro das pessoas que construíram Protásio Alves. O reconhecimento ao legado de trabalho, vivência e superação. Um local para encontros e descobertas. Um presente à população e aos visitantes.

*Parque da Imigração. Autoria: Sonia Reginato.*



# SÍMBOLOS MUNICIPAIS

**LEI MUNICIPAL Nº. 1.485/2020, DE 16 DE SETEMBRO DE 2020.**

*DISPÕE SOBRE OS SÍMBOLOS DO MUNICÍPIO DE  
PROTÁSIO ALVES - RS, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.*

**José Maximino Spanhol**, Prefeito Municipal de Protásio Alves - RS.

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

## **CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

**Art. 1º** - Ficam consolidados os símbolos de Protásio Alves – RS, em conformidade com o disposto no artigo 3º, na Lei Orgânica Municipal, dispostos abaixo:

- Brasão Municipal;
- Bandeira Municipal;
- Hino Oficial;
- Pérola da Serra Gaúcha.

## **CAPÍTULO II DO BRASÃO MUNICIPAL**

**Art. 2º** - O brasão, adotado como símbolo do município de Protásio Alves – RS, foi elaborado em 1.989, abaixo segue significado da composição do brasão:

Trigo: Representa a agricultura principal fonte de renda do Município.

Trançado: Representa o aproveitamento da palha do trigo em artesanato, resgatando a história e a cultura da imigração italiana, sendo também importante fonte de renda das famílias.

Basalto: Produto encontrado em grande quantidade no Município, fonte geradora de divisas para a economia local.

Ramo verde: Representa a mata nativa, vegetação que eleva o incentivo de preservar a natureza.

Pomba: Representa a paz, o aconchego e a tranqüilidade que o Município oferece em meio a suas riquezas naturais e culturais.

Parágrafo único: É parte integrante desta Lei o anexo I, com o respectivo Brasão.

**Art. 3º** - Os documentos oficiais do município, poderão estampar este símbolo.

### **CAPÍTULO III DA BANDEIRA MUNICIPAL**

**Art. 4º** - A Bandeira Municipal em sua totalidade na cor branca, representa a paz que o município oferece em meio a suas riquezas naturais e culturais, simbolizadas pelo brasão, bem ao centro da Bandeira.

**Art. 5º** - Em conformidade as regras heráldicas, nas reproduções, a Bandeira terá as dimensões oficiais adotadas para a Bandeira Nacional.

**Art. 6º** - As Bandeiras velhas ou rotas, serão incineradas, registrando-se o fato no sistema competente.

**Art. 7º** - A Bandeira Municipal deve ser hasteada de sol a sol, sendo permitido o seu uso durante a noite, uma vez que se encontre convenientemente iluminada; normalmente far-se-á o hasteamento às 7:45 horas e o arriamento às 17 horas.

§ 1º - Quando a Bandeira Municipal é hasteada em conjunto com a Bandeira Nacional, estará disposta à esquerda desta; sendo que se a Estadual for também hasteada, ficará a Nacional ao centro, ladeada pela Municipal à esquerda e a Estadual à direita, colocando-se a Nacional em plano superior às demais.

§ 2º - Quando a Bandeira municipal é distendida sem mastro, em rua ou praça, entre edifícios ou em portas, será colocada ao comprido, de modo que o lado maior do retângulo esteja em sentido horizontal e a coroa mural do brasão, voltada para cima.

§ 3º - Quando aparecer em sala ou salão, por motivo de reuniões, conferências ou solenidade, ficará a Bandeira Municipal distendida ao longo da parede, por trás da cadeira da presidência, ou do local da tribuna, sempre acima da cabeça do respectivo ocupante, observando-se o disposto no § 1º deste artigo, quando colocada em conjunto com as Bandeiras Nacional e Estadual.

**Art. 8º** - A Bandeira Municipal pode ser hasteada nas repartições municipais, nos estabelecimentos de ensino público e particulares, nas instituições particulares de assistência, letras, artes, ciências e desportos:

a) nos dias de festas ou luto Municipal, Estadual ou Nacional;

b) diariamente na fachada dos edifícios sede dos Poderes Legislativo e Executivo Municipal, isoladamente em dias de expediente comum, e em conjunto com as Bandeiras Estadual e Nacional em datas festivas.

**Art. 9º** - Em funeral, para o hasteamento, será levada ao tope do mastro, antes de ser baixada a meio adriça ou meio mastro, e subirá novamente ao tope, antes do arriamento, sempre que conduzida em marcha, o luto será indicado por um laço de crepe atado junto à lança.

Parágrafo Único: Somente por determinação do Prefeito Municipal, será a Bandeira Municipal hasteada em funeral, através de Decreto Municipal.

**Art. 10** – Poderá ser distendida sobre caixão mortuário de cidadão que tenha direito a esta homenagem.

**Art. 11** - Os estabelecimentos de ensino municipal, deverão manter a Bandeira Municipal em lugar de honra, quando não esteja hasteada, do mesmo modo procedendo-se com a Bandeira Nacional ou Estadual.

**Art. 12** - É terminantemente proibido o uso da Bandeira Municipal para servir como pano de mesa em solenidades, devendo obedecer o previsto no § 3º do artigo 7º da presente Lei.

**Art. 13** - É proibido o uso e hasteamento da Bandeira Municipal, em locais considerados inconvenientes pelos poderes competentes.

Parágrafo único: É parte integrante desta Lei o anexo II, com a respectiva Bandeira.

## **CAPÍTULO IV DO HINO OFICIAL**

**Art. 14** – Fica incorporado como símbolo do município, o Hino Oficial de Protásio Alves, que reverencia a história dos imigrantes, o orgulho de ser protasioalvensense e as preciosidades desta Terra, com letra de autoria da Srª. Vania Maria Dall’Agnol Spanhol, que foi a vencedora do Concurso instituído pela Lei Municipal nº. 1.357/2018, de 28 de março de 2018, publicado através do edital datado de 27/04/2018, julgado pela comissão instituída através do Decreto Executivo nº. 569/2018, de 02 de julho de 2018. A Música de Iguatemi da Silva Lamenzon e arranjos de Giovani Dal Mas. O Lançamento do Hino Oficial foi realizado com uma grande solenidade no dia 28/04/2019, na semana das festividades do 31º Aniversário do Município.

Parágrafo único: É parte integrante desta Lei o anexo III com o respectivo Hino Oficial.

## CAPÍTULO V PÉROLA DA SERRA GAÚCHA

**Art. 15** – Fica consolidado o símbolo da Lei Municipal nº. 1.478/2020, de 08 de julho de 2020, que reconhece o Município de Protásio Alves – RS, como “Pérola da Serra Gaúcha”, e dá outras providências.

Parágrafo único: É parte integrante desta Lei, o anexo IV com o respectivo símbolo da Pérola da Serra Gaúcha.

**Art. 16** - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES-RS,  
em 16 de setembro de 2020.

José Maximino Spanhol  
Prefeito Municipal

. . .

Protásio Alves é reconhecida como a “Pérola da Serra Gaúcha”, denominação sancionada pela lei municipal número 1.478/2020, de 08 de julho de 2020:

Reconhece o Município de Protásio Alves-RS como a Pérola da Serra Gaúcha, adota o símbolo Pérola da Serra Gaúcha, e dá outras providências.

José Maximino Spanhol, Prefeito Municipal de Protásio Alves - RS.

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

**Art. 1º** Fica reconhecido como “PÉROLA DA SERRA GAÚCHA” o Município de Protásio Alves-RS, e adota o símbolo Pérola da Serra Gaúcha.

Parágrafo único. O símbolo, conforme consta do anexo único da presente Lei, sendo desta parte integrante, representa no abraço uma concha com a pérola sendo elevada e o nascer do sol por trás dos vales. As cores escolhidas para representar o município são: o Azul, que representa as águas que em seus entornos revelam belezas naturais; o Amarelo que representa o artesanato típico em palha de trigo e o Marrom que representa a tradição, a cultura, a canção italiana e as terras férteis.

**Art. 2º** O reconhecimento torna-se referência para o Município que é um pequeno tesouro guardado em meio à vegetação nativa, vales e águas dos Rios da Prata e Rio Turvo que circundam todo o território. Assim, em meio às águas, o município, como

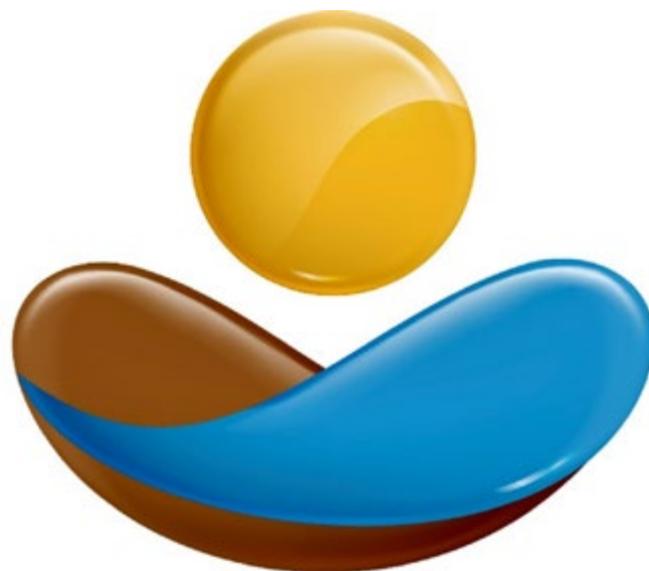
uma ostra, guarda os encantos e preciosidades que aqui se desenvolveram marcados pelas dificuldades e trabalho árduo dos primeiros imigrantes italianos. Aqui, os colonos imigrantes trabalharam, semearam vida, fartura e alegria. Através da música, a dificuldade era aliviada e transformada em diversão. Protásio Alves é reconhecido por ter o Festival da Canção Popular Italiana mais antigo do Brasil. Hoje, a pérola, joia esculpida a partir desses grandes desafios, é representada pela tranquilidade, segurança, riquezas e belezas naturais, gastronomia farta, aconchego, artesanato em trança feita da palha do trigo e a Canção Italiana que são valiosos encantos de Protásio Alves.

Art. 3º Todos os documentos oficiais, programas, projetos e logo dos órgãos da Administração Municipal, poderão estampar Protásio Alves - RS, "PÉROLA DA SERRA GAÚCHA", utilizando o respectivo símbolo.

Art. 4º Esta Lei Municipal entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PROTÁSIO ALVES-RS,  
em 08 de julho de 2020.

José Maximino Spanhol  
Prefeito Municipal



PÉROLA DA SERRA GAÚCHA  
PROTÁSIO ALVES

## **Hino do Município de Protásio Alves**

Letra: Vania Maria Dall’Agnol Spanhol

Música: Iguatemi Lamenzon

*Preciosa Pérola da Serra  
Protásio Alves, berço de amor!  
Pequena joia que encerra  
Encantos mil, virtude e valor!*

*Doce sonho do imigrante  
Que adentrou matas com bravura,  
Exemplo de fé e trabalho  
Semeando vida e fartura.*

*Salve, 29 de Abril!  
Salve, terra independente!  
Surge a bela Protásio Alves,  
Orgulho de toda gente. (2x)*

*Mãe do Rosário, Padroeira,  
Abençoa os filhos teus!  
Conserva Protásio Alves  
Na doce proteção de Deus.*

*Entre vales e águas serenas,  
Verdes montes, canções e trança,  
Teu povo trabalha e produz  
O progresso, a paz e a esperança!*

*Salve, 29 de Abril!  
Salve, terra independente!  
Surge a bela Protásio Alves,  
Orgulho de toda gente. (2x)*

## SOBERANAS DO MUNICÍPIO DE PROTÁSIO ALVES

A Lei Municipal nº 1.083/2013, de 24 de abril de 2013, instituiu a Escolha das Soberanas do Município de Protásio Alves. Até o presente, três Cortes foram escolhidas, sendo:

*1ª Corte escolhida em 2013: Rainha - Raquel Lorencet, 1ª Princesa- Ana Flávia Baccarin Ferreira, 2ª Princesa - Amanda Prestes.*



*2º Corte escolhida em 2015: Rainha - Mariana Stella Baccarin,  
1ª Princesa - Ana Carla Baccarin Ferreira, 2ª Princesa - Fabiane Costa.*



3ª Corte escolhida em 2018: Rainha - Nathália Suelen Peruzzo,  
1ª Princesa- Tamara Dall'Agnol, 2ª Princesa- Bruna Tavariol Martello.



## REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA do Estado do Rio Grande do Sul. **Os novos municípios gaúchos**: Protásio Alves. Porto Alegre, RS: Alegre, 1988.
- BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia Política**. 2006, n.26, pp.31-39.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- COSTA, Armelindo. Família Costa. [S.l]: [s.n.], 2005.
- COSTA, Aryana. "História Local". IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Dias de. **Dicionário de Ensino De História**. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2019.
- DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2011.
- DELGADO, Lucilia; FERREIRA, Marieta. História do tempo presente. IN: **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, 2013, p. 19-34.
- DORNELES, Soraia. **De Coroados a Kaingang**: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX. Dissertação Mestrado em História: UFRGS, 2011.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. **Brava e buona gente, cem anos pelo Brasil**. Florianópolis, SC: Editora do Autor, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **História da imigração no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.
- GUADAGNIN, Eni Maria. **Ibiraiaras**: sua terra e sua gente. Passo Fundo: Editora Berthier, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.
- LUCHESE, Terciane Ângela. Autoridades locais e imigrantes italianos: conflitos e consensos. **História** [online]. 2010, vol.29, n.1, pp.308-327.
- MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: EST, 2001.
- NÓVOA, Antônio. "A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português". In: CATANI, D. B.; Bastos, M. H.C. (Orgs). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acessado em 5/5/2020.

PANOZZO, João. **No coração da colônia Nova Roma do Sul: 125 anos de história**. Caxias do Sul: AMZ Editora, 2016.

POSSAMAI, Paulo. '**Dall'Italia siamo partiti**': a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo - Campus Universitário, 2005.

SCHNEIDER, Adolfo. **Recordar é viver**. In: *Jornal A Voz do Prata*, 1960.

SPANHOL, Vania Maria Dall'Agnol. **Colcha de retalhos...**: resgate de conhecimentos da Terceira Idade de Protásio Alves. Orações, quadrinhas, poesias, provérbios, histórias, brincadeiras de infância. Protásio Alves: [s.n.], 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XERRI, Eliana Gasparini. **Nova Prata: uma incursão na história**. Caxias do Sul: Educus, 2004.

### **Fontes orais**

Entrevista com Maria Caregnato Turani (Dona Irene). Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Ivani Inês Balzan Bolzan. Protásio Alves, 11/10/2019.

Entrevista com Nilo Stella e Selina Anita Alberici Stella. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Elisabete Amália Ferreira Prigol. Protásio Alves, 12/10/2019.

Entrevista com Albino Francison, Gessy Cecchin Ferreira e Hermes Jacinto Ferreira. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Elisabete Amália Ferreira Prigol. Protásio Alves, 12/10/2019.

Entrevista com Valdomiro Solstisso e Líbera Prigol Solstisso. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 12/10/2019.

Entrevista com Antônio Cecagno. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 12/10/2019.

Entrevista com Sílvio Luiz Bolzan. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 12/10/2019.

Entrevista com Domingos Donadello e Zenilda Donadello. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Agustinho Costa. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com João Nacir Lorencet e Elida Lorencet. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Agustinho Costa. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com Margarida Fracasso Scapinelli e Luiz Scapinelli. Entrevistador: Anthony

Beux Tessari, acompanhado de Agustinho Costa. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com Ricardo Ferreto Leon. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com Lourdes Pegoraro. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com João Spanhol e Graciema Spanhol. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com Sabino (Luiz) Dall'Agnol. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 27/11/2019.

Entrevista com Jorge Jacques e Silvana Maria Ribeiro Coitinho Jacques. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Ivani Inês Balzan Bolzan. Protásio Alves, 5/12/2019.

Entrevista com Libera (Joana) Maria Capellaro Castagna. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Ivani Inês Balzan Bolzan. Protásio Alves, 5/12/2019.

Entrevista com Olga Maria da Silva Mota. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Ivani Inês Balzan Bolzan. Protásio Alves, 5/12/2019.

Entrevista com Italino Rosin e Rosa Gema Tremarin Rosin. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Elisabete Amália Ferreira Prigol. Protásio Alves, 5/12/2019.

Entrevista com João Costa e Sueli Costa. Entrevistador Anthony Beux Tessari, acompanhado de Elisabete Amália Ferreira Prigol. Protásio Alves, 5/12/2019.

Entrevista com Restilde Donadello e Angela Donadello. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Agustinho Costa. Protásio Alves, 9/12/2019.

Entrevista com Albino José Lorenset e Percedes Brancalione Lorenset. Entrevistador: Anthony Beux Tessari, acompanhado de Agustinho Costa. Protásio Alves, 9/12/2019.

Entrevista com Natal (Sabino) Dall'Agnol. Entrevistador: Anthony Beux Tessari. Protásio Alves, 9/12/2019.

Entrevista com Albino Angelo Porta. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 9/12/2019.

Entrevista com Aldo Cecagno. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 9/12/2019.

Entrevista com Albino Cassol e Rosalina Maria Dall'Agnol Cassol. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri, acompanhados de Vania Dall'Agnol Spanhol. Protásio Alves, 9/12/2019.

## SOBRE OS AUTORES

### **Anthony Beux Tessari**

Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor da Área do Conhecimento de Humanidades e do Curso de História da UCS. Diretor do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS.

### **Eliana Gasparini Xerri**

Mestre em História e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora da Área do Conhecimento de Humanidades e do Curso de História da UCS. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UCS – Mestrado e Doutorado Profissional.



NO PARQUE DA IMIGRAÇÃO, EM MEIO À HISTÓRIA REGISTRADA NO BASALTO, AOS NOMES DOS QUE CONSTRUÍRAM ESTE MUNICÍPIO E ÀS FLORES QUE TRADUZEM ESPERANÇA, ENCONTRAMOS O RELÓGIO QUE SINALIZA QUE ESTAMOS NA PÉROLA DA SERRA GAÚCHA E LEMBRA-NOS QUE TUDO TEM SEU TEMPO.

COMO A CONTEMPLAR O QUE SURTIU, ENCONTRAMOS O PADRE ANTÔNIO SERRAGLIA, DOCE LEMBRANÇA DO PEQUENO GRANDE HOMEM QUE CUIDOU DO CORAÇÃO, DA ALMA E DO CORPO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES. ELE ESTÁ SENTADO COMO OUTRORA ESTAVA. É UM CONVITE PARA VER O TEMPO PASSAR E SE EMOCIONAR COM AS VIVÊNCIAS DOS QUE OLHAM PARA SUAS ORIGENS E SENTEM ORGULHO DE ONDE ESTÃO E DE SER QUEM SÃO. OS PONTEIROS ACOMPANHAM O PASSAR DO TEMPO OU SERÁ O CONTRÁRIO? SERÃO MESES, ANOS, DÉCADAS... ALGUNS IRÃO, OUTROS VIRÃO E O DESTINO DOS QUE ESTÃO MOSTRARÁ QUE PRETÉRITO E FUTURO ESTÃO JUNTOS NESTE NOSSO PRESENTE!

